

**MÁRCIA MARIA APARECIDA ALVES DE
SOUSA**

**TRADUÇÃO E IDENTIDADE: UMA
ABORDAGEM DISCURSIVA DE “A HORA DA
ESTRELA”, DE CLARICE LISPECTOR**

TRÊS LAGOAS - MS

2011

**MÁRCIA MARIA APARECIDA ALVES DE
SOUSA**

**TRADUÇÃO E IDENTIDADE: UMA
ABORDAGEM DISCURSIVA DE “A HORA DA ESTRELA”,
DE CLARICE LISPECTOR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras. Área de Concentração: Estudos Linguísticos do Câmpus de Três Lagoas, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Letras.

**Orientadora: Prof^a. Dr^a. Vânia Maria Lescano
Guerra**

TRÊS LAGOAS - MS

MARÇO/ 2011

Márcia Maria Aparecida Alves de Sousa

**TRADUÇÃO E IDENTIDADE: UMA ABORDAGEM DISCURSIVA DE
“A HORA DA ESTRELA”, DE CLARICE LISPECTOR**

TERMO DE APROVAÇÃO

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Vânia Maria Lescano Guerra

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/CPTL

Prof^ª. Dr^ª. Maria José Rodrigues Faria Coracini

Universidade Estadual de Campinas/IEL

Prof. Dr. Edgar César Nolasco

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/CCHS

DEDICATÓRIA

Aos meus amados pais, João e Benedita, pelo amor incondicional, pelo exemplo de vida e por sempre me incentivarem a estudar.

Ao Fernando, meu amado esposo, por sempre estar ao meu lado incentivando-me a crescer intelectualmente.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado vida e saúde para alcançar meus objetivos.

À minha orientadora, Prof^ª. Dr^ª. Vânia Maria Lescano Guerra, pela paciência, dedicação, orientação segura, pelos ensinamentos que me fizeram refletir e crescer intelectualmente. Muito obrigada, professora Vânia, pela honra de ser sua orientanda! Sempre me lembrarei da senhora com carinho e admiração!

Aos meus pais que sempre me apoiaram e incentivaram, sobretudo minha mãe, companheira incansável de viagem. Muito obrigada mesmo!

Aos professores Marlene Durigan e Edgar César Nolasco pelas contribuições por ocasião do exame de qualificação.

Ao meu esposo Fernando, por me apoiar e incentivar sempre.

Aos professores do programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, pelos conhecimentos adquiridos e pelo crescimento intelectual.

Ao Claudionor e às secretárias, por sempre me atenderem com prontidão e por serem atenciosos.

Aos meus familiares, por acreditarem em mim e entenderem minhas ausências. Especialmente a minha querida tia Izo, pelo incentivo constante e por sempre me ajudar.

Às minhas queridas amigas do Centro de Estudos de Línguas (CEL) de Araçatuba, pela amizade sincera, companheirismo e por me auxiliarem durante minhas ausências.

Aos amigos Solange Contrera e Victor Márquez, por terem estudado inglês comigo para o exame de proficiência.

À minha coordenadora da FATEB (Faculdade de Ciências e Tecnologia de Birigui), Ana Cristina de Souza Marin, pelo apoio, incentivo, amizade e colaboração.

Aos meus amigos Adair, Vanessa, Paulo, Eliane, Débora e Nubinéia, por me ajudarem nos momentos de aflição que perpassaram a difícil tarefa da escrita.

Aos meus queridos alunos, que são minha fonte de inspiração para buscar aprender mais e, conseqüentemente, poder ensinar melhor.

Aos meus queridos companheiros do Mestrado, sobretudo as amigas Elza e Juliana, por estarem sempre ao meu lado demonstrando amizade sincera e companheirismo.

Não se preocupe em entender! viver ultrapassa todo entendimento. (Clarice Lispector)

SOUSA, Márcia Maria Aparecida Alves de. *Tradução e Identidade: uma abordagem discursiva de “A hora da estrela”, de Clarice Lispector*. Três Lagoas: Campus de Três Lagoas, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2011. 137f. (Dissertação de Mestrado)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar aspectos do discurso literário de Clarice Lispector em “recortes” (ORLANDI, 2006) da obra *A hora da estrela* e da sua tradução *La hora de la estrella*, realizada por Ana Poljak, visando problematizar as representações sociais do discurso literário, bem como investigar as práticas de subjetivação ligadas à constituição da identidade da mulher, via personagem de Macabéa. Como base teórico-metodológica, buscamos, para análise dos dados, subsídios na Análise do Discurso de linha francesa (AD), cujos pressupostos teóricos nos auxiliaram na análise das formações discursivas (FD), do interdiscurso, da referencialidade discursiva, da heterogeneidade e dos efeitos de sentido articulados no Texto de Partida (TP), versão em língua portuguesa, e no Texto de Chegada (TC), versão em língua espanhola. Ressaltamos que nos apoiamos, também, nos Estudos da Tradução cultural e que, ao longo deste trabalho, se estabelecem diálogos relevantes com os Estudos Culturais, cujo aporte teórico nos auxiliou a analisar questões relativas à identidade, à subalternidade, à exclusão e às relações de poder que perpassam o discurso literário de Lispector. Como resultados parciais, verificamos que, na identificação de Macabéa, destacam-se, como marcas subjetivas no discurso, a profissão de datilógrafa, a questão da virgindade, a ignorância e a insignificância na sociedade da época e a busca de identificação com os ícones simbólicos transnacionais como, por exemplo, a Coca-Cola, o McDonald e Marylin Monroe. Observamos que a virgindade, para a personagem, constituía uma forma de poder, via resistência à sociedade constituída de sua época, na qual ela fazia parte da massa subalterna. Ao examinarmos as FD que perpassam os recortes analisados, vislumbramos as FD da exclusão, do discurso sobre a virgindade, da globalização, do capitalismo, da mídia, entre outras, que nos auxiliaram a examinar os traços identitários da personagem. Quanto à tradução, constatamos diversos aspectos de afastamento entre o TP e o TC que nos fizeram refletir sobre a importância da tradução cultural para a comunicação intercultural. Vale ressaltar que este trabalho, ao examinar a tradução para a língua espanhola, tem por meta, também, contribuir para uma revisão mais rápida do cânone no Brasil, assim como expandir a discussão de temas cada vez mais recorrentes na cultura e na literatura. Esta dissertação é composta por: Introdução, Capítulos I, II e III e Conclusão. Na Introdução, esboçamos os objetivos desta pesquisa, a hipótese, a metodologia, os principais aportes teóricos e o estado da arte; No capítulo I, tratamos das condições de produção de *A hora da estrela* e vida e obra de Clarice Lispector; No Capítulo II, trazemos o aporte teórico da AD, dos Estudos Culturais e dos Estudos da Tradução; No Capítulo III, realizamos a análise dos dados e, por fim, na conclusão apresentamos os resultados obtidos nesta pesquisa.

Palavras –chave: Análise do Discurso; Identidade; Estudos Culturais; Estudos da Tradução.

SOUSA, Márcia Maria Aparecida Alves de. Traducción e Identidad: un abordaje discursivo de “A hora da estrela”, de Clarice Lispector. Três Lagoas: Campus de Três Lagoas, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2011. 137f. (Disertación de Maestría)

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo analizar aspectos del discurso literario de Clarice Lispector en “recortes” (ORLANDI, 2006) del libro *A hora da estrela* y de su traducción *La hora de la estrella*, realizada por Ana Poljak, buscando plantear las representaciones sociales del discurso literario, así como investigar las prácticas de subjetivación relacionadas a la constitución de la identidad de la mujer, vía el personaje de Macabéa. Como base teórico-metodológica, buscamos, para el análisis de los datos, el aporte del Análisis del Discurso de línea francesa (AD), cuyos postulados teóricos nos auxiliaron en el análisis de las formaciones discursivas (FD), del interdiscurso, de la referenciación discursiva, de la heterogeneidad y de los efectos de sentido articulados en el Texto de Partida (TP), versión en lengua portuguesa, y en el Texto de Llegada, versión en lengua española. Resaltamos que nos apoyamos, también, en los Estudios de la Traducción y que, a lo largo de este trabajo, se establecieron diálogos relevantes con los Estudios Culturales, cuyo aporte teórico nos auxilió a analizar cuestiones relativas a la identidad, a la subalternidad, a la exclusión y a las relaciones de poder que tocan el discurso literario de Lispector. Como resultados parciales, verificamos, que en la identificación de Macabéa, se destacan, como marcas subjetivas en el discurso, la profesión de mecanógrafa, la cuestión de la virginidad, la ignorancia y la insignificancia en la sociedad de la época y la búsqueda de identificación con los íconos simbólicos transnacionales como, por ejemplo, la Coca-Cola, el Mc Donald y Marylin Monroe. Observamos que la virginidad, para el personaje, constituía una forma de poder, vía resistencia a la sociedad constituida de su época, en la cual ella formaba parte de la masa subalterna. Al examinar las FDs que aparecen en los recortes analizados, constatamos FD de la exclusión, del discurso acerca de la virginidad, de la globalización, del capitalismo, de la media, entre otras, que nos auxilian a examinar los rasgos identitarios del personaje. En relación a la traducción, constatamos diversos aspectos de alejamiento entre el TP y el TC que nos hicieron reflexionar acerca de la importancia de la traducción cultural para la comunicación intercultural. Es importante decir que este trabajo, al examinar la traducción al español, tiene por meta, también, contribuir para una revisión más rápida del canon en Brasil, así como expandir la discusión de temas cada vez más recurrentes en la cultura y en la literatura. Esta disertación es compuesta por: Introducción, Capítulos I, II y III, y Conclusión. En la Introducción presentamos los objetivos de esta pesquisa, la hipótesis, la metodología, los principales aportes teóricos y un breve resumen de algunos trabajos acerca de La Hora de la Estrella; En el Capítulo I, tratamos de las Condiciones de Producción de La hora de la estrella; En el Capítulo II, traemos el aporte teórico de la AD, de los Estudios Culturales y de los Estudios de la Traducción; En el Capítulo III, realizamos el análisis de los datos y, por fin, en la conclusión presentamos los resultados logrados en esta pesquisa.

Palabras clave: Análisis del Discurso; Identidad; Estudios Culturales; Estudios de la Traducción.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I	
1 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO DE <i>A HORA DA ESTRELA</i>	19
1.1 A trajetória de Lispector - vida e obra.....	21
1.2 Condições de produção da novela <i>A hora da estrela</i>	28
CAPÍTULO II	
1 OS TRÊS PILARES DA ANÁLISE: ANÁLISE DO DISCURSO, ESTUDOS CULTURAIS E ESTUDOS DA TRADUÇÃO.....	34
1.1 Algumas noções da Análise do Discurso francesa.....	36
1.2 A Materialidade do discurso literário marcada pela referenciação.....	47
2 Algumas considerações sobre os Estudos Culturais.....	49
2.1 A Identidade nos trilhos do feminismo.....	56
3 A Cultura nos entremeios da tradução.....	62
CAPÍTULO III	
1 O UNIVERSO DISCURSIVO DE <i>A HORA DA ESTRELA</i> E DE <i>LA HORA DE LA ESTRELLA</i>	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS	121
REFERÊNCIAS	127
ANEXO	133
1. Memorial descritivo.....	134

INTRODUÇÃO

O objetivo geral desta dissertação foi, a partir de recortes (ORLANDI, 2006) da novela *A hora da Estrela*, de Clarice Lispector, e de sua tradução, intitulada *La hora de la estrella*, realizada por Ana Poljak, problematizar as representações sociais do discurso literário, pois interessou-nos estudar a visibilidade que a obra obteve, a partir de conceitos como esfera pública, representação social, sujeito e relações de poder, na investigação das práticas de subjetivação que os dois textos mobilizam, especialmente as práticas discursivas ligadas à constituição da identidade da mulher.

Assim, analisamos, por meio de noções provenientes da AD, dos Estudos Culturais e dos Estudos da Tradução, as implicações desse processo tradutório, sobretudo porque se trata de um discurso polêmico, como a maioria dos textos de Lispector. Estudar o texto de partida (TP), versão original em português, e o texto de chegada (TC), versão traduzida à língua espanhola, por meio da materialidade linguística, a partir das marcas referenciais, no reconhecimento do interdiscurso, da polifonia e marcas linguísticas e discursivas, nos levou a entender algumas questões ligadas à exclusão feminina na novela em questão.

A busca incessante por desvendar os mistérios que tornam o discurso literário ao mesmo tempo fascinante e polêmico nos conduziu pelos caminhos dos Estudos Culturais, dos Estudos da Tradução e da Análise do Discurso de linha francesa (AD). Tais disciplinas, apesar de possuírem suas peculiaridades, cruzaram-se nas trilhas do discurso literário, e nos auxiliaram na problematização deste.

Nessa direção, na esteira de Coracini (2010), cada discurso a ser analisado – materialização linguística que integra a formação discursiva (FOUCAULT, 2008) – orientado pelos objetivos desta pesquisa, exige que diferentes áreas do conhecimento sejam mobilizadas. Vale dizer que não se trata simplesmente de recorrer a outras disciplinas, menos ainda de nos servirmos, como estudiosos das teorias do discurso, de cada uma tomando-as na sua integralidade, “mas de puxar os fios de que necessitamos, para, com eles, tecermos a teia de nossa rede teórica, transformando, assim, esses fios, ao mesmo tempo em que nosso olhar é transformado por eles”. Para a autora (2010, p. 93), “são esses fios que nos ajudarão a analisar a materialidade linguística”; contudo “é preciso que alguns aspectos sejam respeitados, ou melhor, que as noções de sujeito e de linguagem assumidas por cada disciplina não sejam incompatíveis entre si” (p.94).

Vamos estudar as condições de produção do discurso clariciano, verificar as formações discursivas presentes e marcas da heterogeneidade enunciativa que possam nos auxiliar na interpretação e entendimento do processo identitário em pauta.

Antes, porém, tratamos brevemente de alguns trabalhos cujo *corpus* foi essa mesma novela, porém com diferente perspectiva. Edson Ribeiro da Silva, em sua dissertação de Mestrado intitulada *A enunciação em A hora da Estrela*, defendida em 2005, na Universidade Estadual de Londrina (UEL), analisou a enunciação sob o prisma das teorias de Bakhtin, buscando evidenciar os efeitos de sentido presentes no discurso literário. O autor analisa não só as estratégias enunciativas, mas também a ironia, a heterogeneidade discursiva, a polifonia, a intertextualidade.

Em 2009, Carlos Vinícius Figueiredo defendeu a dissertação intitulada *O direito ao grito: A hora do intelectual subalterno em Clarice Lispector*, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. O autor buscou, nos Estudos da Subalternidade, o aporte necessário para refletir sobre questões sociais e culturais que permeiam a novela *A hora da estrela*. Esse estudo, segundo ele, auxilia também a compreender questões sociais e culturais no contexto latino-americano.

Outra dissertação sobre a novela *A hora da estrela* foi a de Márcia Breguês Marques da Silva intitulada *A Hora da Estrela: O Eu e O Outro - um estudo da dêixis e da alteridade*. Nessa dissertação, defendida na Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo, a autora realiza uma análise da identidade de Macabéa, por uma vertente linguístico-discursiva, buscando pistas na análise dos dêiticos para compreensão da posição ideológica do narrador e, conseqüentemente, a compreensão da constituição da identidade feminina na novela.

Na área da Psicologia, no ano de 2001, Denise da Silva Stucchi, da Universidade Federal de Santa Catarina, escreveu a dissertação *Processos de subjetivação no contexto urbano a partir do texto literário*. O estudo traz considerações sobre a valorização do psicológico na literatura moderna, a estranheza dos lugares, a condição humana contemporânea no mundo globalizado, bem como abrange a relação entre cidade e literatura, mostrando que a última pode provocar uma renovação das relações no contexto urbano por meio do discurso que, ao provocar reações diversas nos leitores, pode levar à (re)significação de seus processos subjetivos, incitando mudanças, até mesmo na sua relação com o diferente.

Evandro César Cantária da Silva, em 2006, defendeu a dissertação *O Judaísmo Encalacrado: Mística e Religião em A hora da estrela*, na área de Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, Faculdade de Ciências e Religião. Nessa dissertação, o autor estabeleceu um diálogo entre literatura e religião, concentrando o âmbito de sua pesquisa nas relações entre a escritura de Clarice Lispector e as ressonâncias de uma tradição (judaísmo) que, embora não tenha sido assumida pela autora, percorre toda sua obra. O autor procurou compreender como o drama da narrativa, com todas as suas peculiaridades, sinaliza também um profundo problema com a religião. O foco é a personagem Macabéa, em que o autor buscou entender como as referências da personagem e tudo que a envolve revelam um problema de ordem teológica, demonstrando os erros de uma sociedade que é guiada e fundada pela religião, mas que massacra os mais fracos. Silva finaliza seu trabalho levantando uma discussão ética sobre os valores teológicos da sociedade e seus equívocos, ante a vida e a morte da protagonista Macabéa.

Vale mencionar, ainda, a dissertação de Marta Francisco de Oliveira defendida em 2005, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, intitulada *Que quer dizer cultura?: Uma leitura cultural de A hora da estrela, de Clarice Lispector*. Nesse estudo, por meio de subsídios teóricos dos Estudos Culturais e dos Estudos da Tradução, a autora discute questões relativas à cultura, identidade, identidade nacional, ao mundo globalizado, entre outras.

Posto isso, nosso interesse por esta pesquisa justifica-se pelo fato de não termos encontrado nenhum estudo, em âmbito nacional, que empreendesse a análise da constituição da identidade da mulher, via personagem Macabéa, tendo um referencial teórico que aliasse a Análise do Discurso Francesa (AD), os Estudos Culturais e os Estudos da Tradução. Ademais, julgamos relevante o estudo de nosso *corpus*, pois sabemos a amplitude dessa novela de cunho social, ao abordar questões polêmicas que permeavam o universo feminino na década de 1970.

A hipótese que nos motiva a empreender este estudo é a de que o discurso clariciano é altamente polêmico e, por meio dele, Lispector critica a forma como a sociedade da década de 1970, ainda sobre o agravante da ditadura, subjugava as mulheres, que não eram vistas nem ouvidas em nosso país, tendo suas identidades marcadas por relações de poder e por influência da cultura de massa.

Nosso *corpus* é composto por 20 recortes do Texto de Partida (TP) *A hora da estrela* e 20 recortes do Texto de Chegada (TC) *La hora de la estrella*, por meio dos quais almejamos examinar, entre outras coisas, a tradução cultural, visando ao exame dos aspectos de aproximação e de afastamento entre ambos. Com isso, procuramos entender os efeitos de sentido que permeiam o TP e o TC, bem como refletir sobre o papel do tradutor como intelectual, ao transferir para outra língua elementos culturais, sociais e relações de poder inseridas no TP que, por serem semelhantes em sua estrutura, passam a comprometer-se com a subjetividade, com a ordem e os sentidos do texto original.

Tendo em vista que vamos trabalhar com recortes, importa esclarecer que o conceito de “recorte” é o de Orlandi (2006, p. 22), para quem “[...] ao se passar para o texto como unidade de discurso, se passa da operação de segmentação para a de recorte. Passa-se da distribuição de segmentos para a relação das partes com o todo, em que se procuram estabelecer, através dos recortes, unidades discursivas.”

Para fins metodológicos, os recortes virão com uma indicação, por exemplo: HE R1, equivale a recorte 1 da obra *A hora da estrela*, já HEL R1 equivale a recorte 1 da obra *La hora de la estrella*.

Quanto à seleção dos recortes, escolhemos trechos em que Rodrigo S.M., narrador-personagem, criado por Clarice Lispector, fala sobre Macabéa, a protagonista, e ainda trechos raros em que ela se manifesta para, assim, podermos ouvir sua voz.

Para análise dos dados, diversos conceitos dessas três áreas do conhecimento serão mobilizados, ao longo do desenvolvimento desta dissertação, mas desde já ressaltamos o fato de que, para a (AD), o discurso não deve ser estudado desvinculado de suas condições de produção (CP). Nessa perspectiva, Orlandi (2007a, p.16) afiança que se faz necessário estabelecer uma relação entre linguagem, história e ideologia, isto é, relacionar a língua com sua exterioridade. Assim, neste estudo, emerge a necessidade de estudar as CP do discurso literário de Clarice Lispector em *A hora da estrela*.

Pêcheux (1969, p. 81-83), partindo do esquema de Jakobson (1963), no qual são colocados em cena os participantes do discurso e seu referente, no intento de definir as CPs, assevera que, entre os interlocutores, são estabelecidas regras e normas: entre si e dos lugares que ocupam em determinada formação social. Dessa forma, há uma série de formações imaginárias que determinam o lugar que os interlocutores do discurso atribuem a si e aos

outros, ou seja, a imagem que fazem do lugar que ocupam e do lugar do outro, bem como a imagem que os interlocutores fazem do referente.

Neste estudo, propomos, sobretudo, problematizar o discurso literário de Lispector, tendo em vista suas peculiaridades linguísticas, abordando, entre outras coisas, o processo de referenciação discursiva. Para tanto, entendemos com Cardoso (2003) que a referência é a relação entre a língua e sua exterioridade, sendo uma relação necessária para que a linguagem tenha seu valor. Quanto ao referente, Cardoso (2003, p.1) assevera que “é o objeto a que a linguagem visa, com o objetivo de descrevê-lo, transformá-lo, ou mesmo, segundo se verá, de constituí-lo”. Para a autora (2003, p.1), “O referente é necessário para que a palavra tenha um valor, não se volte para si mesma, mas se volte para algo que lhe é exterior”.

A questão da referência, segundo Cardoso (2003), emerge na AD quando Pêcheux e Fuchs (1975) abordam a questão do sujeito, afirmando ser esse afetado por dois tipos de esquecimento, em síntese: o esquecimento nº1 diz respeito ao fato de o sujeito ter a ilusão de ser fonte exclusiva de seu discurso e o esquecimento nº2 que faz que o sujeito pense que tudo o que diz tem apenas um significado e, por isso, imagina que todo interlocutor captará o que ele diz da mesma forma.

Para Cardoso (2003), o esquecimento da referência é o nº2, pois para a autora (2003, p. 131-132),

O sentido de uma palavra, expressão ou proposição, não existe em si mesmo, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo socioistórico em que as palavras, expressões, proposições mudam de sentido segundo posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que significa que elas tomam o seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formulações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem. No entanto, o sujeito, afetado pela ideologia, não tem consciência disso, acreditando que o seu discurso reflete um conhecimento objetivo da realidade.

Para este estudo, o processo de referenciação aliado aos Estudos Culturais, aos Estudos da Tradução e às Condições de Produção, nos auxiliará a delinear a identidade feminina na novela em questão, a partir da materialidade linguística.

Quanto ao conceito de sujeito do discurso, apoiamo-nos em Pêcheux (1988, p. 155), para quem o indivíduo se torna sujeito quando é interpelado por uma ideologia: o sujeito, para Pêcheux, é assujeitado. Além disso, todo sujeito fala do interior de uma formação discursiva (FD), regulada por uma formação ideológica (FI).

Dessa forma, são as FDs que, localizadas em uma FI dada, considerando uma relação de classe, determinam o que pode e deve ser dito a partir de uma conjuntura social.

Tendo em vista que, entre nossos objetivos, também está o de analisar aspectos de aproximação e afastamento entre o TP e o TC, conforme mencionamos, valemo-nos do conceito de “desconstrução” de Derrida (2006) e buscamos, em Paulo Ottoni (2005), a visão da necessidade de reconhecer a impossibilidade de pureza na tradução e o conceito de *double bind*. Segundo o autor,

[...] só através do *double bind* um texto se faz outro ao evidenciar que a diferença de significados não é privilégio das diferenças e de diferentes línguas, mas de como essa intervenção do tradutor, que não se liberta da imposição e da intervenção das línguas na Tradução (OTTONI, 2005, p.52-53).

No que tange ao conceito de identidade propriamente dito, para entendê-lo seguimos as asserções de Hall (2000, p. 9): “A identidade é assim marcada pela diferença; a diferença é marcada pela exclusão”. Já para Coracini (2007), só podemos falar de identidade a partir de sua existência no imaginário do sujeito que se constrói *nos e pelos* discursos imbricados que o vão constituindo, dentre os quais o discurso da ciência, do colonizado e da mídia. Por exemplo, uma das características básicas do discurso jornalístico é atuar na institucionalização social de sentido, numa contribuição para a cristalização da memória do passado, bem como para a construção da memória do futuro. Constitui nosso imaginário a ideia de que a imprensa não é o mundo, mas ela está autorizada a falar e a retratá-lo, tornando-o compreensível ao leitor. Daí os efeitos de verdade que provoca nos seus leitores, camuflando seu caráter ideológico pelo pretense compromisso com a verdade (p.62). Colabora, assim, para a construção do imaginário do leitor ao expor ou sugerir opiniões sobre o Brasil e os brasileiros.

Outro conceito de suma importância para este estudo é o das heterogeneidades enunciativas mostrada e constitutiva, de Authier–Revuz (1990) que nos auxilia a entender as marcas de heterogeneidade, tanto as marcadas na superfície discursiva, quanto na própria essência do discurso.

Textualmente, esta dissertação é dividida em três capítulos, além da Introdução e das Considerações Finais.

No Capítulo I, Condições de Produção do discurso de *A hora da Estrela*, apresentamos as condições de produção do discurso de Lispector, via Rodrigo S.M, à época da ditadura militar, período em que a descrença na capacidade feminina de vislumbrar criticamente a sociedade e empreender uma crítica era grande. Mas Lispector surpreendeu com essa obra que, certamente, acrescenta uma dimensão social ao universo ficcional introspectivo da escritora, que polemizou mais ainda quando criou um narrador-autor masculino para representá-la. Segundo Nolasco (2007, p. 35-36),

[...] Clarice Lispector valendo-se da persona do escritor Rodrigo S.M, zomba, brinca, dá uma gargalhada irônica na figura do narrador masculino de toda tradição narrativa da literatura brasileira anterior a ela. Tal passagem nos autoriza a dizer que o que temos aí é uma escritora mulher escrevendo e sem “lacrimejar piegas”, a história de uma anti-heroína de dezenove anos sem resquício aparente de novela romântica.

Assim, Lispector, ao criar esse narrador-autor que, por sua vez, criou Macabéa, suscita um jogo de alteridade, no qual o indivíduo, ao reconhecer-se como tal, se desdobra num eu e num outro. Nesse romance, constatamos que a biografia da autora sobrepõe-se, ao mesmo tempo, às biografias de Rodrigo S.M e de Macabéa e as tece. De acordo com Nolasco (2007, p.27), “Se pelo lado histórico-biográfico-cultural podemos dizer, sempre metaforicamente, que Clarice é muito mais Macabéa; pelo lado biográfico-literário ela é muito mais Rodrigo S.M.”

Nesse capítulo, trataremos brevemente dos acontecimentos históricos da década de 1970, da vida e da obra de Clarice Lispector, assim como de algumas questões relacionadas à relação autor-obra e ao papel do intelectual na década de 1970. Também fazemos algumas considerações sobre as características do gênero narrativo novela.

No Capítulo II - Os três pilares da análise: Análise do Discurso, Estudos Culturais e Estudos da Tradução, apresentamos conceitos-chave desses três campos do conhecimento que nos auxiliaram na análise do *corpus*, a fim de cumprir os objetivos já mencionados. No que tange ao referencial teórico desta dissertação, na área da AD, recorreremos aos pressupostos teóricos de Authier-Revuz (1990), Fiorin (2008), Maingueneau (1996), Charaudeau (2009), Pêcheux (1988) e Coracini (2010). No universo dos Estudos Culturais, buscamos apoio em Hall (2000 e 2005), Woodward (2000), Bauman (1998), Foucault (1982), Castells (2008), Briggs (2006), e Lipovetsky (2004). Nos Estudos da Tradução, nosso norte são os

pressupostos teóricos de Rodrigues (2000), Ottoni (2005), Coracini (2007) e Derrida (2006), entre outros. Por fim, no que concerne ao processo de referenciação, valemo-nos das contribuições teóricas de Cardoso (2003), Koch (2006), Carvalho (1973) e Marcuschi (2005), entre outros.

Iniciamos esse capítulo tratando da heterogeneidade discursiva, passamos para algumas de suas manifestações por meio do discurso direto, indireto e indireto livre. A fim de compreendermos como é o sujeito Macabéa, preferimos, inicialmente, fazer um pequeno histórico das concepções de sujeito ao longo do tempo. Nesse contexto, tratamos também de outros conceitos fundamentais para a análise do *corpus*, tais como o de formação discursiva e o de interdiscurso.

Nesse capítulo, ainda, tratamos da identidade, pois um de nossos objetivos principais é compreender a constituição da identidade feminina na década de 1970/ via Macabéa. Ressaltamos que optamos por trabalhar a identidade nos trilhos do feminismo, pois esse movimento estava no auge à época em que a novela *A hora da estrela* foi publicada. Para trabalhar esses conceitos, recorreremos a importantes estudiosos da crítica feminista e sobre identidade.

Para Coracini (2007), o trabalho anônimo e a coragem das mulheres de condições sociais precárias contribuíram e tiveram um papel importante na mudança do imaginário, ainda que elas tenham sido forçadas a seguir um caminho paralelo e marginal ao movimento de liberação da mulher (p.93). A estudiosa assevera que para avançarmos nessa questão é preciso não mais aceitar que se exija que as mulheres sejam *homens vestidos de mulheres*. É necessário construir um espaço que seja da mulher, construir uma sociedade em que os diferentes sexos possam coabitar, onde seja possível ser mulher com todas as diferenças que isso implica, sem desigualdades, partilhando todas as tarefas, segundo as tendências individuais e não segundo o sexo (p.94).

Tendo em vista a relevância de fazer uma análise do *corpus* com base na materialidade linguística, abordamos o processo de referenciação. Sabemos que este possui diversas peculiaridades e que, para entendê-las, faz-se necessário buscar aporte teórico. Em virtude do fato de estarmos imersos no mundo globalizado, pareceu-nos relevante tecer algumas considerações sobre a relação entre discurso e globalização. Para tanto, buscamos a contribuição teórica dos estudiosos dos Estudos Culturais. Nesse capítulo, também, lançamos

um olhar atento sobre a origem e os fundamentos dos Estudos Culturais, que estudam as diversidades dentro de uma mesma cultura e entre diferentes culturas. Nesse sentido, Escosteguy (2000) apresenta um histórico dos Estudos Culturais, mostrando o caráter deles. Tal abordagem nos auxilia a entendê-los melhor.

Por fim, no terceiro capítulo, O Universo discursivo de *A hora da estrela* e de ***La hora de la estrella***, com base nos conceitos trabalhados nos capítulos anteriores, fazemos a análise dos dados, sempre lançando mão da materialidade discursiva, considerando-a fundamental para análise. Ressaltamos que não podemos perder de vista que buscamos compreender a constituição da identidade feminina na década de 1970/via Macabéa, assim como almejamos analisar a tradução cultural, observando aspectos do afastamento ou aproximação do TP e do TC a fim de analisar os efeitos de sentido que permeiam o TP e o TC. Assim, é nesse capítulo que buscamos, por meio dos conceitos trabalhados ao longo desta dissertação, cumprir nossos objetivos.

Este estudo não tem a pretensão de realizar uma análise exaustiva, tampouco de esgotar as possibilidades de reflexão sobre os dados analisados. Vamos, então, ao capítulo I.

CAPÍTULO I

1 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO DE *A HORA DA ESTRELA*

Estudar, analisar e problematizar o discurso requer, entre outras coisas, percorrer o caminho trilhado pelas condições de produção (CPs), já que, na esteira da AD, a língua deve ser estudada veiculada as suas CPs, pois os mecanismos que a compõem são histórico-sociais. Nesse sentido, tendo em vista os objetivos propostos nesta dissertação, analisamos, neste capítulo, as CPs do discurso literário de Clarice Lispector na novela *A hora da estrela* e em sua tradução *La hora de la estrella*. Antes, porém, vamos ao estudo desse conceito.

Segundo Orlandi (2007a, p.30), as CPs incluem os sujeitos, a situação e também a memória. Elas podem ser entendidas em sentido estrito e em sentido amplo. Segundo a autora, “Podemos considerar as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. E se as consideramos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico-ideológico”.

Pêcheux¹ (AAD-69) foi um dos primeiros estudiosos a elaborar uma definição empírica da noção de CPs. O autor o fez partindo do esquema informacional de Jakobson (1963), colocando em cena os protagonistas do discurso e seu referente. Assim, procura determinar as CPs a partir dos lugares que os interlocutores ocupam na hierarquia social, como exemplo, o lugar de autor, de mulher, entre outros, bem como das regras e das normas que estabelecem entre si durante a interação verbal.

Para Pêcheux (AAD-69), o estudo do discurso não deve ser feito de forma fragmentada, buscando significado em cada parte do discurso, mas sim considerando o todo discursivo, incluindo os participantes do discurso e seus referentes. Desse modo, o analista do discurso tem a função de agrupar os enunciados, considerando as condições de produção que lhe parecem pertinentes, ao organizar o *corpus*. Analisar o discurso à luz das CPs é fundamental para a cientificidade em AD.

¹ PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. (1975). In: GADET, F.; HAK, T. (orgs) *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Péricles Cunha. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997, p. 79.

As considerações feitas por Orlandi (2007a) são fundamentais para compreendermos que, ao contexto imediato, associam-se o aqui e o agora do acontecimento, já quando tratamos do contexto amplo, os efeitos de sentido são gerados a partir da memória e do interdiscurso.

O interdiscurso emerge quando acionamos a memória. Ele é ao mesmo tempo o todo do discurso, o conjunto de todos os discursos que engloba as formações discursivas e as formações ideológicas. Assim, o interdiscurso remete ao já-dito.

O *corpus* deste estudo é constituído por recortes do livro *A hora da estrela* de Clarice Lispector e de sua tradução intitulada *La hora de la estrella*, cujo discurso literário não se diferencia dos outros tipos de discurso na hora de se relacionar com o interdiscurso.

Como todo discurso constituinte, a literatura mantém uma dupla relação com o interdiscurso: de um lado, as obras se alimentam de outros textos mediante diferentes procedimentos (citações, imitações, investimento de um gênero...) e, do outro, elas se expõem à interpretação, à citação, ao reemprego. (MAINGUENEAU, 2006, p. 72)

Nesse contexto, para a AD francesa, devemos estudar a língua associada as suas Condições de Produção, já que sua constituição passa pela esteira dos mecanismos histórico-sociais.

Ressaltamos que há diversas possibilidades de análise do discurso de Clarice Lispector, dessa forma, não temos a pretensão de esgotar as possibilidades, mas de realizar uma pesquisa que trate das CPs dessa novela, buscando, sobretudo, compreender a constituição da identidade de Macabéa, personagem que vive no mundo globalizado, fortemente influenciado pelo consumismo exacerbado e dominado pela ditadura militar.

Desse modo, neste capítulo nos baseamos, inicialmente, no relevante estudo da pesquisadora Nunes² (2006) que resgatou grande parte da obra de Lispector em seu trabalho.

² NUNES, Maria Aparecida. *Clarice Lispector jornalista: Páginas femininas & outras páginas*. São Paulo: SENAC, 2006.

1.1 A TRAJETÓRIA DE LISPECTOR – VIDA E OBRA

Próxima. Distante. Vaidosa. Terna. Sofrida. Lisérgica. Vidente. Visionária. Intuitiva. Adivinha. Estrangeira. Enigmática. Simples. Angustiada. Dramática. Judia. Insolúvel. Esses são alguns dos traços que compõem os diferentes perfis de Clarice, diferentemente vistos pela empregada, pela vizinha, pelos parentes, amigos, jornalistas, críticos, escritores. Mas, ao passar por eles, é preciso considerá-las apenas como vestígios de uma identidade, traços de “ser quase” Clarice, lembrando o que ela mesma certa vez contou a respeito de uma amiga sua: “[...] uma amiga minha foi tirar retrato de uma baiana, e ela não deixou: ‘Minha alma você não tira’” (GOTLIB, 2009, p. 24)

As experiências vividas por Clarice Lispector ampliam seu poder de olhar de forma crítica para o universo capitalista e, certamente, sua trajetória de vida exerce influência sobre suas CPs.

A pesquisadora Nádia Battella Gotlib (2009, p. 120-121) apresenta um trecho da crônica: *Esclarecimentos. Explicação de uma Vez por Todas*³, publicada no Jornal do Brasil, na qual Lispector fala sobre sua origem.

E a história é a seguinte: Nasci na Ucrânia, terra de meus pais. Nasci numa aldeia chamada Tchetchélnik, que não figura no mapa de tão pequena e insignificante. Quando minha mãe estava grávida de mim, meus pais já estavam se encaminhando para os Estados Unidos ou Brasil, ainda não haviam decidido: pararam em Tchetchélnik para eu nascer, e prosseguiram viagem. Cheguei ao Brasil com apenas dois meses de idade.

Sou brasileira naturalizada, quando, por uma questão de meses, poderia ser brasileira nata. Fiz da língua portuguesa a minha vida interior, o meu pensamento mais íntimo, usei-a para palavras de amor. Comecei a escrever pequenos contos logo que me alfabetizaram, e escrevi-os em português, é claro. Criei-me em Recife, e acho que viver no Nordeste ou Norte do Brasil é viver mais intensamente e de perto a verdadeira vida brasileira que lá, no interior, não recebe influência de costumes de outros países. Minhas crendices foram aprendidas em Pernambuco, as comidas que mais gosto são pernambucanas. E através de empregadas, aprendi o rico folclore de lá. Somente na puberdade vim para o Rio com minha família: era a cidade grande e cosmopolita que, no entanto, em breve se tornava para mim brasileira-carioca.

Quanto a meus erros enrolados, estilo francês, quando falo, e que me dão um ar de estrangeira, trata-se apenas de um defeito de dicção: simplesmente não consigo falar de outro jeito. Defeito esse que meu amigo dr. Pedro Bloch disse ser fácil de corrigir e que ele faria isso para mim. Mas sou preguiçosa, sei de antemão que não faria exercícios em casa. E além do mais meus r não me fazer mal algum. Outro mistério, portanto, elucidado.

O que não será jamais elucidado é o meu destino. Se minha família tivesse optado pelos Estados Unidos, eu teria sido escritora? Em inglês, naturalmente, se fosse. Teria casado provavelmente com um americano e teria filhos americanos. E minha

³ Clarice Lispector. *Esclarecimentos. Explicação de Uma vez por Todas*. Jornal do Brasil, 14 nov. 1970; A Descoberta do Mundo, p. 498.

vida seria inteiramente outra. Escreveria sobre o quê? O que é que amaria? Seria de que partido? Que gêneros de amigos teria? Mistério.

Segundo Gotlib (2009), parece que os questionamentos constantes sobre a vida pessoal de Lispector causavam-lhe certa irritação, dessa forma, a fim de enfrentar a mitificação que tanto parecia aborrecê-la, a autora escreve essa crônica objetivando esclarecer questões relativas a dados biográficos.

Clarice Lispector, desde criança, teve afinidade com a escrita e paixão por publicar seus escritos. Inicialmente, enfrentou diversas dificuldades para publicar suas obras, em virtude da censura que sofria pelo fato de suas produções não se enquadrarem no que era considerado canônico. Lispector, ainda menina, escrevia contos e enviava suas histórias para jornais, porém elas nunca eram escolhidas. Demorou a entender o motivo da recusa, até que percebeu que enquanto as outras crianças publicavam porque escreviam sobre fatos, ela escrevia sobre emoções e sentimentos.

Quando criança era chamada de “a protetora dos animais”, pois saía em defesa de qualquer pessoa ou animal que julgasse que estava sendo vítima de alguma injustiça. Lispector se sensibilizava com a situação precária das pessoas mais pobres que eram excluídas socialmente. Possivelmente a escolha de cursar Direito tenha surgido desse espírito de luta, cheio de indignação, que buscava a reforma do mundo. A temática do oprimido que a atraiu para o Direito, passou também a ser tema frequente de suas obras de ficção. Com o passar do tempo, desistiu do curso, pois não lhe agradava tanta teoria e pouca prática. Após essa decepção com o Direito, Lispector ganhou inspiração para escrever o artigo “Observações sobre o fundamento do direito de punir”, em agosto de 1941, para a revista acadêmica “Época”. Nunes (2006) comenta que, nesse artigo, Lispector demonstrou sua insatisfação com o argumento “Não há direito de punir. Há apenas poder de punir”. Essa asserção explicita o fato de que todo homem, que recebe punição, pela justiça da lei estatal, acaba passando pelo crivo da ordem subjetiva, em que os mais fortes e os poderosos dominam os excluídos historicamente. Essas dicotomias sociais faziam parte das reflexões de Lispector que questionava esse poder punitivo anódino, por isso, preferiu abandonar tal carreira, pois não lhe agradava ter o dever de punir, preferia tentar amenizar as dores da sociedade.

Ao longo dos anos, Lispector desempenhou várias funções, foi cronista, entrevistadora, colunista, tradutora, entre outras. No período em que atuou como jornalista

recebeu apoio especial do amigo também jornalista Alberto Dines do *Diário da Noite* (1960 e 1961) e do *Jornal do Brasil* (JB) (1967 a 1973), fato que expandiu as perspectivas da escritora por meio da mídia impressa.

A imprensa não constituiu um acontecimento passageiro na vida de Lispector, do mesmo modo que as páginas femininas escritas por ela também demarcaram um período significativo em sua vida, no qual passou a ter contato com um público vasto e diferenciado. Nesse período, por trás dos pseudônimos de Helen Palmer e Tereza Quadros, Lispector escrevia em linguagem simples sobre temas do cotidiano. Porém, ressaltamos que em sua linguagem destaca-se a subjetividade, característica crucial de sua ficção. Desse período saem elementos que compõem a base da ficção clariciana.

Houve época em que a imprensa, lugar onde Lispector trabalhava por necessidade e não por paixão, constituiu seu único canal de publicação e divulgação, visto que as editoras se recusavam a publicar seu trabalho. Um exemplo disso é a revista *Senhor* que publicou alguns contos da autora que, posteriormente, foram incluídos em *Laços de família* (1960), obra escrita no mesmo período em que Lispector produziu *A Maçã no escuro* (1950) que fora intitulada, inicialmente, *A veia no pulso*, título alterado por sugestão de Fernando Sabino. Ambas foram escritas durante a vivência de Lispector em Washington, lugar onde estabeleceu residência por 8 anos com sua família. Nesse período, a revista *Senhor*, direcionada à elite cultural, já sabendo da dificuldade de encontrar um editor no Brasil para publicar essas obras, convida-a para publicar seus contos. Assim, Lispector recebe lugar de destaque ao lado de escritores famosos como Ernest Hemingway.

O amigo Fernando Sabino sugere à revista *Manchete* a contratação de Clarice Lispector para escrever uma coluna feminina. Nessa época, a autora que já havia conquistado prestígio como escritora, aceita a proposta, mas se esconde por trás dos pseudônimos de Tereza Quadros e Helen Palmer. O fato de ocultar sua verdadeira identidade resulta da preocupação da escritora com o fato de que os textos que escrevia para a revista não tinham cunho literário. Depois de algum tempo, aceitou assinar as iniciais C.L.

Com o pseudônimo Tereza Quadros, ela atua como colunista de uma seção dedicada ao público feminino, chamada *Entre Mulheres*, onde dá dicas de etiqueta, de moda, de culinária, entre outras, que servem para o universo das mulheres, mães e esposas. Essa nova atividade de Lispector, iniciada em 1952, marca mais um tipo de atividade desempenhada por

ela na imprensa. Posteriormente, a autora escreve para outros periódicos, porém com outro pseudônimo, Helen Palmer, da *Feira de Utilidades do Correio da Manhã*, de 1959 a 1960, e como *ghost writer* de Ilka Soares, na coluna *Só para mulheres do Diário da Noite*, de abril de 1960 a março de 1961.

Como repórter, Lispector, pode ser considerada pioneira. Por volta de 1940, o amigo Alberto Dines descobriu um texto, *Triunfo*, cujo tema era a Segunda Guerra Mundial. Nesse período a revista *Pan* também publicou alguns textos da autora que tinham como temática as relações familiares, assunto comum aos contos da obra *Laços de Família*. Em sua atuação como entrevistadora, Lispector não se caracterizava como uma entrevistadora tradicional, pois ela perguntava e inferia, não era impessoal, pelo contrário, falava de si e contrastava experiências e pontos de vista com seus interlocutores. Assim, fugia um pouco dos modelos tradicionais estipulados pelo jornalismo. Entrevistou diversas personalidades para a revista *Manchete*, de 1968 a 1969. Nesse período, suas entrevistas possuíam um tom de diálogo em que muito da autora era posto nas perguntas e nas interferências feitas por ela. Lispector entrevistou personalidades, como: Millôr Fernandes, o arquiteto Oscar Niemeyer, o compositor Vinícius de Moraes e muitos outros.

Já como tradutora, função que desenvolveu paralelamente a sua atuação como ficcionista e jornalista, obteve bastante êxito traduzindo obras de importantes autores como Claude Farrere e Julio Verne.

O primeiro livro de Clarice, *Perto do Coração Selvagem*, é publicado pela empresa “A Noite”, onde Lispector atuava como contista, repórter e tradutora. A autora não recebe nada dos lucros obtidos pela venda desse livro, cuja 1ª edição se esgota rapidamente. Nesse mesmo período, a autora escreve também para a revista *Vamos ler!* que circulou entre os anos de 1936 a meados de 1950, e o tema tratado era a imprensa mundial e atualidades.

De acordo com Nunes (2006), em 23 de Janeiro de 1943, Clarice se casa com Maury, diplomata, e passa a viajar constantemente em virtude dos compromissos profissionais dele, passando a viver mais fora do Brasil que dentro dele. No exterior, Lispector recebe a notícia de que ganhara o prêmio Graça Aranha por seu primeiro romance. Posteriormente, outros romances e contos da autora foram sendo escritos e publicados.

Quando morava em Nápoles, a autora escrevia seu segundo livro, *O lustre*, que havia iniciado no Brasil, antes de *Perto do coração selvagem*. Após 21 meses, concluiu *O lustre*,

lançado em 1946 pela editora Agir. Assim que mudou de Nápoles para Berna, outro livro estava sendo preparado para publicação: *A cidade sitiada*, além de alguns contos. Seu primeiro filho, Pedro, nasceu em Berna em um período em que Lispector escreveu *Mistério em São Cristóvão*, *Laços de família* e *O jantar*, entre 25 de agosto e 13 de outubro de 1946.

Em 1949, ano em que Lispector é recebida no Rio de Janeiro como “fenômeno literário”, surgem mais três contos: *Amor*, *Começos de uma fortuna* e *Uma galinha*. Sobre esses contos declarava ter, com eles, um envolvimento tão intenso que parecia estar ao lado de sua personagem, dentro do jardim Botânico pedindo ao guarda para abrir o portão, porque senão elas morariam ali eternamente. Lispector sempre pedia a um amigo que lesse seus contos em tom humano e familiar, a fim de que ela se identificasse com o conto, sentindo-se preparada para receber sua própria escrita, ler e oferecer a outras pessoas que também a recebessem.

Lispector volta ao Brasil por volta de 1967, por ocasião de sua separação e estabelece residência com seus dois filhos. Nessa fase, a amizade com Paulo Francis da revista *Senhor* se fortalece e rara era a semana que ele não a visitava. Para a revista *Senhor*, uma das crônicas que a escritora mais gostou de escrever foi sobre a morte de mineirinho, bandido no estilo de *Hobin Hood* moderno. Lispector demonstra toda sua perplexidade pela quantidade de tiros desferidos contra esse bandido, pois um tiro já seria suficiente para matá-lo. Nesse contexto, por meio de suas palavras, ela coloca em evidência o outro que a sociedade exclui. Desse modo, ao expor a relação de alteridade, incita seu leitor a olhar também para uma sociedade hipócrita e não apenas a olhar, mas também a se situar.

Ainda, na revista *Senhor*, também participou da seção *Children`s Corner*, na qual assinava por C.L. Posteriormente, essa coluna mudou seu nome para Sr & Cia. Nos caminhos da escrita para crianças, em 1967 recebe o prêmio de melhor livro infantil com o “Mistério do Coelho Pensante”. Essa obra foi escrita em Washington a pedido de seu filho que queria que ela escrevesse um livro só para ele, ela o fez, interrompendo a elaboração de “A maçã no escuro” e dos contos de “Laços de Família”.

Quanto à essência de suas obras para crianças, Lispector assevera que não mentia para os pequeninos, tampouco dava lições de moral. O que fazia era mostrar alguns erros que os adultos insistem em cometer. Desse modo, almejava uma escrita diferenciada para a criança, buscando sempre elevá-la, nunca rebaixá-la.

O ano de 1967 foi marcante na vida de Lispector, já que demarca um período em que seu trabalho na imprensa se intensifica. Ela escreve crônicas para o JB, o “Correio do Povo” do Rio de Janeiro e de Porto Alegre. Trabalha também para a revista “Manchete”, na seção “Diálogos Possíveis”. Além do tom pessoal, outra peculiaridade de Lispector consiste no fato de ela não gravar as entrevistas, mas sim anotar tudo em letra corrida, mas visível e sem rasura.

No JB, encerra suas atividades em 1974. De 1973 a 1975 não aparece nenhuma contribuição da escritora a jornais. Entretanto, contos e livros eram lançados. Chama atenção, nesse período, o primeiro livro que ela aceita escrever por encomenda, consiste em um livro de contos sobre sexo, escrito em oito dias, chamado “*A via crucis do corpo*”. A autora sempre deixou claro o fato de não gostar de escrever por encomenda. Segundo Lispector⁴, “me perco completamente e escrever se torna um dever insuportável. Então, desfaço o que disse sobre vocês me encomendarem o que escrever. Continuarei livre para o bem do povo e a felicidade geral da nação.”

Nesse tempo, muitas foram as obras publicadas de Lispector, porém interessam-nos seus últimos momentos quando, ainda em vida, publica *A hora da estrela*, obra que foi adaptada ao cinema por Suzana Amaral. Depois de seu falecimento, outras obras inclusive infantis, foram publicadas, entre elas, *Quase de verdade* (1978).

Por fim, vale ressaltar a relevância que o trabalho na imprensa teve para Clarice Lispector. Segundo Nunes (2006, p. 106),

O vínculo de Clarice Lispector com a imprensa, portanto, embora tenha sido estimulado por razões financeiras, em face da dificuldade comum, aliás, à grande maioria dos escritores nacionais de sobreviver com direitos autorais acabou desempenhando importante papel como canal de comunicação entre Clarice e seu público. Foi na imprensa que a escritora divulgou seus contos e breves textos literários, os tais fragmentos.

Desse modo, a imprensa foi, para Lispector, de suma importância, pois foi ela que lhe deu crédito em um momento em que as editoras não se interessavam por seu trabalho. Suas várias faces, Helen Palmer, Ilka Soares e Tereza Quadros, ficarão marcadas para sempre. Tereza Quadros, pela facilidade de lidar com diversos temas, entre eles, receitas de beleza, de

⁴ Em Nunes (2006, p. 100).

saúde, de decoração, embora não abordasse de forma explícita temas como liberdade sexual, direito ao prazer, violência contra a mulher, entre outros. A ausência desses temas não diminuiu, todavia, o valor do trabalho da colunista de comício, visto que essa era uma característica da imprensa feminina brasileira da época. A partir dos anos 50, em virtude da intensificação do consumo na sociedade, ocorrem mudanças na postura feminina, pois as novidades estimulam outras maneiras de ver o mundo. Tereza Quadros soube lidar muito bem com isso e apresentou às suas leitoras essa nova mulher do pós-guerra que vive numa sociedade consumista que visa sempre à conquista do mercado. Discretamente, Tereza Quadros apontava caminhos questionadores para as leitoras.

Segundo Nunes (2006), a atuação de Lispector como Helen Palmer foi motivada por questões financeiras, já que Lispector estava separada de Maury e a pensão que recebia não era suficiente. Nessa época, Helen Palmer criticava a tendência de estandardizar a beleza e os tipos femininos, sobretudo pelo cinema, que estimulava a imitação dos ícones de beleza: houve a fase de Marilyn Monroe, das Sofia Loren e de muitas outras.

Por fim, como *ghost writer* de Ilka Soares, outro convite de Dines, que sabia que a escritora passava por dificuldades financeiras, Lispector escrevia uma coluna feminina do *Diário da Noite*. A temática tratada não era muito diferente das anteriores: moda, culinária, beleza e sedução. A diferença é que, nas outras colunas, o povo não conhecia o rosto de Tereza Quadros e de Helen Palmer, já Ilka Soares era uma figura conhecida na mídia. Por meio da coluna que assinava, a modelo estabeleceria uma relação mais estreita com o público, sobretudo pela forma como trata as leitoras “você” e pelos intertítulos de sua prosa “Eu e você” e “Meu e seu”.

1.2 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DA NOVELA *A HORA DA ESTRELA*

Neste trabalho, adotamos a concepção de novela de acordo com Terra (2002, p. 304) que a diferencia de romance:

na literatura em língua portuguesa, a principal distinção entre novela e romance é quantitativa – vale a extensão ou número de páginas. Entretanto, podemos perceber na novela características qualitativas: a valorização de um evento, um corte mais limitado da vida, a passagem do tempo mais rápida e uma diferente postura do narrador, que tem mais destaque como contador de um fato passado.

Na novela *A hora da estrela*, Lispector demonstra que não é uma escritora alienada e hermética, como muitos críticos a consideravam, pois nessa última obra publicada em vida, a autora explicita toda sua preocupação com a questão social, demonstrando como é a vida do nordestino que migra para as grandes capitais brasileiras. Lispector, assim como a protagonista Macabéa, também viveu no nordeste do país e, depois de um tempo, mudou com a família para o Rio de Janeiro, por isso, ela sabia como era a vida tanto em um lugar quanto em outro. Dessa forma, a autora que já problematiza questões sociais, porém de forma menos explícita em outras obras, nesta surpreende a todos pelo fato de apresentá-las de forma mais explícita. A pesquisadora Nádia Battella Gotlib (2009, p. 587) pondera que:

A desmontagem de valores e certezas gera um ‘desconforto mental’, que é constante na literatura de Clarice, mas que, até então, não havia sido levado a esse extremo, patente na organicidade de tensão narrativa em que a desconstrução do bem instituído – no sentido social, a propriedade; no sentido estético, a autoria do romance – assume uma configuração tão coletiva, o “eu” explodindo em “vós”, problematizando, explicitamente, classes, gêneros e culturas”. Preocupação que ela, desde criança, já demonstrava, quando vivia no nordeste do país, lugar retratado negativamente pela imagem da seca, da fome, a figura do retirante, pelo atraso em relação aos usos e costumes modernos.

Em decorrência dessa imagem negativa generalizada, ao Nordeste foi conferido um estatuto de atraso e inferioridade em relação a outras regiões do Brasil, fato que leva os indivíduos a migrar, sobretudo, para as regiões sul e sudeste, lugares nos quais a Revolução Industrial chegou. A ilusão de uma vida melhor é, porém, rapidamente substituída pela falta de perspectiva gerada pela exclusão do migrante nordestino que, apesar de buscar um lugar na terra adotada, se vê excluído pelo sistema, perdido em um lugar desconhecido, tornando-se um estereótipo. Lispector, por meio de Rodrigo S.M., narrador personagem da novela aqui

analisada, retrata essa situação do nordestino: “[...] É que numa rua do Rio de Janeiro peguei no ar de relance o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina.” (HE,1998, p. 12).

Na sociedade capitalista, são as situações políticas, econômicas e sociais que marginalizam os nordestinos, fazendo-os perder sua própria identidade e sair em busca de outra, mas muitas vezes torna-se difícil, quando se está à margem, saber quem de fato se é. Um exemplo disso é Macabéa que muitas vezes não sabia bem quem era: “[...] Quer dizer não sei bem quem sou” (HE, 1998, p. 56). Para tentar se encontrar nesse universo capitalista, ela se esforçava para identificar-se com os padrões dessa sociedade. Nas palavras de Rodrigo S.M: “E quando acordava? Quando acordava não sabia mais quem era. Só depois é que pensava com satisfação: sou datilógrafa e virgem, e gosto de coca-cola. Só então vestia-se de si mesma, passava o resto do dia representando com obediência o papel de ser.” (HE,1998, p. 36). Assim, Macabéa seguia buscando sua identidade numa sociedade que a excluía, porém sua busca a caracterizava como um sujeito alienado, passivo, obediente, que ouvia tudo o que lhe diziam de cabeça baixa. Desse modo, ouvira na rádio: “Arrepende-te em Cristo e Ele te dará felicidade” e “Então ela se arrependera. Como não sabia bem de quê, arrependia-se toda e de tudo.” (HE,1998, p. 37).

O livro *A hora da estrela* foi escrito em um período no qual o Brasil enfrentava a ditadura militar.

Segundo Fausto (2004), a ditadura militar foi implantada no Brasil no ano de 1964. Para o autor (2004, p. 465):

O movimento de 31 de março de 1964 tinha sido lançado aparentemente para livrar o país da corrupção e do comunismo e para restaurar a democracia, mas o novo regime começou a mudar as instituições do país através de decretos chamados de Atos Institucionais (AI). Eles eram justificados como decorrência “do exercício do Poder Constituinte, inerente a todas as revoluções.

Entre os Atos Institucionais, mencionamos o AI-5 que, segundo Fausto (2004), foi baixado em 13 de dezembro de 1968 por Costa e Silva e que durou até o início de 1979. Esse diferentemente dos demais Atos Institucionais não tinha prazo de vigência e não se caracterizava como uma medida transitória. Desse modo, segundo o autor (2004, p. 480),

A partir do AI-5, o núcleo militar do poder concentrou-se na chamada comunidade de informações, isto é, naquelas figuras que estavam no comando dos órgãos de vigilância e repressão. Abriu-se um novo ciclo de cassação de mandatos, perda de direitos políticos e expurgos no funcionalismo, abrangendo muitos professores universitários. Estabeleceu-se na prática a censura aos meios de comunicação; a tortura passou a fazer parte integrante dos métodos de governo.

Ademais, vale ressaltar que, além de ser marcada pelo regime ditatorial, a década de 1970 foi um período em que o consumismo, impulsionado pelo sistema capitalista e influenciado por um processo de globalização, ainda embrionário nesse período, visto que tal processo engrenou de fato na década de 1980, avançava significativamente. Lispector não estava alienada, ou melhor, não era alienada, ao contrário, conhecia a realidade brasileira e voltava seu olhar para ela. Segundo Nolasco (2007, p. 50):

[...] Diríamos que, enquanto as pessoas estavam preocupadas com o rumo e a proposta que a própria autora estava proporcionando para sua obra, Clarice voltava seu pensamento, seu olhar para a realidade social, cultural brasileira, na qual encontra “criaturas” reais como a retirante nordestina Macabéa. Assim, a escritora acaba desmistificando não só sua literatura como também seu próprio nome. A título de ilustração, lembramos que no conto “A partida do trem” a escritora insere seu “nome” dentro da narrativa, de forma a dialogar com o mesmo (e consigo ao mesmo tempo).

Assim, por meio da leitura de *A hora da estrela*, vislumbramos um quadro da sociedade brasileira da década de 70, fortemente influenciada pela cultura do consumismo, impulsionada pelo processo de globalização, ainda embrionário. Para Nolasco (2007, p.30), a novela em questão abarca:

[...] diríamos que culturas estrangeiras, traços biográficos, diálogos com obras da humanidade e com as Escrituras Sagradas, crenças, cultura de massa e história de Cordel, estrelas de cinema hollywoodiano, cultura midiática etc., fazem o caldo cultural que se amalgama em *A hora da estrela*.

Lispector, nessa novela, expõe características da realidade sociocultural do país: suas personagens mostram-se influenciadas pelos ícones de beleza cultural. Glória, amiga da protagonista, por exemplo, oxigenava o cabelo e se comportava usando todos os clichês da mulher moderna. Já Macabéa, a protagonista, inspirava-se em Marilyn Monroe, como padrão de beleza, por isso, após perder o noivo Olímpico, ao invés de comprar um batom rosa como de costume, preferiu usar um batom vermelho a fim de conseguir um lábio sedutor como o de

Marylin. Assim, para Nunes (2006), Macabéa constitui uma paródia de outros retratos femininos da ficção clariciana, que buscam uma identidade em meio à multidão.

Peixoto (2004), ao analisar o processo de criação de Macabéa, sua busca de identidade, e ao observar como essa moça advinda da região nordeste do país é vítima da injustiça social, conclui que essa protagonista marginalizada, deslocada no Rio de Janeiro, representa não somente a si mesma, mas também a outros nordestinos que se encontram na mesma situação, sendo, assim, um fragmento de uma vasta realidade social. Nesse sentido, para Peixoto (2004, p. 192),

Lispector abre o âmbito de sua descrição da experiência de opressão para além de exame atento de conflitos de papel de gênero e crises espirituais de mulheres (e um ou outro homem) de classe média. Simultaneamente, põe em questão o processo pelo qual a literatura representa a opressão.

Na esteira de Peixoto (2004), Macabéa, no Rio de Janeiro, entrou para a grande massa que sobrevive com um salário mínimo e que vive bem longe do centro da cidade, basicamente sem nenhum conforto. A única coisa que lhe confere alguma dignidade é seu emprego de datilógrafa que, ao final, acaba expondo a personagem ao ridículo, pois não sabendo escrever ela copiava letra por letra. Ela era órfã, fora criada por uma tia que a maltratava. A jovem buscava força em seu ofício e no fato de ser virgem, características que a levavam a exclamar: “Sou datilógrafa e virgem, e gosto de coca-cola.” (HE, 1998, p. 65).

Segundo a análise realizada por Peixoto (2004, p. 192), Lispector traz, nessa novela, uma protagonista vitimada por tudo e por todos:

a tia brutal vergou-lhe a espinha, a pobreza lhe debilita o corpo, o namorado a insulta; ao mesmo tempo o patriarcado lhe neutraliza a sensualidade e estereótipos estrangeiros de beleza a induzem, como a outras, a desprezar a própria aparência. Macabéa é violentada, não por um homem, mas por uma multidão de forças sociais e culturais que conspiram para usá-la cruelmente em benefício de outros.

Ao longo da trama, Macabéa passa por inúmeros infortúnios: é despedida por seu chefe, insultada por seu namorado, trocada por uma amiga, atropelada e morta.

Desse modo, Peixoto (2004, p. 193-194) pondera que:

Macabéa é ao mesmo tempo o outro grotesco e um repositório de processos sutis de identificação mediante os quais o narrador pretende ganhar acesso à sua interioridade e realidade. “Eu me uso como forma de conhecimento”, observa o narrador, dirigindo-se a Macabéa, “Eu te conheço até o osso por intermédio de uma encantação que vem de mim para ti” (HE, p.99) A própria Macabéa não se envolve em buscas. Faltam-lhe ambições práticas e percepção do que o narrador afirma se uma “verdadeira” condição. Sua interioridade é vazia: “Só vagamente tomava conhecimento da espécie de ausência que tinha em si mesma.

Da perspectiva de Nolasco (2007), ao refletir sobre a travessia cultural de Macabéa, esta espelha tanto a passagem bíblica dos macabeus quanto a travessia cultural da própria autora Clarice Lispector. Sabe-se que Lispector era judia, porém ela afirmava que sua origem étnica não era condição para entender sua obra, ainda que muitos críticos tentassem fazê-lo por esse viés. Nolasco (2007), por sua vez, entende que é possível fazer uma leitura crítica melhor, culturalmente falando, quando se levam em conta traços biográficos e culturais do sujeito escritor. Ressalta, ainda, que é necessário ter cuidado a fim de não realizar aproximações forçadas entre a autora e as personagens por ela criadas.

Losada-Soler (1994) considera *A hora da estrela* como pura literatura de cordel, uma obra surpreendente, na qual Lispector, já doente, deixa transparecer a aproximação da morte, esta que finalizará a vida da protagonista Macabéa no auge de sua esperança, ou melhor, no único momento em que demonstra ter alguma esperança. A história da vida insignificante e mísera dessa moça possui somente um momento de grande esperança que ocorre a partir da previsão de uma cartomante. Esta lhe assevera que sua vida mudará totalmente, assim que ela sair da consulta, pois se casará com um estrangeiro rico, loiro, de olhos azuis (todos os estrangeiros ricos no imaginário brasileiro são loiros de olhos azuis). Ao sair, porém, Macabéa é atropelada por um Mercedes amarelo e morre. Lispector constrói um relato duro e frio, no qual os sentimentos estão tão congelados que provocam queimaduras.

Desse modo, torna-se visível uma das propostas nucleares da obra dessa autora: o absurdo existencial que é resgatado pelos pequenos prazeres de todos os seres, inclusive Macabéa, que é tão vegetal e tenta compactuar com o vazio. Ela é opaca, não sabe gritar, não tem as qualidades de uma heroína: é feia, vulgar, inculta, incompetente para a vida, anônima, insignificante.

Da escrita de Clarice Lispector, nessa obra, emerge uma reflexão sobre os processos de escrita e de criação. Segundo Losada-Soler (1994), as palavras da autora são rigorosas,

pois o enfeite destruiria o poder de gerar o mistério e congelaria o instante. Losada-Soler (1994, p.10) transcreve as palavras de Lispector a esse respeito: “Escribo muy simple y muy desnudo. Por eso hiero⁵”

Após termos adentrado no universo clariciano, repleto de questões que se encontram no exterior constitutivo do discurso, passamos aos conceitos teóricos que fundamentam o foco analítico desta pesquisa.

⁵ Escrevo muito simples e sem decoração. Por isso fere (tradução nossa).

CAPÍTULO II

1 OS TRÊS PILARES DA ANÁLISE: ANÁLISE DO DISCURSO, ESTUDOS CULTURAIS E ESTUDOS DA TRADUÇÃO

A inquietação humana, nos primórdios da humanidade, em busca da compreensão do que de fato seja a linguagem, traçou um longo caminho de estudos sobre a língua e, posteriormente, sobre a fala. Nesse contexto, emergiu a Linguística, área do conhecimento que adquiriu *status* de ciência no século XX. Nesse período, intensificaram-se os estudos sincrônicos e diacrônicos da língua, trazendo consigo descobertas e definições.

Antes do século XX, as correntes linguísticas que permeavam o estudo da linguagem eram as gramáticas gerais, mais precisamente no século XVII, as quais permitiam pensar a língua em sua generalidade. Já no século XIX, as gramáticas comparadas chamam atenção pelo fato de admitirem que as línguas se transformem com o tempo. O formalismo e o sociologismo também fizeram história: o primeiro explorava a relação entre pensamento e linguagem; o segundo, por sua vez, buscava estudar a relação entre linguagem e sociedade.

Nesse percurso, surge o estudo de Ferdinand Saussure e de seus seguidores, que focalizam o estudo sincrônico da língua, por meio da análise do signo linguístico. Dessa forma, a palavra passa a ser um elemento central rodeado pelos estudos da fonologia, da sintaxe, da morfologia e da semântica.

A partir dos estudos de Saussure, o estruturalismo ganha força e surgem suas várias vertentes, das quais destacamos o funcionalismo, que estudava as funções desempenhadas pelos elementos linguísticos, e o distribucionalismo, que buscava detectar as unidades e estipular classes de relação entre elas, considerando sempre o contexto.

Nesse contexto, relevantes também foram os estudos de Noam Chomsky, ao final dos anos 50, nos quais o destaque é dado aos estudos da sintaxe, entretanto uma das vertentes, o transformacionalismo, de sua teoria denominada gerativismo chomskyano, reservou um espaço também para o plano semântico das estruturas sintáticas.

Constatamos que, até esse momento, falava-se prioritariamente em língua e fala. Somente com o advento da linguística da enunciação, cujos precursores no Ocidente foram Benveniste e Jakobson, é que se começou a falar em discurso. Para Cardoso (1999, p. 15-48),

o discurso é um lugar de investimentos sociais, históricos, ideológicos, psíquicos, por meio de sujeitos interagindo em situações concretas. A autora deixa claro que ele não é nem língua nem fala. Segundo Foucault (2005, p.49),

O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e, quando tudo pode, enfim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito e o discurso pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência de si.

Desde os anos 1950, segundo Brandão (2004), já eram perceptíveis, todavia, os avanços nos estudos do discurso, assim como a presença de duas perspectivas teóricas distintas, uma americana e outra europeia.

De acordo com nossa perspectiva teórica, seguimos as orientações da Análise do Discurso de linha francesa (AD), que surgiu no cenário da intelectualidade francesa, nos anos 1960, como reação ao estruturalismo e à gramática gerativa. A Linguística, enquanto ciência-piloto das ciências humanas, tem condições de oferecer recursos aos interessados nesse novo paradigma para análise da língua como estrutura formal, com base no rigor do método e nas regras da ciência tão estimada na época.

O marco inaugural da AD foi o ano de 1969, quando Michel Pêcheux publica o livro *Análise Automática do Discurso (AAD)*, e ocorre o lançamento da revista *Langages*, sob organização de Jean Dubois.

O foco dos estudos da AD, estruturada por Michel Pêcheux e outros a partir da década de 1960 na França, é a relação entre linguística e teoria do discurso, propondo a articulação de três regiões do conhecimento: o materialismo histórico, baseando-se na releitura que Althusser faz de Marx; a teoria do discurso enquanto teoria da determinação histórica dos processos semióticos; e, por fim, a Linguística como teoria dos mecanismos sintáticos dos processos de enunciação. Nesse período, essas teorias são atravessadas por uma vertente psicanalítica, fruto da releitura que Lacan faz de Freud.

A AD passou por três épocas, respectivamente AD-1, AD-2 e AD-3, cada uma com suas peculiaridades na caracterização do sujeito.

Brandão (1998) apresenta a visão de sujeito que perpassa cada época da AD. Dessa forma, na AD-1, Pêcheux considera que, por meio da interpelação ideológica, sujeito e sentido se constituem num processo simultâneo, considerando, desse modo, o aporte de Althusser⁶. Na AD-2, considera-se o sujeito assujeitado às formações discursivas, enquanto na AD-3, Pêcheux vislumbra a heterogeneidade discursiva que traz outras vozes para dentro do texto, porém busca unidade e coerência.

Ressaltamos que essas três fases da elaboração da teoria de Pêcheux, denominadas por ele três épocas, caracterizaram-se como se expõe a seguir. A primeira, de 1966 a 1975, constitui o momento de construção do dispositivo de análise e da teoria do discurso propriamente dita. A segunda, de 1976 a 1979, caracteriza-se por diversos questionamentos referentes ao proposto na primeira fase e por considerar as relações entre as “máquinas” discursivas estruturais como objeto da AD. Ademais, a noção de formação discursiva (FD), emprestada de Michel Foucault, rompe com a visão tradicional de máquina estrutural fechada, visto que a FD estabelece uma relação com seu exterior; é nessa segunda fase que essa noção é introduzida. De qualquer forma, da perspectiva dos procedimentos, poucas inovações ocorreram. Na terceira fase, de 1980 a 1983, há um extenso projeto, repleto de alterações, se considerarmos as fases anteriores.

Feitas essas considerações sobre o surgimento da AD e suas características, em cada uma de suas épocas, trataremos, nos itens seguintes, de algumas noções importantes dessa área de conhecimento e, posteriormente, fazemos considerações acerca de conceitos dos Estudos Culturais e dos Estudos da Tradução relevantes para esta dissertação.

1.1 ALGUMAS NOÇÕES DA ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA

Por questões metodológicas, tivemos que traçar metas e escolher conceitos relevantes, primeiramente, em uma perspectiva da AD, que nos auxiliassem a cumprir os objetivos propostos neste trabalho.

⁶ Segundo Brandão (1998, p.40), é de Althusser que provém a tese de que “a ideologia interpela os indivíduos em sujeito”. Daí “a noção de sujeito em Pêcheux é determinada pela posição, pelo lugar de onde se fala. E ele fala do interior de uma formação discursiva, regulada, regada por uma formação ideológica.”

Authier-Revuz (1990), ao analisar questões relativas ao que chama “heterogeneidade constitutiva” do sujeito e de seu discurso, assevera que não há um discurso isento do já-dito, pois,

Somente o Adão mítico, abordando com sua primeira fala um mundo ainda não posto em questão, estaria em condições de ser ele próprio o produtor de um discurso isento do já dito na fala do outro. Nenhuma palavra é “neutra”, mas inevitavelmente “carregada”, “ocupada”, “habitada”, “atravessada”, pelos discursos nos quais “viveu sua existência socialmente sustentada”. (AUTHIER-REVUZ, 1990, p.27)

Dessa forma, o pensamento da autora vai ao encontro da teoria da Psicanálise, que entende o sujeito como efeito da linguagem e procura suas formas de constituição na discursividade de uma fala “heterogênea”, que é consequência de um sujeito dividido entre o consciente e o inconsciente.

Tendo em vista a inexistência de um discurso homogêneo, Authier-Revuz (1990) propõe a busca das marcas das heterogeneidades discursivas, que podem ser mostradas ou constitutivas. A primeira engloba as marcas explícitas, ou seja, as formas do discurso relatado (direto, indireto, indireto livre), o uso de aspas, enunciados metadiscursivos, como formas capazes de intervir no fio discursivo e que, por isso, colocam em confronto a identidade do sujeito.

É pela relação que todo discurso mantém com outros discursos, ou seja, pela interdiscursividade, que a heterogeneidade mostrada articula-se com uma heterogeneidade constitutiva da linguagem, que não é mostrada, que não está na superfície.

No discurso literário de Clarice Lispector em *A hora da estrela* constatamos diversas marcas da heterogeneidade, entre as quais destacamos a mostrada, que aparece, sobretudo, por meio do uso do discurso relatado e das aspas, conduzindo-nos à natureza heterogênea do discurso e do sujeito. Ademais, nesse romance, o interdiscurso traz a memória do já-dito em forma de heterogeneidade constitutiva. Assim, a análise das marcas de heterogeneidade é pertinente nesta dissertação no que concerne à busca pela compreensão da identidade feminina na década de 1970, via Macabéa.

A fim de melhor compreendermos os tipos de discurso relatado que traz a heterogeneidade mostrada, convém analisar três esquemas sintáticos, trazidos pelos gramáticos, para fazer a transmissão do discurso de outrem: o discurso direto, o discurso indireto e o discurso indireto livre.

Segundo Bakhtin (1999, p.158), esses esquemas “exprimem uma tendência à apreensão ativa do discurso de outrem”, no entanto cada um deles “recria à sua maneira a enunciação, dando-lhe assim uma orientação particular, específica”.

O estudo dos tipos de discurso nos auxiliará a entender a constituição da identidade de Macabéa, conforme ressaltamos. O primeiro tipo apresentado é o discurso direto (DD), visto como uma simulação da realidade, o DD vem supostamente restaurar as palavras de um enunciador citado pelo narrador. Segundo Fiorin (2008, p. 74): “O discurso direto, em geral, cria um efeito de sentido de realidade, pois dá a impressão de que o narrador está apenas repetindo o que disse o interlocutor”.

Para Fiorin (2008, p.72-3), “[...] o discurso direto é um simulacro da enunciação construído por intermédio do discurso do narrador”. Ademais, para o autor, esse tipo de discurso possui “duas instâncias enunciativas, dois níveis de eu: o do narrador e o do interlocutor”, e cada uma dessas enunciações “conserva seu eu e seu tu, suas referências dêiticas, as marcas da subjetividade próprias. As aspas ou dois pontos e o travessão marcam a fronteira entre as duas situações de enunciação distintas”.

Para Maingueneau (2001, p.142), há funções distintas de acordo com o uso que fazemos do DD:

- a) Criar autenticidade - indicando que as palavras relatadas são aquelas realmente proferidas.
- b) Distanciar-se – vontade de não se responsabilizar por um enunciado, seja porque quer explicitar sua adesão respeitosa ao dito, fazendo ver o desnível entre palavras prestigiosas, irretocáveis e suas próprias palavras, como a citação da autoridade.
- c) Mostrar-se objetivo.

Fiorin (2008) assevera que o DD se caracteriza, portanto, por propiciar a presença de duas situações de enunciação: a do discurso citante e a do discurso citado. Nesse contexto, o DD terá como função criar um efeito de sentido de realidade, mas não visa ser real. Nesse sentido, Fiorin (2008, p. 75) constata que “[...] o discurso citado pode ser deformado por uma contextualização, uma escolha do fragmento a ser citado, etc.”

Para Fiorin (2008, p. 72-73), o fato de o discurso ser definido a partir dos aspectos da enunciação faz que ele o considere resultado de uma debreagem interna, em que o narrador delega voz a um actante do enunciado. No recorte que segue,

HE R1

- O que é que você come?
- Cachorro-quente.[...]
- O que é que você bebe? Leite?
- Só café e refrigerante. (LISPECTOR, 1998, p.67)

a protagonista Macabéa é posta em cena por meio do discurso direto, marca da heterogeneidade mostrada, fato que nos permite vislumbrar a posição ideológica da personagem que, em meio à forte tendência consumista que havia na década de 1970, demonstrava gostar de consumir os produtos preconizados pela moda norte-americana. Tal fato demonstra como a ideologia capitalista influenciava a população, ou melhor, a massa, despertando nas pessoas, neste caso em Macabéa, não só o desejo, mas também a necessidade de consumir produtos como a coca-cola e o cachorro-quente.

Já em relação ao discurso indireto (DI), Bakhtin (1999, p.158-164) deixa transparecer que a ideia de que esse seja uma variante do DD é falsa, pois se trata de dois esquemas de citação totalmente independentes um do outro e que funcionam de forma bem peculiar. O autor fez essa constatação a partir de uma crítica à atividade mecânica de transposição de um enunciado em DD para o DI.

Segundo Bakhtin (1999, p.158-164), diferentemente do DD, no DI não há uma debreagem interna, assim como não são admitidas abreviações ou elipses, que são típicas do DD, pois o DI possui uma tendência analítica. Ao asseverar isso, Bakhtin (1999, p.159) demonstra que a significação linguística própria do DI consiste na transmissão analítica do discurso de outrem, cuja tendência analítica “manifesta-se principalmente pelo fato de que os elementos emocionais e afetivos do discurso não são literalmente transpostos ao discurso indireto, à medida que não são expressos no conteúdo, mas nas formas de enunciação”. É por essa razão que as marcas de interrogação, exclamação ou os imperativos não são admissíveis no DI, pois são elementos expressivos da enunciação do interlocutor que devem ser eliminados, visto que no DI só há a subjetividade daquele que relata.

Tendo em vista essa dimensão analítica, Bakhtin (1999) diferencia duas variantes do DI: a variante analisadora de expressão e a variante analisadora de conteúdo. A primeira

implica “uma tomada de posição com conteúdo semântico preciso”, por isso transpõe de forma analítica o que o falante disse, preservando a integridade e a autonomia dos elementos semânticos da enunciação. Essa variante dificilmente é encontrada em textos literários, sendo, portanto, mais comum em textos de natureza científica.

Fiorin (2008, p.76), ao tratar dessas variantes do DI, assevera que, quando utilizada a variante analisadora de conteúdo, essa serve “para constituir uma imagem do locutor, pois mostra suas posições ideológicas ou seu modo de ser psicológico”, ao passo que, “na variante analisadora de expressão, as expressões servem para revelar certas características do locutor que se manifestam no seu texto”.

No que tange à pessoa, Fiorin (2008, p.76-77) aponta dois fatores que devem ser observados:

- a) Se o discurso citado possui um eu e/ou um tu que não se encontram no discurso citante, eles convertem-se em não-pessoa⁷.
- b) Se o discurso citado usa formas que têm um correspondente no discurso citante, essas formas terão o estatuto que ocupam no discurso citante.

Dessa forma, para introduzir o discurso citado no DI é necessário um verbo introdutor. Nesse caso, Fiorin (2008, p.78-79) afirma que o discurso citado sempre aparece como uma oração subordinada substantiva objetiva direta, visto que o DI é obrigatoriamente regido por um *verbum dicendi* que introduz a objetiva direta.

Esses verbos, segundo Fiorin (2008, p. 79):

- a) Indicam o ato de enunciar e, por isso, contém de certa forma o significado dizer.
- b) Dão informação sobre o ato de dizer.

Ainda na esteira de Fiorin (2008, p.79), constatamos que, com exceção do verbo “dizer”, os *verba dicendi* atrelam duas classes de informação, sendo divididos em dois tipos: os que têm valor descritivo e os avaliativos. Ambos podem dividir-se em subclasses. Quanto

⁷No tocante a não-pessoa, Benveniste (1995) pondera que a terceira pessoa, designada muitas vezes como a não-pessoa, somente é enunciada fora da relação eu/tu. Assim, ainda que ela comporte uma indicação de enunciado sobre alguém ou alguma coisa, não remete a uma pessoa específica, sendo o elemento ausente da enunciação, por isso “não é uma ‘pessoa’, é inclusive a forma verbal que tem por função exprimir a não-pessoa” (Benveniste, 1988, p.151).

aos avaliativos: “há os que implicam um julgamento (bom/mau) atribuído ao enunciador do discurso citado (interlocutor no discurso direto e locutor no discurso indireto)” e “os que implicam julgamento atribuído ao narrador (bom/mau; verdadeiro/falso)”.

Em relação aos descritivos, temos:

Os que situam o discurso reportado na cronologia discursiva, como responder repetir, concluir; os que explicitam a força ilocucionária do ato enunciativo, como suplicar, prometer; os que indicam o discurso reportado, como, por exemplo, contar, relatar, demonstrar; os que especificam o modo de realização fônica do enunciado, como gritar, murmurar. (FIORIN, 2008, p.79)

As marcas da heterogeneidade mostrada, presentes no discurso de/sobre Macabéa, interessam-nos pelo fato de podermos identificar marcas ideológicas que permeiam sua constituição identitária. Destacamos influências da ideologia capitalista, da cultura fortemente influenciada pela ideologia norte-americana referente ao ideal de beleza. Tais marcas provêm do sistema capitalista, do consumismo desenfreado incentivado pela intensificação da produção e divulgação de produtos feitos para a massa e da forte influência da cultura norte-americana.

A seguir, apresentamos o segundo recorte, no qual aparece o discurso indireto em sua variante analisadora do conteúdo, marcando a heterogeneidade discursiva:

HE R2

- [...] Você conhece algum estrangeiro?

- Não senhora, **disse Macabéa já desanimando**⁸. (LISPECTOR, 1998, p.77)

Em HE R2, observamos um traço da personalidade de Macabéa: a falta de esperança, de modo que a voz discursiva pertence à protagonista; não a Rodrigo ou a Lispector.

Nosso próximo passo é entender o discurso indireto-livre (DIL); este, diferentemente dos anteriores, representa um grande desafio para a análise gramatical, visto que temos duas vozes que se misturam num mesmo discurso.

⁸ Grifos nossos.

Para Maingueneau (1996, p.116), no discurso indireto-livre: “Encontramos, com efeito, aí misturados, elementos que geralmente consideramos disjuntos: a dissociação dos dois atos de enunciação, característica do discurso direto, e a perda de autonomia dos embreantes do discurso citado, característica do discurso indireto”.

Fiorin (2008, p.81) constata que no DIL não se enuncia em primeira pessoa, diferentemente do DD e, além disso, não há subordinação a um *verbum dicendi* como ocorre no DI. Em vez disso, há exclamações, torneios expressivos e interrogações que auxiliam a identificar o enunciador. Dessa forma, os sentimentos ou as palavras das personagens aparecem diretamente no texto, sem romper a trama narrativa.

Na obra *A hora da estrela*, há algumas ocorrências do DIL que serão trabalhadas no capítulo destinado a análise dos dados. De qualquer forma, apresentamos abaixo um exemplo dos dados coletados.

Neste recorte, temos Macabéa montando um álbum de figuras que ilustram seus objetos de desejo.

HE R3 - Nas frígidas noites, ela, toda estremecente sob o lençol de brim, costumava ler à luz de vela os anúncios que recortava dos jornais velhos do escritório. É que fazia coleção de anúncios. Colava-os no álbum. Havia um anúncio, o mais precioso, que mostrava em cores o pote aberto de um creme para pele de mulheres que simplesmente não eram ela. Executando o fatal cacoete que pegara de piscar de olhos, ficava só imaginando com delícia: o creme era tão apetitoso que se tivesse dinheiro para comprá-lo não seria boba. **Que pele, que nada**, ela o comeria, isso sim, às colheradas no pote mesmo (LISPECTOR, 1998, p.38)

Nesse recorte, ao final, constatamos os sentimentos e as palavras de Macabéa no trecho “Que pele, que nada”, por meio do DIL. A passagem destacada permite-nos observar a situação de pobreza da moça, que tomaria uma atitude oposta à de outras mulheres que passariam o creme para ter uma pele mais atraente.

Segundo o professor Edgar César Nolasco⁹, Lispector utiliza o DIL como uma forma de ironizar. Assim, a Clarice de *A hora da estrela* ironiza a Clarice anterior. Da mesma forma ela usa o DIL para ironizar o narrador.

⁹ Observação feita pelo professor Edgar César Nolasco durante o exame de qualificação, realizado no dia 03 de setembro de 2010.

Tratar da heterogeneidade discursiva, que marca o discurso do sujeito, nos conduz ao estudo de sua constituição ao longo da história.

A concepção de sujeito tem-se modificado com o passar dos anos. Segundo Benites (s/d), a princípio tínhamos o sujeito cartesiano de Descartes (1596-1650), cuja característica principal consiste no fato de termos um sujeito que se coloca como centro, um sujeito consciente, capaz de pensar e de raciocinar, promovendo, dessa forma, a coincidência entre o eu que pensa e o eu que existe.

Em Benveniste, tínhamos um sujeito que acreditava ser fonte e centro da referência do seu dizer, sendo caracterizado pela homogeneidade e pela unicidade; era o *eu*, subjetivo, que se constituía na interação com o *tu* (não subjetivo) e ambos se opunham ao *ele*, a não-pessoa. Nesse sentido, a questão da subjetividade é latente, visto que, para Benveniste, o indivíduo se constitui como sujeito na e pela linguagem. O autor (1995, p.286) define a subjetividade “[...] como uma unidade psíquica que transcende a totalidade das experiências vividas que reúne, e que assegura a permanência da consciência [...], não é mais que a emergência no ser de uma propriedade fundamental da linguagem”.

Já na esteira de Lacan, segundo Benites (s/d, p.5-7), o sujeito não é semelhante ao cartesiano, nem ao benvenistiano; para Lacan, o sujeito se perde na linguagem, pelo fato de não ter domínio completo dela e por ser constituído por um inconsciente, muitas vezes falando mais do que pretende. Dessa forma, para o autor, o sujeito constitui-se como tal quando se inscreve na linguagem, de modo que o sujeito lacaniano constitui-se como efeito de linguagem e é inconsciente.

Para Hall (2005, p. 12-13), o sujeito pós-moderno não possui uma identidade fixa, essencial ou permanente mas, em instâncias diferentes, assume identidades diferentes, não sendo mais unificadas em torno de um “eu” coerente. O autor assevera que existem diversas identidades dentro de nós, sendo todas contraditórias e em constante deslocamento. Observamos que essa visão opõe-se à tradicional concepção de Benveniste de sujeito como centro e também não vai ao encontro da visão de sujeito cartesiano.

Já na perspectiva de Pêcheux e Fuchs (1997), os indivíduos se reconhecem como sujeito quando são interpelados pela ideologia em sujeito de seu discurso. Para Pêcheux (1988), o sujeito é afetado por dois esquecimentos respectivamente: o esquecimento nº1 e o esquecimento nº 2. O primeiro diz respeito ao fato de o sujeito ter a ilusão de que é fonte de

tudo que diz, sendo criador absoluto de seu discurso e o segundo cria no sujeito a ilusão de que seu discurso será interpretado de uma única forma pelos diferentes receptores, pois tem a ilusão de que seu discurso tem somente um significado. A visão de Pêcheux não vai ao encontro da visão de sujeito cartesiano, tampouco da concepção benvenistiana, porém constatamos que, assim como o sujeito lacaniano, ele também é afetado pelo inconsciente, já que a natureza do esquecimento nº 1 é inconsciente e ideológica.

Segundo Brandão (2004, p. 66), na visão da psicanálise, o sujeito é um efeito de linguagem que busca suas formas de constituição na diversidade de uma fala heterogênea e não no interior de uma fala homogênea, sendo um sujeito dividido entre consciente e inconsciente. Esse sujeito também se distancia do sujeito cartesiano e se aproxima do sujeito lacaniano, que é visto como efeito de linguagem.

Considerando a visão atual dos analistas do discurso sobre o sujeito, Possenti (2009, p. 82) afirma que aqueles que ainda são afetados pela “época heróica da fundação da disciplina” são favoráveis ao fim do sujeito cartesiano – o que resultaria na não aceitação da “possibilidade de pensar em um sujeito sem circunstâncias, ou que as domine completamente”.

Por fim, entender, entre outras coisas, como é composto o sujeito ao longo da história é relevante para entendermos a constituição identitária da mulher, via personagem Macabéa, nos dados coletados.

Nesse contexto, passamos a outro conceito fundamental, o de formação discursiva (FD), que teve sua origem na Escola de Análise do Discurso francesa (AD), sendo introduzido por Michel Foucault. Tal conceito constitui-se em um dos principais da AD, pelo fato de se relacionar diretamente ao sujeito, cuja constituição estudamos no item 2.2 desta dissertação. Foucault (2008, p. 43), quando alude à FD, refere-se ao “conjunto de enunciados que podem ser associados a um mesmo sistema de regras, historicamente determinadas”.

Desse modo, para Foucault, a FD é entendida como um conjunto de enunciados regidos pelas mesmas regras de regularidade e dispersão, perpassando por questões ideológicas, assinaladas pela luta de classes. Nesse contexto, faz-se necessário pensar em ideologia:

é a ideologia que fornece as evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem”, aquilo que chamaremos o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados (PÊCHEUX, 1988, p. 160).

Apesar de ter sido Foucault quem introduziu esse conceito, foi com Michel Pêcheux, estudioso que se inseria no quadro teórico do marxismo althusseriano, que a concepção de formação discursiva ingressou na Análise do Discurso. Assim, para Pêcheux (1988, p. 160), uma FD é:

[...] aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.)

De acordo com Maingueneau (1998), o emprego do conceito de formação discursiva é bem amplo e nos referimos a ele quando falamos de certa conjuntura histórica para o discurso comunista, para o discurso dos patrões, entre outros.

A formação discursiva constitui o lugar onde os sentidos se formam, se estabelecem. Nesse contexto, emerge o que Pêcheux (1988) denomina de “*todo complexo com dominante*” das formações discursivas, que se envolve no complexo das formações ideológicas, correspondendo ao interdiscurso, que, por sua vez, pode ser entendido como um espaço em que os discursos circulam e são retomados, reformulados. Assim, emerge o conceito de interdiscurso, que constitui o exterior específico de uma FD.

Nesse sentido, Brandão (2004, p. 91), com base em Courtine e Marandin (1981) afirma que:

O interdiscurso consiste em um processo de reconfiguração incessante no qual uma formação discursiva é conduzida [...] a incorporar elementos preconstruídos produzidos no exterior dela própria; a produzir sua redefinição, a suscitar igualmente a lembrança de seus próprios elementos, a organizar a sua repetição, mas também a provocar seu apagamento, o esquecimento ou mesmo a denegação.

Na perspectiva de Pêcheux (1988), todo discurso é determinado pelas FDs e pela autonomia relativa da língua, e os processos discursivos constituem-se entre elementos linguísticos de uma formação discursiva.

O conceito de interdiscurso, por sua vez, remete ao fato de que sempre há um “já dito”, mas o sujeito mantém a ilusão de que é fonte absoluta de seu dizer, quando, na verdade, ele é fruto da interação de várias vozes.

Na esteira de Pêcheux (2002, p. 68), “é o interdiscurso que especifica as condições nas quais um acontecimento histórico (elemento histórico, descontínuo e exterior) é suscetível de vir a inscrever-se na continuidade interna, no espaço potencial de coerência próprio a uma memória”.

A memória, na perspectiva da AD, segundo Brandão (2004), constitui-se como uma das condições para a significação. Quando se fala em memória, automaticamente se pensa em sequências discursivas preexistentes em relação à “sequência discursiva de referência”. Assim,

As formulações pertencentes a essas sequências discursivas preexistentes constituem, com as “formulações de referência”, redes de formulações que nos permitirão verificar os efeitos de memória que a enunciação de uma sequência discursiva de referência determinada produz em um processo discursivo. Esses efeitos de memória tanto podem ser de lembrança, de transformação quanto de esquecimento, de ruptura, de denegação do já-dito. (BRANDÃO, 2004, p.99)

Para Brandão (2004, p. 99), “essa noção implica o estatuto histórico do enunciado inserido nas práticas discursivas reguladas por aparelhos ideológicos de Estado”. Ademais,

A noção de memória discursiva, portanto, separa e elege dentre os elementos constituídos numa determinada contingência histórica, aquilo que, numa outra conjuntura dada, pode emergir e ser atualizado, rejeitando o que não deve ser trazido à tona. Exercendo, dessa forma, uma função ambígua na medida em que recupera o passado e, ao mesmo tempo, o elimina com os apagamentos que opera, a memória irrompe na atualidade do acontecimento, produzindo determinados efeitos a que já nos referimos. (BRANDÃO, 2004, p. 99)

A discussão acerca das noções da AD conduz-nos, neste momento, para uma análise do discurso comprometida com a materialidade linguística, a fim de que possamos refletir

sobre o discurso materializado nos recortes selecionados para análise, nessa dissertação, e que nos auxiliam a entender os efeitos de sentido mobilizados no Texto de Partida (TP), versão da novela *A hora da estrela* em português, e no Texto de chegada(TC) *La hora de la estrella* em espanhol.

1.2 A MATERIALIDADE DO DISCURSO LITERÁRIO MARCADA PELA REFERENCIAÇÃO

Segundo Jaguaribe (2007), o discurso literário articula um sistema próprio de referência, no qual seus referentes são mais maleáveis e mais susceptíveis a alterações enquanto dure a negociação discursiva.

Na esteira de Maingueneau (2006, p. 44):

[...] as obras falam de fato do mundo, mas a enunciação é parte integrante do mundo que se julga que elas representem. Não há, de um lado, um universo de coisas e atividades mudas e, do outro, representações literárias dele apartadas que sejam uma imagem sua. Também a literatura constitui uma atividade; ela não apenas mantém um discurso sobre o mundo, como produz sua própria presença nesse mundo.

Assim, Maingueneau (1996) afiança que a literatura tem um poder de desestabilização, pois o enunciador enuncia do “não lugar”, um lugar fictício, mas que não deixa de ter relação com a realidade.

Ademais, devemos considerar que, na obra literária, ocorre um deslocamento no que tange à língua utilizada pelo enunciador. Desse modo, cabe ao leitor desse tipo de texto buscar, na superfície da materialidade do discurso, recursos de linguagem que conferem ao texto literário algumas especificidades e que são, desse modo, responsáveis pelo que os formalistas russos chamavam de “literariedade”, ou seja: a relação especial entre autor, texto e leitor fica patente no momento de recepção da obra literária.

Segundo Cardoso (2003, p. 1): “A relação entre a linguagem (um dizer) e uma exterioridade (um não dizer), relação necessária para que a linguagem tenha o seu valor e não se encerre em si própria, é o que se chama de referência”. De uma ótica textual, Koch (2006, p. 79) verifica que:

a referência passa a ser considerada como o resultado da operação que realizamos quando, para designar, representar ou sugerir algo, usamos um termo ou criamos uma situação discursiva referencial com essa finalidade: as entidades designadas são vistas como objetos-de-discurso e não como objetos-do-mundo.

O Referente, por sua vez, é o objeto a que a linguagem visa, com o objetivo de descrevê-lo, transformá-lo, ou mesmo, segundo se verá, de constituí-lo. Ainda na esteira de Cardoso (2003, prefácio), “O referente do discurso não é a realidade, mas aquilo que o discurso institui como realidade”.

Na perspectiva de Koch (2006, p. 79), “a referenciação constitui uma atividade discursiva”. No que tange aos tipos de mecanismos referenciais, segundo a autora, temos: 1)- os relativos ao texto (anáfora/catáfora); 2)- os relativos à situação de enunciação (dêixis).

Carvalho (1973) assevera que a dêixis é um processo de significação que aponta ou esclarece o que já foi ou vai ser dito em seguida. Dessa forma, por meio da análise das anáforas diretas e indiretas presentes no livro *A hora da estrela*, é possível analisar o discurso literário da obra, interpretando os referentes e buscando entender a constituição identitária de Macabéa.

Quanto à composição da anáfora indireta, Marcuschi (2005, p.53) afirma que é “[...] geralmente constituída por expressões nominais definidas, indefinidas e pronomes interpretados referencialmente sem que lhes corresponda um antecedente (ou subseqüente) explícito no texto”.

No que concerne à anáfora direta, segundo Nascimento (2003, p. 107):

Entendemos por anáfora direta, como a remissão que retoma o referente como sendo o mesmo já introduzido. São as retomadas por repetições lexicais, por sinônimos, por pronomes de 3ª pessoa e por metáfora e metonímia, mantendo ou não a correferencialidade [...]

Além das referências feitas por meio de anáforas, consideramos também outras marcas de referenciação, que nos auxiliam na interpretação do discurso literário de Lispector, tais como: tempos verbais, pronomes, adjetivos, entre outros.

Dessa forma, nesta pesquisa, analisamos o processo de referenciação tanto na novela em português quanto em sua versão espanhola, visando, por meio da materialidade linguística do discurso, entender a constituição identitária feminina na década de 70, via personagem Macabéa. Ressaltamos que consideramos o uso da dêixis como um marcador da posição ideológica do locutor. A fim de exemplificar, vejamos dois recortes:

HE R4 - Como é que sei tudo o que vai se seguir e que ainda o desconheço, já que nunca vivi? É que numa rua do Rio de Janeiro peguei de relance o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina. (LISPECTOR, 1998, p. 23)

HEL R1 - ¿Cómo sé lo que seguirá y que todavía desconozco, ya que nunca lo he vivido? Porque en una calle de Río de Janeiro sorprendí en el aire, de pronto, el sentimiento de perdición en la cara de una muchacha norestina. (LISPECTOR, 2007, p.14)

Nos dois recortes apresentados, o fato de o narrador apontar a protagonista como uma nordestina/*una nordestina*, cria o efeito de sentido de uma identidade perdida em meio à multidão, pois pode ser qualquer moça nordestina, já que os artigos indefinidos *uma/una* não trazem um referente claramente definido.

Ao atentarmos para a materialidade linguística, cuja importância para análise é indiscutível, faz-se necessário olhar para questões que estão além da causa estritamente linguística. Para tanto guiamo-nos pelos caminhos dos Estudos Culturais, que nos auxiliam nessa tarefa.

2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE OS ESTUDOS CULTURAIS

Neste item, traçamos um panorama dos Estudos Culturais, cuja contribuição teórica para a análise dos dados desta dissertação é bastante relevante pelo fato de que, no cerne dos Estudos culturais, destaca-se a preocupação com as diversas culturas, sobretudo com as marginalizadas. Ademais, constatamos um grande respeito dessa área em relação às peculiaridades de cada cultura e a preocupação com os produtos da cultura popular e dos *mass media* que delineavam os rumos da cultura contemporânea.

Os Estudos Culturais tiveram sua origem marcada pela publicação de três obras que constituem suas bases, respectivamente *The uses of literacy* (1957), de Richard Hoggart, *Culture and Society* de Raymond Williams, e *The Making of the english working class*, de Eduard P. Thompson (1963), todas em Birmingham, Inglaterra. Apesar de esses estudos terem nascido na Inglaterra, na perspectiva de Escosteguy (2000), na contemporaneidade, eles já se tornaram um fenômeno internacional.

Dos autores mencionados, destacamos as contribuições de Williams, que, por meio de seu olhar diferente sobre a história literária, destaca a cultura como central na conexão entre análise literária e investigação social, e a de Thompson, que, com base em sua forte tendência marxista, exerce influência no desenvolvimento da história social britânica. Segundo Escosteguy (2000, p. 141):

Para ambos, Williams e Thompson, a cultura era uma rede de práticas e relações que constituíam a vida cotidiana dentro da qual o papel dos indivíduos estava em primeiro plano. Mas, de certa forma, Thompson resistia ao entendimento de cultura enquanto uma forma de vida global. No seu lugar, preferia entendê-la enquanto uma luta entre modos de vida diferentes.

No que concerne ao caráter dos Estudos Culturais, podemos vê-los de dois pontos de vista: o político e o teórico. O primeiro, por poderem ser caracterizados como a política cultural dos diversos movimentos da época de seu florescimento, sendo considerados um mecanismo de “correção política”, de acordo com Escosteguy (2000). O segundo, por sua vez, deve-se ao fato de teoricamente serem compostos pela intersecção de várias disciplinas a fim de compreender os aspectos políticos, socioeconômicos e culturais que compõem a sociedade.

Segundo Escosteguy (2000), em 1964, foi fundado, por Richard Hoggart, na Universidade de Birmingham, Inglaterra, vinculado ao Departamento de Língua Inglesa, o *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS), tendo como foco principal o estudo das relações entre cultura e sociedade. Nesse período, emergiu o interesse pela compreensão da cultura da classe operária inglesa do pós-guerra, cujos valores haviam mudado no período. Posteriormente, quando Hall substituiu Hoggart na direção do centro, observamos uma intensificação nos estudos etnográficos, na investigação das práticas de resistência, sobretudo no que tange às subculturas e à análise dos meios massivos.

No final da década de 1960, a atenção dos pesquisadores volta-se para a recepção e a densidade dos consumos midiáticos. Na década de 1970, há uma aproximação dos Estudos Culturais aos Estudos Feministas, e, na década de 1980, intensifica-se o interesse pelos meios de comunicação de massa, sobretudo os programas televisivos, bem como surgem os trabalhos de natureza etnográfica. Nesse período, novos pensamentos começam a incrementar os Estudos Culturais, fato que vai conduzindo ao início de sua despolitização.

Comparando as décadas de 1980 e de 1990, constatamos que, na primeira, a preocupação central era a compreensão das relações entre poder, ideologia e resistência, enquanto na segunda o fato de querer recuperar as denominadas “leituras negociadas” dos receptores conduziria à valorização da liberdade individual do receptor em detrimento da valorização dos efeitos da ordem social.

Ao longo dos anos, os Estudos Culturais foram conquistando espaço, evoluindo e sofrendo alguns deslocamentos. O primeiro diz respeito a uma nova formulação do sentido de cultura fortemente influenciada pela perspectiva marxista. Segundo Escosteguy (2000, p. 144-145):

[...] A perspectiva marxista contribuiu para os Estudos Culturais no sentido de compreender a cultura na sua “autonomia relativa”, isto é, ela não é dependente das relações econômicas, nem seu reflexo, mas tem influência e sofre conseqüências das relações político-econômicas.

O segundo deslocamento, de acordo com Escosteguy (2000), reside nas relações entre o político e as instâncias ideológicas e entre o cultural e o econômico. O terceiro deslocamento refere-se à concepção de ideologia que perpassa a visão de Althusser e direciona-se à concepção de Turner (1990) para quem a ideologia precisa ser examinada em suas formas materiais e não somente nas linguagens e nas representações, visto que é necessária sua análise nas instituições e nas práticas sociais que permeiam nosso modo de viver e de nos organizar nas práticas sociais.

Quanto às linhas de pesquisa dos Estudos Culturais, destaca-se a que enfatiza as relações de consumo da comunicação de massa, pois o foco dos Estudos Culturais na pós-modernidade está na globalização, na cultura nacional e em sua influência na construção de identidades. Assim, mantêm um vínculo com a maneira de viver do mundo globalizado, onde

as diferenças são bem marcadas, fato que contraria o que em teoria deveria ser a essência da globalização, ou seja, a unificação dos povos.

Desse modo, na perspectiva de Canclini (2003, p.46), faz-se necessário valorizar a interculturalidade, pois, segundo o autor: “Quero pensar a globalização dos relatos que mostram, junto com sua existência pública, a intimidade dos contatos interculturais sem os quais ela não seria como é”. Para o autor, a globalização multiplica as diferenças e gera desigualdades, contrariando a crença de que esse processo só homogeneiza.

Nos últimos anos, a intensificação desse processo de globalização faz que reflitamos sobre um dos fatores atrelados ao seu desenvolvimento e a sua intensificação: a mídia. Interessa-nos, especificamente, atentar para a relação que Macabéa, protagonista de *A hora da estrela*, estabelece com o mundo globalizado via mídia, a fim de buscar traços constitutivos de sua identidade nessa relação. Quando se fala de mídia, segundo Charaudeau (2009), não há como pensar em um discurso midiático que seja neutro e transparente, pois devemos pensar no espaço midiático como uma máquina de construir espaço público e opinião pública.

A mídia consegue direcionar o público, por meio de uma racionalização, a fim de que esse faça o mesmo recorte da informação que ela. Nesse contexto, observamos que o autor considera a mídia como uma instância detentora de parte do poder social, não a vendo como uma instância de poder absoluto.

Nessa perspectiva, a mídia constitui-se em um dos mais importantes mecanismos difusores do processo de globalização. Segundo Briggs (2006), as fronteiras da mídia foram dissolvidas e cada vez mais ela se torna algo ilimitado. A autora historiciza o percurso da mídia, desde meados de 1920 até os dias atuais, mostrando que, nesse período, muitas mudanças ocorreram, tanto na maneira de o público relacionar-se com a mídia quanto no rompimento de barreiras, que separavam as estratégias de mídia nacionais dos problemas e oportunidades globais, sobretudo na década de 1990. Assim, o nacional passa a sofrer interferência do global e vice-versa. No âmbito da cultura, por sua vez, as barreiras entre o global e o local já estavam se dissolvendo há algum tempo, sobretudo em virtude do desenvolvimento tecnológico.

De Bauman (1998) emerge uma visão de cultura que rompe com o paradigma tradicional, pois, para o autor, em decorrência da complexidade da sociedade atual, percebem-se os sintomas de uma crise de paradigmas que provoca o rompimento com a visão ortodoxa

de cultura e gera uma reflexão sobre o que de fato é a cultura na pós-modernidade, bem como acerca da concepção de cultura para a mídia.

Nesse sentido, na pós-modernidade, fala-se muito sobre a cultura do consumo gerada por diversos mecanismos do processo de globalização e pela mídia, e a imagem constitui-se como um dos recursos poderosos utilizados pela mídia, na sociedade contemporânea, para seduzir o consumidor, despertando nele um desejo de consumir cada vez mais descomedido. Nesse contexto, Bauman (1998) trata de alguns aspectos da sociedade contemporânea que afligem o ser humano como: a mecanização das estruturas sociais, o desemprego, a violência, o consumo desenfreado, entre outros, que fazem que o homem contemporâneo sofra do que o autor chama de mal-estar da pós-modernidade.

Nesse contexto, surge a reflexão sobre a relação que o indivíduo pós-moderno estabelece com a mídia. Charaudeau (2009) assevera que, no estabelecimento da relação entre mídia e público, emerge a visão pré-concebida de que a primeira ocupa o lugar de quem detém o saber, enquanto o segundo é o que busca o saber. O saber tem sua base em um acontecimento que recebe da mídia um tratamento que lhe é bem peculiar. Dessa maneira, constatamos que a mídia tenta transmitir, ao público, credibilidade; para tanto, busca relatar o que acontece no espaço público, privilegiando, no acontecimento, seu potencial de sociabilidade, imprevisibilidade e atualidade.

Esse acontecimento, que se constitui como um dos materiais essenciais da mídia, pode ser transmitido por meio dos seguintes suportes midiáticos: rádio, televisão ou imprensa escrita. Esses, segundo Charaudeau (2009), são ancorados pelo fator tecnologia, considerado fundamental pelo autor. Desse modo, sem ele a mídia não funcionaria e não constituiria esse espaço cuja dimensão é globalizante. É por meio da relação entre a instância da produção e a da recepção que se constrói a opinião pública.

Bauman (1998), no que concerne ao que sente o homem contemporâneo nessa era pós-moderna, mostra que o indivíduo passa por uma crise existencial gerada pela angústia de viver em meio a essa sociedade consumista, violenta, repleta de inversões de valores. Atualmente, o homem vive aterrorizado pelo medo, pela ansiedade de não saber o que o futuro lhe reserva, se será substituído por uma máquina ou não. Nessa sociedade consumista, Bauman (1998) demonstra sua visão sobre “cooperativo” e “cooperativa”, destacando que, nessa cooperativa da modernidade, tem mais valor aquele que mais consome e não sua contribuição produtiva.

Na visão de Bauman (1998), o ato de consumir reconforta o consumidor e, assim, tudo que é cultural passa a adquirir sentido por meio do consumo. Com isso, a socialização entre as pessoas torna-se cada vez mais difícil. Lugares que antes eram típicos de socialização hoje mudaram sua significação. Vejamos, por exemplo, as praças de alimentação dos grandes *shopping centers*, nas quais sempre há uma multidão, porém nem todas as pessoas que ali se encontram têm companhia. Ademais, dificilmente quem está sozinho se integra com os desconhecidos que estão à sua volta. Assim, nessa sociedade que está imersa no processo de globalização, há pouca socialização, havendo, dessa forma, predomínio de uma cultura individualista.

Nesse sentido, recorreremos aos pensamentos de Arendt (2008) e Bauman (1998), que tratam da dissolução das fronteiras entre as esferas pública e privada, inclusive na mídia globalizada, visto que esta, muitas vezes, veicula, entre outras coisas, debates sobre a vida particular das pessoas, mais precisamente sobre os problemas que elas enfrentam, por exemplo, no casamento, fazendo que o que era privado se misture ao que é público, de tal forma que as fronteiras entre ambos se tornem indefiníveis.

Segundo Lipovetsky (2004), essa exteriorização coletiva dos sentimentos está ligada à hipermidiatização dos acontecimentos, que catalisa as emoções e afetos comuns em amplas manifestações, como, por exemplo, o caso da morte da princesa Diana, que repercutiu no mundo inteiro e despertou a emoção de milhões de pessoas.

Dado o exposto, percebemos que, na sociedade contemporânea, ocorreram diversas mudanças nos paradigmas tradicionais e ortodoxos, revolucionando conceitos que já estavam de certa forma cristalizados, como o de cultura, de globalização, de esfera pública e o de esfera privada, entre outros. Essas mudanças vêm sendo geradas em razão da dinamicidade da sociedade contemporânea, que evolui em diversos aspectos, sobretudo no tecnológico. Em consequência disso, são investidos milhões no aparelho midiático, que contribui, por meio da massificação de produtos, para que o homem moderno viva movido por um desejo incessante de consumir e ansioso, angustiado, pelo medo da violência, do desemprego, entre outros problemas.

Esse universo midiático globalizante pode ser vislumbrado também dentro da obra de autores como Clarice Lispector (1977), que ilustrou de forma brilhante a relação que Macabéa, protagonista de *A hora da estrela*, estabelecia com dois tipos de suporte midiático,

respectivamente o rádio e a imprensa escrita, no caso em questão, o jornal. O primeiro, em nossa opinião, diversas vezes angustiava a personagem, que não entendia muitas coisas ali divulgadas, fato que demonstra que, muitas vezes, a mídia não consegue fazer que as notícias ou as informações desse período, em que a globalização era um processo embrionário, sejam compreendidas de maneira uniforme pelo público, provocando, ao invés da socialização, o isolamento do indivíduo. Com relação ao segundo, a personagem via-se fascinada pelas imagens apresentadas no jornal, recortava as figuras e montava um álbum particular a fim de ficar colecionando essas imagens que lhe provocavam um desejo imenso de consumir. Isso fazia que Macabéa vivesse tão ansiosa quanto qualquer outro indivíduo pós-moderno, assolado pelo mal-estar da pós-modernidade, abordado pelos autores que fundamentam este estudo.

Dessa forma, estamos de fato em uma sociedade imersa num processo de globalização cujos reais benefícios ainda são muito discutidos e onde a mídia trabalha como um elemento que favorece a intensificação desse processo.

Canclini (2003) ressalta que grande parte do mercado financeiro já está totalmente globalizada, porém ainda há uma parte considerável do comércio que ainda é nacional ou intrarregional, e as pressões globalizadoras fomentam agrupamentos regionais de economias, o que reforça o poder de decisão de alguns Estados, especialmente na Europa.

Quanto à relação da globalização com a cultura, Canclini (2003, p. 58) afirma que:

Adianto que incluir o papel das pessoas e, portanto, a dimensão cultural da globalização permite considerar três aspectos aos quais voltaremos: o drama, a representatividade e a possibilidade de mudar o rumo. Ao dizer que não se trata apenas de movimentos de capitais, bens e mensagens, penso no desarraigamento dos imigrantes, na dor dos exilados, na tensão entre os bens possuídos e os prometidos pelas mensagens publicitárias; em suma, nas cisões dramáticas das pessoas que não vivem onde nasceram.

Desse modo, para Canclini (2003), quando as pessoas são envolvidas no processo de globalização, há alteração em sua concepção, pois quando os atores transmitem suas experiências interculturais transnacionais ajudam a recuperar poder diante do fanatismo predominante dos economistas.

A fim de entendermos a constituição identitária de Macabéa, personagem sufocada por esse universo capitalista, travamos um diálogo com as concepções de identidade e com o movimento feminista.

2.1 A IDENTIDADE NOS TRILHOS DO FEMINISMO

A identidade feminina constitui-se em um dos aspectos centrais desta dissertação. Para tratá-lo, nós nos apoiaremos, sobretudo, em Hall (2005), Woodward (2000) e Bauman (1998). Antes, porém, fazemos uma breve viagem que nos dará um panorama do movimento feminista do século XX.

A questão da diferenciação entre homens e mulheres, assim como sua implicação para a sociedade, passa a ser debatida e estudada, sobretudo dos anos 60 aos 90 do século passado, gerando polêmicas e discussões sobre o gênero feminino e a escrita praticada por mulheres. Tal discussão estende-se até os dias atuais, porém numa vertente em que os estudos sobre o feminismo e a modernidade vislumbram uma aproximação entre o pensamento pós-moderno, cuja proposta é a desconstrução dos sujeitos históricos, políticos e sociais, conforme propunham Foucault (1978) e Derrida (2006), articulando a análise dos grupos sociais que são historicamente excluídos, no caso, as mulheres.

A partir da década de 1970, período que nos interessa especialmente, com a intensificação do movimento feminista, questões que eram típicas da esfera privada, como aborto, sexualidade, entre outras, passam a ter visibilidade política na esfera pública. .

Nesse período, também foram feitas reivindicações referentes a assuntos do cotidiano, como a falta de creches, o salário menor que o dos homens, entre outros. Todos esses fatores denunciam uma situação de exclusão e desvalorização feminina em relação à figura masculina.

A crítica feminista, ao trazer a voz das mulheres, provoca um impacto no sistema político que, até então, considerava unicamente a noção universal de sujeito masculino e que havia deixado a voz feminina à margem do discurso histórico-científico e do sistema político. Assim, há uma abertura para a análise da alteridade, considerando os sujeitos excluídos historicamente, visto que vislumbram a política não mais como privilégio do Estado.

As reivindicações propostas pelas feministas no tocante às desigualdades de gênero ao universo patriarcal, também consistem em uma proposta de desconstrução, pois, ao criticarem, sobretudo as diferenças de gênero, estão também criticando as categorias universais do sujeito masculino, entre outras.

Vale ressaltar que se, por um lado há essa aproximação, por outro, há um distanciamento assinalado pelo fato de os pós-estruturalistas terem proposto o descentramento da noção de sujeito, fato que provoca uma crise de representação enquanto as feministas propunham a representação de um grupo específico, buscando, desse modo, o reconhecimento dos direitos das mulheres e a valorização da figura feminina.

Na década de 70, o movimento feminista, além de criticar ações que desconsideravam os direitos femininos, também fazia uma crítica contundente à ditadura militar, lançando um Movimento Feminino Pela Anistia que reivindicava a liberdade de presos políticos.

De acordo com Manini (1996, p. 54-55), no que tange às propostas e conquistas femininas no período em questão,

Todas essas propostas e as muitas conquistas obtidas pela mulher no espaço público e também na esfera privada, onde é possível verificar uma mudança na relação homem-mulher devido à força que esta passa na adquirir pelo reconhecimento de seus papéis e direitos na sociedade, foram fundamentais para romper com a invisibilidade histórica das mulheres, fortalecê-las enquanto cidadãs e questionar as estruturas política, econômica e social do período. Por essa razão e muitas outras o feminismo que se desenvolveu no Brasil dos anos 70, foi de fundamental importância.

Ater-nos-emos à década de 1970, conscientes de que, a partir da década de 1980, o feminismo tomou novos rumos, sobretudo pelo fato de buscar afirmar as identidades femininas, distanciando-se daqueles que antes pretendiam sobrepor às lutas gerais às especificidades das questões femininas.

Nos anos 1970, havia, então, o neofeminismo, que, segundo Morin (1977, p. 157) é “o reconhecimento e a afirmação da identidade [feminina], isto é, da singularidade e da diferença”. Nesse período, houve uma mudança profunda da concepção de igualdade, que passou a ser reconhecida como a concentração de afirmação da diferença. Posteriormente, obteve ênfase a questão da identidade feminina, pois a mulher não queria ser exatamente igual ao homem, ou seja, seu reflexo, mas sim ter sua marca, seus direitos e valores reconhecidos.

Ao refletirmos sobre o discurso literário de Clarice Lispector, constatamos que ele é perpassado por relações de poder no interior do mundo feminino. Passamos, então, a refletir sobre a questão da identidade nesse contexto.

Nossa identidade, ao longo de nossa existência, sofre alterações segundo as transformações temporais e históricas dos povos, possibilitando-nos ocupar diversas posições. Nesse contexto, segundo Hall (2000, p. 31), “As formas como representamos a nós mesmos, como mulheres, homens, pais, vêm sofrendo alterações com o passar do tempo e, assim, as relações familiares também tem mudado.” São essas mudanças que contribuem para os conflitos e crises de identidade que assolam o sujeito pós-moderno.

Para Castells (2000, p. 22): “entende-se por identidade a fonte de significado de um povo.” Já em “A Identidade cultural na pós-modernidade”, Hall (2005) problematiza a questão da crise da identidade na pós-modernidade, buscando explorar algumas questões relativas à identidade cultural na modernidade tardia, bem como ponderando se há uma “crise de identidade” e em que direção ela está indo. Para Hall (2005, p. 8), tratar do conceito de identidade não é tarefa fácil, pois “as identidades modernas estão sendo ‘descentradas’, isto é, deslocadas ou fragmentadas”.

Quanto à crise de identidade, Hall (2005) assevera que o rompimento com o que aparentemente era estável provoca um duplo deslocamento ou dupla descentração do sujeito, tanto de seu lugar no mundo social quanto no cultural. Esse fato gera o que Hall denomina “crise de identidade para o indivíduo”.

Dessa forma, podemos articular, como uma das causas desse deslocamento e dessa descentralização, o crescimento das desigualdades sociais geradas pelo sistema capitalista que nivelava cada vez mais as pessoas, distribuindo-as em diferentes classes sociais, provocando cada vez mais o distanciamento, a desunião das pessoas.

Segundo Bauman (1998, p. 26), “A ideia de ‘identidade’ nasceu da crise do pertencimento e do esforço que esta desencadeou no sentido de transpor a brecha entre o ‘deve’ e o ‘é’ e erguer a realidade ao nível dos padrões estabelecidos pela ideia – recriar a realidade à semelhança da idéia”.

Para Hall (1998, p. 10), ao longo da história podemos distinguir três tipos principais de identidade: a) a identidade do sujeito do iluminismo; b) a identidade do sujeito sociológico e a identidade do sujeito pós-moderno.

A primeira pertence ao indivíduo centrado, unificado, movido pela razão, consciente, cujo “centro” incidia num núcleo interior que surgia junto ao nascimento do sujeito e se desenvolvia com ele, sendo sempre idêntico a ele no decorrer de sua existência. O centro essencial desse “eu” era a identidade de uma pessoa.

A segunda traz a complexidade do mundo moderno, no qual é visível que o núcleo interior do sujeito não é autônomo nem autossuficiente, mas sim formado pela relação com outras pessoas que lhe transmitem valores.

Por fim, a terceira apresenta a identidade móvel e contraditória do indivíduo pós-moderno, cuja identidade não é centrada em torno de um “eu” coerente. Desse modo, na modernidade tardia, um dos aspetos que está relacionado ao seu caráter de mudança é o processo conhecido como globalização e todo impacto que ele causou sobre a identidade cultural.

Para Coracini (2007), é preciso questionar essas verdades preestabelecidas que têm estabilizado nossa identidade, sentimento ilusório de unidade, de ser completo, mostrando-se como ela é: fragmentada, constituída pelo outro, que vai nos modificando no percurso da vida. Que sejam construídos outros discursos, ou que, pelo menos, se transformem os velhos, deslocando, de forma criativa e sem discriminações, a mentalidade sexista que ainda nos alimenta, a fim de produzirmos deslocamentos no interior da formação discursiva em que estamos imersos.

Para Bauman (1998, p. 35), “As identidades ganharam livre curso, e agora cabe a cada indivíduo, homem ou mulher, capturá-las em pleno vôo, usando os seus próprios recursos e ferramentas”.

Neste estudo, pode-se afirmar que Macabéa, imersa na sociedade capitalista, vivia tentando “se encontrar”. Nos recortes que seguem, vemos a constatação feita por Rodrigo S.M.

HE R5 - Quero antes afiançar que essa moça não se conhece senão através de ir vivendo à toa. Se tivesse a tolice de se perguntar “quem sou eu” cairia estatelada e em cheio no chão. É que “quem sou eu” provoca necessidade. E como satisfazer essa necessidade? **Quem se indaga é incompleto.** (LISPECTOR, 1998, p.15)

HEL R2 - Antes quiero afirmar que esa chica no se conoce sino a través de vivir a la deriva. Si fuese tan tonta como para preguntarse “¿quién soy yo?”, se espantaría y se caería al mismo suelo. Es que el “¿quién soy yo?”, provoca necesidad. ¿Y cómo satisfacer la necesidad? **Quien se analiza está incompleto.** (LISPECTOR, 2007, p.17)

Em HE R5, chama-nos atenção a forma como é colocada a incompletude da personagem no TP e no TC. No primeiro a afirma-se: “Quem se indaga é incompleto”; no segundo: “Quien se analiza está incompleto”. Para entendermos o efeito de sentido articulado no TP e no TC, faz-se necessário compreender a diferença que há entre os verbos *ser* e *estar*. Segundo Lapa (1998, p. 171),

A diferença de significado entre os dois verbos foi corretamente explicada por Caldas Aulete no seu *Dicionário* (rubrica ser), quando diz “*ser* se emprega quando a qualidade atribuída ao sujeito lhe é inerente e natural ou habitual, e o verbo *estar* no caso contrário”. E um grande ensaísta espanhol, Salvador de Mariaga, foi mais longe: viu na diferença entre os dois verbos um rasgo característico do homem hispânico: “a tendência para distinguir o que é essencial do que é passageiro, entre o *ser*, que é permanente, e as circunstâncias, que somente *estão*”.

Desse modo, na versão em português, o efeito de sentido gerado pelo uso do verbo “ser” no presente do indicativo, não deixa dúvidas sobre o fato de ser em permanente incompletude; já em HEL R2, versão espanhola, o uso do verbo “estar”, no presente do indicativo, cria o efeito de sentido de algo passageiro, de estado transitório.

Em *A hora da estrela*, chama-nos atenção o fato de Lispector provocar seus leitores com a escolha de um narrador masculino para contar a história da nordestina Macabéa, personagem que vivia imersa num mundo que a excluía, de que decorria seu desencontro no/com o mundo em que buscava encontrar-se. Esse artifício de Lispector é, todavia, compreensível se pensarmos que, não só na década de 1970, mas também em períodos anteriores, na formação da identidade prevalecia o gênero masculino. Desse modo, segundo Woodward (2000, p.10):

As identidades nacionais produzidas são masculinas e estão ligadas a concepções militaristas de masculinidade. As mulheres não fazem parte desse cenário, embora existam, obviamente, outras posições nacionais e étnicas que acomodam as mulheres. Os homens tendem a construir posições-de-sujeito para as mulheres tomando a si próprios como ponto de referência.

Assim, a mulher era coadjuvante e o homem protagonista. O objeto do discurso é o feminino¹⁰, estereotipado, numa representação (des)construída socialmente, sob um olhar masculino: a mulher destituída de atributos físicos, não correspondendo, portanto, aos ideais masculinos no interior de um sistema patriarcal.

Considerando-se o confronto da mulher-personagem–feminino com um narrador masculino que não quer ceder o lugar central da enunciação ao sujeito feminino, este mesmo narrador põe em cena um distanciamento e, ao mesmo tempo, um diálogo permanente entre posições diferentes de sujeito: homem-mulher; masculino-feminino; poder/não poder; local/universal, ora acentuando, ora silenciando as diferenças.

Parece produzir-se um imbricamento autora/mulher e narrador/homem, de um lado, e o discurso-personagem-feminino, de outro, nos raros momentos em que a personagem-mulher deixa de ser representada para assumir a condição de sujeito da enunciação.

Nesse contexto, a autora (2000, p.10) enfatiza ainda que “Os homens tendem a construir posições-de-sujeito para as mulheres, tomando a si próprios como ponto de referência”. Há, portanto, uma busca constante para entender a identidade e o que de fato somos, nossa origem. Aspectos que dizem respeito a fatores biológicos, históricos, religiosos, étnicos de cada ser.

No foco analítico deste estudo, buscaremos compreender a constituição da identidade feminina/ via Macabéa, na novela *A hora da estrela*, atentando para questões de identidade em meio à inclusão/exclusão da protagonista.

Nesta dissertação é fundamental estudarmos a tradução cultural a fim de fecharmos a tríade teórica que nos auxilia na análise proposta.

¹⁰ Contribuição da professora Dra. Marlene Durigan durante o exame de qualificação, no dia 03/09/2010.

3. A CULTURA NOS ENTREMEIOS DA TRADUÇÃO

Nosso objetivo, ao estudarmos os Estudos da Tradução, é buscar uma intersecção entre tradução, como prática da diferença, e cultura que nos auxilie a entender os efeitos de sentido articulados no texto de partida (TP), *A hora da estrela*, e no de chegada (TC), *La hora de la estrella*.

Ao longo do tempo, os Estudos da Tradução foram sofrendo mudanças. No primeiro momento, ocorreram fortes discussões sobre a questão da equivalência, termo que, segundo Rodrigues (2000b), gerou diversas dúvidas sobre seu real significado, mas que é frequentemente empregado por autores que veem nele uma maneira de identificar, ou melhor, de igualar o TP e o TC.

Segundo Rodrigues (2000b, p.92), “A unidade e a homogeneidade pressupostas pela equivalência, entretanto, não têm lugar no reino da diferença instituído a partir da destruição da torre de Babel”. Assim, considerando a multiplicidade de línguas, Rodrigues (2000b, p.92) assevera que “[...] a tradução vai se situar em um ponto intermediário, que não é o da transparência nem o da equivalência, pois cada signo se relaciona com os outros signos de modo diferente em cada língua e em cada texto de cada língua”.

Nos primórdios da humanidade, segundo Derrida (2006), no ensaio *On Translation* (1959), eram considerados três tipos de tradução: a intralingual, a interlingual e a intersemiótica. A primeira era realizada pela interpretação dos signos da língua, por meio de outros signos dessa mesma língua; a segunda baseava-se na interpretação de signos da língua por meio de outra língua e a última trabalhava com a interpretação de signos linguísticos por meio dos não linguísticos.

No mundo contemporâneo, os Estudos da Tradução são fortemente influenciados pelo pensamento de Derrida sobre a desconstrução, trazido na obra *Torres de Babel*, cuja ideia central, que parte da confusão entre as línguas, consiste na impossibilidade da tradução. Desse modo, a história da “Torre de Babel” relata, entre outras coisas, “a origem da confusão das línguas, a multiplicidade dos idiomas, a tarefa necessária e impossível da tradução, sua necessidade como impossibilidade.” (DERRIDA, 2006, p. 20).

Especificamente a história da torre de Babel conta que uma tribo denominada Shem, palavra que significa “nome”, em hebraico, objetivava edificar uma torre que chegasse até os

céus e queria impor sua língua aos demais povos como forma de poder e dominação, ou melhor, de imperialismo linguístico. Nesse contexto, Deus interrompe essa construção e impõe seu nome, Babel, palavra que remete a confusão. Assim, ele pune os Shem, que ficam expostos à diversidade das línguas e à tradução que, segundo Rodrigues (2000b), não será perfeita.

A dispersão das línguas condena, assim, o homem à necessidade de tradução, mas também a um trabalho que nunca estará completo, porque a tradução perfeita, a transparência, só seria possível com a imposição de uma única língua universal como queriam os Shem. (RODRIGUES, 2000b, p. 90)

A partir dessa constatação referente à necessidade de tradução, Derrida (2006) analisou o acontecimento bíblico da torre de Babel e verificou que ele é um mito que retrata a origem da necessidade da tradução. Ainda na esteira derridiana, interessa-nos neste estudo, o pensamento de Paulo Ottoni (2005, p. 99), que considera a tradução necessária, porém impossível. Nesse sentido, deparamos com a noção de *double bind*.

[...] só através do *double bind* um texto se faz outro ao evidenciar que a diferença de significados não é privilégio das diferenças e de diferentes línguas, mas de como essa diferença cria uma espécie de tradução recíproca a partir da intervenção do tradutor, que não se liberta da imposição e da intervenção das línguas envolvidas na tradução (OTTONI, 2005, p. 52-53).

Para Ottoni (2005, p.12), *double bind* seria o imperativo categórico que refletiria o paradoxo inerente ao processo de tradução, já que demarcaria, a um só tempo, sua impossibilidade e sua necessidade, diante da inevitável dificuldade que se impõe como um desafio ao tradutor. O autor (2005, p. 144), ao apresentar o exemplo de Graham, um dos tradutores da obra de Derrida, assevera que o tradutor optou por não traduzir o título do livro do francês para o inglês porque pretendia manter os vários sentidos em francês. Essa atitude, segundo Ottoni, caracteriza o que chamamos “economia da língua” e conduz à “tradução recíproca”, isto é, estar entre duas línguas, entre dois sistemas linguísticos e no meio de várias línguas que compõem as duas línguas. Assim, segundo o autor, o tradutor deve ao mesmo tempo traduzir e não traduzir.

Segundo Derrida (2006), os tradutores estão sempre entre o intraduzível e a tradução, estar “entre” caracteriza o fato de sofrerem e suportarem o *double bind*. Assim, o autor, em “Torres de Babel”, ao fazer uma leitura da tradução de Maurice Gandilac do ensaio de Walter

Benjamin, *Die Aufgabe des Übersetzers* (A tarefa do tradutor), reflete sobre a função do tradutor ao buscar uma interpretação relevante de uma língua estrangeira.

Ressaltamos, desse modo, que, na novela *A hora da estrela*, há exemplos que ilustram esse dilema do tradutor, sobretudo pela falta de um correspondente cultural entre as línguas. Abaixo, a tradutora Ana Poljak preferiu manter o termo “terreiro” a buscar outro que pudesse gerar um efeito de sentido diferente do trazido pelo TP.

HE R6 - [...] Ela quebrou o meu à meia-noite em ponto de uma sexta-feira treze de agosto, lá para lá de S. Miguel, num terreiro de macumba. (LISPECTOR, 1998, p.71, grifo nosso)

HEL R3 - [...] Ella me rompió uno, a medianoche en un punto de un viernes trece de agosto, más allá de San Miguel, en un terreiro de macumba. (LISPECTOR, 2007, p.67, grifo nosso)

Tendo em vista essa impossibilidade diante da necessidade, inclusive por observamos que a tradução serve também como uma forma de fazer que o texto original tenha vida e seja lido, vamos ao encontro do que asseveram Lima e Siscar (2000) quando negam a existência de identidade entre os textos e vislumbram, na tradução, uma possibilidade de modificação dentro da repetição do original, sendo esta que o mantém vivo.

Rodrigues (2000b), ao tratar da desestabilização da oposição entre o texto original e o traduzido, e ao ressaltar que ambos são suscetíveis ao processo de adiamento e de protensão, mostra que há um rompimento da ideia de que o texto original ocupa um lugar privilegiado em relação ao texto traduzido. A partir dessa perspectiva, que remete à desconstrução, percebe-se que nenhum ocupa lugar privilegiado em relação ao outro. A esse respeito, Arrojo (1993, p. 77) afirma que é “a *différence* promovida pela leitura e pela tradução que torna possível a sobrevivência de qualquer texto.”

Assim, para Rodrigues (2000b, p. 95), a impossibilidade reside no fato de “uma concepção que espera que a tradução repita o texto original, que seja seu equivalente, que reproduza seus valores.” Nessa perspectiva, a tradução na pós-modernidade é vista não como um processo que transporta valores iguais ao do texto original, mas sim como um processo que transforma valores.

Desse modo, Rodrigues (2000b, p. 97), ao tratar da concepção de tradução, afirma que “[...] conceber a tradução como uma relação complexa entre dois textos, não como uma

relação de equivalência em que haveria simetria entre eles, significa conceber a tradução como o lugar da diferença, como um processo que promove a transformação de valores”. Essa visão pós-moderna rompe com a da fase colonialista, que pregava a existência de um original, cuja cultura era superior, se apossava de uma inferior, cuja cultura era submissa. Dessa forma, observávamos a visão de tradução em posição inferior à da fonte de que derivava.

Mas, afinal o que é tradução? Lima e Siscar (2000, p. 110) trazem a definição de tradução de Derrida (1982, p, 201-2) quando afirmam: “A tradução é uma escritura, não é simplesmente uma tradução no sentido de transcrição, é uma escritura produtiva que é chamada pelo original”. A relação que se estabelece entre o texto original e a tradução é de sobrevivência mútua, pois o original depende de uma leitura para que sobreviva e a tradução depende do original para edificar seu projeto de construção.

Desse modo, conceber a tradução como escritura implica conseguir ver a relação que ela estabelece com o outro e apontar para sua própria significação. Para Lima e Siscar (2000, p.111) “Ler ou traduzir é reconhecer, na trama desse acontecimento, o movimento de uma desconstrução”.

Tendo em vista que tudo o que questionamos remete-nos à desconstrução, vamos entender o que ela não é, para, posteriormente, compreender o que de fato essa noção traz em seu cerne. De acordo com Lima e Siscar (2000, p. 102),

1. A desconstrução não tem guru.
2. Desconstrução não é um nome.
3. A desconstrução não é um método.
4. A desconstrução não tem a genealogia.
5. Desconstrução não é destruição.
6. A desconstrução não prega a fidelidade.
7. A desconstrução não prega a propriedade.
8. A desconstrução não prega a verdade.
9. A desconstrução não é a lógica do masculino.
10. A desconstrução não é a lógica do mesmo.

Então, a desconstrução constitui-se como um acontecimento “que não espera a deliberação, a consciência ou a organização do sujeito, nem mesmo da modernidade. Isso se desconstrói.” (DERRIDA, 1998, p. 23). Nessa perspectiva, Rodrigues (2000a) discute o fato de a tradução ser susceptível à transformação e também capaz de difundir os sentidos que constituem os textos original e traduzido. Assim,

[...] Ao abordar a tradução como transformação, que faz aparecer um novo original, a reflexão pós-moderna, e, em particular, a desconstrução promovem um deslocamento em relação àquilo que o pensamento tradicional sempre considerou como central - a equivalência. A desconstrução da noção de equivalência, o reconhecimento de que as polarizações são apenas meios de reprimir a heterogeneidade, constituem-se como meios de liberar a reflexão sobre tradução da exigência de fornecer respostas definitivas, estimulando a reflexão sobre o impacto que a tradução produz nas culturas e na própria construção do conhecimento de um povo (p.214).

Vale dizer que, para Coracini (2007) e para Derrida (1998), torna-se impossível a existência de monolinguismo, bilinguismo ou plurilinguismo, assim como não existe língua materna e língua estrangeira, uma vez que a nossa língua é a do outro e a do outro é nossa, ou seja, toda língua é ao mesmo tempo, “materna-estrangeira” e “estrangeira-materna” (p.145). O que há é um desejo de homogeneização, de uma busca por uma língua completa, una e transparente (especialmente pela mídia) e a contingência de sua impossibilidade, afinal a língua constitui o “eu” do sujeito (múltiplo e clivado) e não pode ser pensada fora dessa realidade. Coracini, em seus estudos sobre a tradução, tem apontado os conflitos e contradições desses profissionais, que buscam o domínio e o controle total sobre a(s) língua(s) e sobre os sentidos, numa ilusão, mais uma vez, de transparência da língua e objetividade do sujeito.

Dado o exposto, consideramos relevante entender a tradução como algo construído numa relação de dependência que não se baseia em igualdade ou oposição, como se pensava no início dos Estudos da Tradução. Nesse sentido, as considerações de Arrojo, Ottoni, Derrida e Coracini vêm ao encontro de reflexões que emergem na atualidade com relação à tradução como uma atividade intercultural.

Assim, ao traduzir, se traduzem culturas e não línguas, ademais, se língua e culturas são diferentes, traduzir implica considerar a diferença. Nesse sentido, é possível estabelecer o diálogo entre Estudos Culturais e Tradução, já que a tradução envolve transferência cultural, por meio da qual pode gerar efeitos de sentido no texto que tragam tanto a integração quanto conflitos de diversas ordens, como a social, a cultural, entre outras.

CAPÍTULO III

1 O UNIVERSO DISCURSIVO DE *A HORA DA ESTRELA* E DE *LA HORA DE LA ESTRELLA*

Neste capítulo, examinamos a constituição identitária de Macabéa, por meio da análise do discurso literário de Clarice Lispector a partir de recortes da obra *A hora da estrela* e de sua tradução espanhola *La hora de la estrella*. Vale ressaltar que entendemos que o TC constitui um texto cuja autoria passa inevitavelmente a ser compartilhada pelo autor do texto original, Clarice Lispector, e pelo responsável pela tradução, Ana Poljak. Nesse sentido, é preciso refletir sobre o real papel do tradutor, sobre as questões éticas envolvidas na tradução. Para tanto, concordamos com Arrojo (1996, p. 64) que assevera que:

A perda da inocência nos estudos da tradução e o reconhecimento de que não há uma ética dissociada dos interesses a que inevitavelmente serve culminam com a necessidade urgente de se conscientizar tradutores acerca da responsabilidade autoral que assumem ao aceitarem realizar até mesmo a mais simples das traduções. Se o tradutor e a tradutora não podem deixar de interferir e de tomar partido a cada opção que devem escolher, e se não podem mais contar com o conforto aparente da crença na possibilidade do acerto asséptico e acima de qualquer suspeita, inevitavelmente terão que lidar com a realidade essencialmente “humana” do viés e da tomada de posição. Quanto mais conscientes estiverem dessa realidade e do papel que exercem sobre e a partir dela, menos hipócrita e menos ingênua será a intervenção lingüística, política, cultural e social que inescapavelmente exercem.

Clarice Lispector, valendo-se de palavras rigorosas, conforme Losada-Soler (1994), escreve um relato duro e frio da vida de Macabéa, abordando questões sociais que tangenciam diversos aspectos da condição humana da mulher nordestina que tenta sobreviver na cidade grande. Nesse contexto, emergem as relações de poder que permeiam a sociedade da década de 70, na qual, apesar da ascensão do movimento feminista, a cultura ainda era assentada em valores patriarcais. Desse modo, nessa sociedade, o papel representado de ser-homem e de ser-mulher era imposto segundo o comportamento considerado adequado para a época.

O modelo de família patriarcal, nesse período, enfrentava uma crise que certamente contribuiu para as mudanças de rumo do movimento feminista. Segundo Castells (2000), o homem que era o chefe maior da família vai tendo seu poder diminuído enquanto líder provedor. Os fatores que contribuem para a desestruturação do modelo de família patriarcal são: a passagem da figura feminina da vida privada para a pública; a desestruturação do

modelo patriarcal, trazendo um novo formato de família; a união cada vez mais tardia de casais que muitas vezes formam lares sem um casamento oficial, tal união, para Castells (2000), enfraquece a instituição casamento tanto nos aspectos psicológicos quanto nos aspectos institucionais e a ocupação das mulheres, mesmo ganhando menos para exercer as mesmas funções que os homens, também contribui para essa situação conflituosa que assola o modelo tradicional de casamento.

Assim, a essência do feminismo corresponde à redefinição da identidade feminina. Nessa perspectiva, o feminismo sempre buscará a redefinição do gênero e sempre lutará contra o sistema patriarcal. Castells (2000) pondera que assim como outros movimentos sociais, o feminismo deverá aliar-se ao estado a fim de concretizar os objetivos de suas propostas, apesar de o estado estar perdendo grande parte de sua soberania ou vem tendo que redefini-la, além de se encontrar mergulhado num processo de globalização e de viver à mercê da expansão do sistema capitalista.

Tendo em vista que analisamos recortes do texto de partida (TP), versão em português, e do texto de chegada (TC), versão em espanhol, atentaremos às práticas de subjetivação que os dois textos mobilizam, em especial, as práticas discursivas relacionadas à constituição identitária da personagem.

Conforme foi articulado no início deste trabalho, selecionamos recortes comparativos do TP e do TC que contemplem trechos da fala do narrador-personagem Rodrigo S.M. e algumas falas da protagonista Macabéa, sendo denominados (HE R), recortes do TP *A hora da estrela*, e (HEL R), recortes do TC, *La hora de la estrella*. Quanto à ordem de numeração, é a crescente, começando por HE R1 e HEL R2.

A temática que circula nesse discurso literário é a da vida insignificante de Macabéa e da exclusão social dessa personagem que tenta fazer parte de uma sociedade que, em virtude de suas peculiaridades, não lhe abre espaço. Diferentemente daquela sociedade disciplinar, da qual falava Foucault (1977), que consistia num sistema de controle social por meio da conjugação de várias técnicas de seleção, classificação, vigilância e de controle que se espalhavam pela sociedade e que partiam de uma cadeia hierárquica que vinha do poder central e se multiplicava numa rede de poderes interligados e capilares, a sociedade em questão é de controle, se localiza um passo a frente da sociedade disciplinar, não que esta tenha deixado de existir. Desse modo, exige mudanças no comportamento das pessoas, bem

como inovações em sua maneira de pensar. Segundo Foucault (1977), na sociedade de controle a disciplina é interiorizada, havendo uma espécie de incorporação desta, enquanto na sociedade disciplinar havia um “inspetor” que fiscalizava o comportamento das pessoas; na sociedade de controle há uma vigilância contínua sem que haja a necessidade de uma pessoa específica para vigiar, pois as pessoas vivem vigiadas por câmeras que acabaram por romper as fronteiras entre o público e o privado.

Ao analisarmos os recortes selecionados do TP e do TC, devemos atentar para o caráter heterogêneo do discurso, para os aspectos de aproximação e de afastamento desses discursos, bem como buscar marcas linguísticas que nos guiem, a fim de compreendermos a constituição identitária de Macabéa. Vale ressaltar que Macabéa representa pessoas da grande massa social, subalternas, facilmente influenciadas pela ideologia dominante, ou seja, assujeitadas, tentando sobreviver na sociedade capitalista que já apresentava sinais do que seria posteriormente denominado globalização.

Quanto à acepção do item lexical “subalterno” bastante frequente na análise realizada neste estudo, entendemos com Spivak (2010, p.12) que o termo “subalterno” descreve “as camadas mais baixas da sociedade constituída pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante”.

Para a análise proposta nesta dissertação, será de suma importância considerar a materialidade linguística, abrangendo os tempos verbais, substantivos, adjetivos, conjunções, aspectos do discurso propriamente dito e processo de referenciação.

No primeiro recorte, temos Macabéa montando um álbum de figuras que ilustram seus objetos de desejo.

HE R1- [...] Nas **fríidas**¹¹ noites, **ela**, toda estremecente sob o lençol de brim, costumava ler à luz de vela os anúncios que recortava dos jornais velhos do escritório. É que fazia coleção de **anúncios**. Colava-os no álbum. Havia um **anúncio**, o mais precioso, que mostrava em cores o pote aberto de um creme para pele de mulheres que simplesmente **não** eram ela. Executando o fatal cacoete que pegara de piscar de olhos, ficava só imaginando com delícia: o creme era tão apetitoso que **se tivesse** dinheiro para comprá-lo não seria boba. **Que pele, que nada, ela o comeria**, isso sim, às colheradas no pote mesmo (LISPECTOR, 1998, p.38).

¹¹ Grifos nossos.

HEL R1- [...] En las noches **frías**, **ella**, temblando entre las sábanas baratas, acostumbraba a leer a la luz de una vela los **anuncios** que recortaba de los periódicos viejos de la oficina. Hacía colección de **anuncios**. Los pegaba en un álbum. Había un anuncio, el máspreciado, que reproducía en colores el bote abierto de una crema para la piel de mujeres que simplemente no eran ella. Mientras, según aprendiera, hacía el gesto fatal de abrir y cerrar los ojos, dejaba volar la imaginación con delicia: la crema era tan apetitosa que, **si tuviese** dinero para comprarla, no sería tonta. **Que piel ni qué nada, se la comería**, sí, a cucharadas, del propio bote. (LISPECTOR, 2007, p.38).

Em R1 (TP), observamos que o álbum de anúncios de Macabéa é um exemplo de citação da cultura do consumo que funciona como um arquivo de lembranças, de desejo de consumo. Nesse recorte, chama-nos atenção a situação de pobreza da protagonista que tinha um desejo imenso de comer um creme, mas parece-nos que não tinha condições de comprá-lo em decorrência de sua situação socioeconômica, cuja imagem aparecia muito bem elaborada no jornal. Nessa época, década de 70, o consumismo da sociedade de massa era cada vez mais aguçado, sobretudo por influência do sistema capitalista que já refletia o que posteriormente seria chamado oficialmente de globalização.

No recorte em pauta, destaca-se, já na passagem inicial, o item lexical “anúncios” que nos remete ao contexto capitalista/consumista. Nesse caso, Macabéa, seduzida por eles, os colecionava. Entre os anúncios, o que mais lhe chamava atenção era de um creme “para mulheres que simplesmente não eram ela”. Observa-se, nessa passagem, que o uso do advérbio de negação “não” nos auxilia a entender que ela era uma mulher para a qual o creme da moda não servia, não se encaixava em seu perfil, dada a sua condição social.

A condição precária da protagonista, mulher marginalizada, excluída, é marcada também pelo uso do verbo “ter”, empregado no pretérito imperfeito do subjuntivo, “se tivesse”, tempo verbal que, correlacionado ao futuro do pretérito do indicativo, expressa uma condição contrafactual, ou seja, que não se verifica na realidade e frequentemente se associa a um desejo, a uma possibilidade. Assim, ao empregar a construção “se tivesse [...] não seria [...]”, já confirmamos que ela não tinha. Vale ressaltar que o objeto direto do verbo “ter” é justamente o substantivo “dinheiro” que, neste caso, conduz ao fato de não poder consumir, pois “se tivesse”, o compraria e o “comeria”. Dessa forma, Macabéa, diferentemente de muitas outras mulheres que almejavam passar o creme a fim de alcançar um ideal de beleza, o comeria.

Ao final do R1 (TP), constatamos um discurso heterogêneo marcado pelo emprego do discurso indireto livre, momento em que, ao detectar uma dualidade de vozes, percebemos a

voz de Macabéa no trecho “Que pele, que nada, ela o comeria, isso sim, às colheradas no pote mesmo” e associamos sua atitude de comer um produto não comestível à sua origem. Macabéa nasceu na região nordeste do Brasil, lugar marcado pela fome e pela seca. Desse modo, a representação negativa que temos desse lugar contribui para que seja ativada nossa memória discursiva por meio dos interdiscursos da fome, da seca e da exclusão social.

Lispector também viveu no nordeste e conhecia a dura realidade daquela região do país. Segundo Gotlib (2009), quando a família de Lispector chegou ao Brasil, em março de 1922, desembarcou em Maceió, capital de Alagoas que na época era uma cidade pequena, Lispector tinha um ano e três meses. Após três anos, a família de Lispector foi para Recife, por volta de 1925, ela tinha quase cinco anos. A família mudou para o Recife em busca de melhores condições econômicas, pois parece que naquela cidade eram oferecidas algumas vantagens aos imigrantes. Gotlib (2009, p. 59) traz uma pergunta que Lispector fez a sua irmã Elisa: “Um dia Clarice pergunta a Elisa, que era mais velha, se passaram fome. E Elisa responde: quase. E Clarice afirma, muito tempo depois: ‘Porque tinha em Recife, numa praça, um homem que vendia uma laranjada na qual a laranja passava longe, tudo aguçado, e um pedaço de pão e era nosso almoço’”. Desse modo, constatamos o quanto Lispector conhecia a dura realidade da vida no nordeste brasileiro.

Nolasco (2007, p.116), em relação à construção identitária de Macabéa, afirma que

Macabéa não consome tudo o que vê e deseja pela simples razão de não poder economicamente. Mesmo assim, devemos lembrar que Macabéa consome as coisas indiretamente, como quando fica estática diante de um anúncio qualquer imaginando o produto anunciado no folheto da propaganda. Nesse caso, especificamente, imaginar também é possuir, pois essa é a única condição facultada, e precariamente a nordestina.

Assim, observamos o quanto a cultura consumista aguçava os desejos da nordestina que, por sua vez, buscava se situar num mundo fortemente influenciado pela ideologia capitalista. Em R1(TP) e (TC), constatamos as formações discursivas capitalista, da globalização, da mídia, entre outras. Vale lembrar que, para Jameson (1985), nossa sociedade contemporânea é dominada pelo capitalismo, sendo denominada sociedade de consumo, das mídias e do capitalismo tardio.

Ao confrontarmos R1(TP) e R1(TC), verificamos que, na tradução da passagem, “ela o comeria” por “se la comería”, origina-se um afastamento entre o TP e o TC, visto que o efeito

de sentido mobilizado pelo emprego do verbo “comerse” difere do produzido pelo verbo “comer”, pois, no TC, ao contrário do TP, há a ideia de comer de forma exagerada, além de haver o estabelecimento de uma relação afetiva entre o sujeito e o objeto do desejo. Vale ressaltar que no TP a ideia de comer de forma exagerada aparece representada no trecho “as colheradas”, mas, no TC essa ideia vem reforçada tanto pelo trecho “a colheradas” quanto pelo emprego do verbo “comerse” ao invés de “comer” que não traria essa ideia reforçada de exagero. O uso do verbo “comerse”, segundo Bruno (2000, p. 126-127),

Hay casos en que al emplear la forma pronominal, el hablante no observa los procesos en sí mismos, tal como lo haría al emplear la forma no pronominal, sino que los configura de una manera muy personal y específica. El pronombre servirá para traducir una “peculiar integración del sujeto en el proceso”, exagerándolo, demostrando su afectación, su afectividad. Sintácticamente, en general, el verbo es transitivo, el sujeto es el agente del proceso y el objeto es específico y no humano¹².

Outro afastamento entre o TP e o TC ocorre em decorrência da tradução do vocábulo “frígidas”, presente no TP, por “frías”, presente no TC. Antes, porém, de analisarmos as definições das palavras “frígida” e “fría”, convém ressaltar o efeito de hipálage¹³ que transpassa o uso dessas palavras que nos fazem constatar que quem era “fría”, “frígida” era Macabéa e não a noite. Desse modo, é Macabéa que contamina a noite, fazendo que ela seja “fría”, “frígida”. Ao analisarmos as acepções da palavra “frígida”, constatamos que sua utilização, no trecho “Nas noites frígidas”, mobiliza o efeito de sentido de noites sem entusiasmo. Além disso, convém ressaltar que a palavra “frígida” também gera o efeito de sentido de desinteresse por sexo. Atentamos para o fato de que a protagonista era virgem e sexo, para ela, só em sonho. Conforme Rodrigo S. M. (HE, p. 34), “[...] sonhava estranhamente em sexo, ela que de aparência era assexuada [...]” Além disso, ela não era atraente, pois “[...] ninguém a quer, ela é virgem e inócua, não faz falta a ninguém [...]”

No TC, por sua vez, a palavra “fria” articula o efeito de sentido de uma noite na qual fazia frio, podendo remeter também ao fato de a noite ser fria em decorrência da solidão de Macabéa, que desconhecia o que era dormir com um companheiro, porém, apesar desse efeito

¹² Há casos nos quais ao empregar a forma pronominal, o falante não observa os processos em si, assim como faria ao empregar a forma não pronominal, mas sim os configura de uma maneira muito pessoal e específica. O pronome servirá para traduzir uma peculiar integração do sujeito no processo, exagerando-o, demonstrando seu envolvimento, sua afetividade. Sintaticamente, em geral, o verbo é transitivo, o sujeito é o agente do processo e o objeto é específico e não humano. (tradução nossa)

¹³ Ocorre hipálage quando há inversão da posição do adjetivo (uma qualidade que pertence a um objeto é atribuída a outro na mesma frase. Exemplo: “Em cada olho um grito castanho de ódio” (Dalton Trevisan). Informação disponível em: www.spsconcursos.com/aulas/redacao_aula_3.php. Acesso em 10/out./2010.

de sentido ser semelhante, sabemos que a carga semântica que recai sobre a palavra “frígida” pende mais para o lado sexual do que a palavra “fría”: segundo Silveira Bueno (1996, p. 310), “frígido: adj. Gelado, indiferente, sem entusiasmo”.

Quanto ao objeto de desejo, nesse exemplo o creme, a personagem o possuía por meio de sua imaginação, fato que a conduz a viver em um mundo fictício, dentro do qual ela buscava estabelecer uma relação com o mundo real por meio do esforço de se identificar, de alguma forma, com o que era propagado na sociedade capitalista da época, na qual havia grande incentivo ao consumismo. Nesse sentido, na esteira dos estudos de Bauman (1998), entendemos que Macabéa fazia parte do grupo de indivíduos que sofriam do que ele chama de mal-estar da pós-modernidade, que aflige aqueles que convivem com o desemprego, o consumo desenfreado, a mecanização das estruturas sociais, entre outros. Lipovetsky (2004), por seu turno, assevera que o indivíduo pós-moderno é movido por uma ansiedade constante e, por essa razão, busca receitas rápidas para o bem-estar subjetivo rápido.

O fato de a protagonista não se interessar pela leitura das notícias veiculadas, mas somente pelas imagens que a conduzem ao desejo de consumo, revela outro traço identitário de Macabéa, a ignorância.

Em R1(TP), na passagem “[...] ficava só imaginando com delícia”, constatamos que Macabéa imaginava com prazer como seria comer o creme, ao passo que em R1(TC), na mesma passagem, “[...] dejaba volar la imaginación con delicia”, verificamos que o que ela fazia com prazer não era imaginar como seria comer o creme, mas sim deixar sua imaginação fluir. Os efeitos de sentido do TP e do TC se afastam. Dessa forma, segundo Rodrigues (2000b), a tradução configura-se como um processo que transforma valores. Assim, traduzimos culturas e não línguas. Sabemos que línguas e culturas são diferentes e que, ao traduzir, não podemos ignorar a diferença.

Ao longo de HER1 (TP) e HELR1(TC), o narrador utiliza várias vezes os dêiticos “ela” e “ella”, respectivamente, nesse caso, anáfora direta, retomando o referente Macabéa, por meio de um pronome de terceira pessoa, nas passagens: “ela toda estremecente sob o lençol de brim”; “um creme para pele de mulheres que simplesmente não eram ela”; “Que pele, que nada, ela o comeria”; “ella, temblando entre las sábanas baratas”; “una crema para la piel de mujeres que simplemente no eran ella”, para se referir a Macabéa. O uso desse dêitico na terceira pessoa, ou seja, a pessoa de quem se fala, impede que a voz da personagem

apareça e que ela se apresente como um sujeito na trama. Assim, é Rodrigo S.M., o narrador, quem fala sobre ela, mostrando ao interlocutor quem ela é, como age. Desse modo, nossa visão da personagem é baseada no que o narrador-homem nos apresenta, ou seja, na percepção dele sobre ela. Figueiredo (2009, p. 77) afirma que, para Rodrigo S.M., Macabéa é o “outro”, é a massa, “[...] essa massa é composta por seres de matéria amorfa, habitados pelo vazio, conformados, subalternos que não têm direito a voz ou representatividade; também é composta por um público alfabetizado, consumidor, ávido de bens culturais [...]”

Em R2 (TP) e R2 (TC), verificamos um discurso também heterogêneo, no qual emerge, por meio do discurso direto assinalado pelo travessão, a voz da personagem.

HE R2-

- O que é que você come?
- **Cachorro-quente.**
- **Só?**
- Às vezes como **sanduíche de mortadela.**
- O que é que você bebe? Leite?
- Só **café e refrigerante.** (LISPECTOR, 1998, p.67)

HEL R2-

- ¿Qué come?
- **Perritos calientes.**
- ¿Nada más?
- A veces como algún **bocadillo de mortadela.**
- ¿Y qué bebe? ¿Leche?
- Sólo **café y refrescos.** (LISPECTOR, 2007, p.63-64)

Em R2 (TP) e (TC), cena em que Macabéa conversa com o médico, o emprego do discurso direto (DD) assinala um discurso heterogêneo, conforme a concepção de Authier-Revuz (1990), ou seja, uma forma do discurso relatado capaz de intervir no fio discursivo e colocar em confronto a identidade do sujeito. Segundo Fiorin (2008), é característica do DD propiciar duas situações de enunciação: a do discurso citante e a do discurso citado. Macabéa, nesse caso, é o locutor, que se esforçava para comer e beber o que estava na moda disseminada pelo sistema capitalista; nesse contexto, sua voz perpassa o discurso do enunciador, Clarice Lispector.

A protagonista alimentava-se muito mal; só comia “cachorro-quente”, bebia “refrigerante e café”. O uso do operador “só” auxilia-nos a entender que seu cardápio diário era montado não por alimentos que constituíssem o ideal de alimentação saudável, mas sim

por produtos da moda disseminados pela sociedade do consumo. Segundo Bechara (2000, p. 291), “só” é entendido como um denotador¹⁴ de exclusão. Dessa forma, Macabéa, com os poucos recursos que tinha para alimentação, comia o que estava na moda ao seu alcance, excluindo, assim, outras opções. No TC, a tradutora utilizou a expressão “nada más”, que também articula o sentido de restrição. Dessa forma, ainda que inconscientemente, Macabéa buscava fazer parte de um mundo que não era seu, em decorrência de suas condições financeiras, ou, como afirma Nolasco (2007) em razão de sua “anticondição social”.

O fato de Macabéa consumir “cachorro-quente” retrata um costume norte-americano trazido para o Brasil, por meio dos veículos de comunicação, e reflete a moda preconizada num mundo que caminhava rumo ao processo de globalização do qual a personagem se esforçava para fazer parte. Ressaltamos que ela também comia algo tipicamente brasileiro, o sanduíche de mortadela, mas, durante a consulta médica, fez questão de deixar claro que esse não era um hábito frequente. Comer sanduíche de mortadela não estava na moda, mas estavam o cachorro quente e a coca-cola. Desse modo, refletimos sobre o fato de como a mídia influencia as pessoas a adotarem determinada postura, a agirem como fantoches facilmente dominados.

Tendo em vista a situação formal em que Macabéa se encontrava, atentamos para a forma de tratamento utilizada no TP e no TC, afinal, sabemos que o modo como tratamos as pessoas tanto pode gerar o efeito de sentido de aproximação, por meio de um tratamento mais íntimo, quanto pode demonstrar um afastamento entre as pessoas do discurso. Em R1 (TP), o médico trata Macabéa por “você” e, assim, estabelece com ela uma relação de maior proximidade, ou então, revela certo descaso pela paciente, pois, talvez na percepção dele, tal pessoa não requereria um tratamento formal, respeitoso, culturalmente adequado para a situação de uma consulta médica. No (TC), ao contrário, o pronome utilizado, oculto, é o “usted”, o qual articula um afastamento entre as pessoas do discurso em virtude de sua formalidade, mobiliza o efeito de sentido de respeito pelo outro. Considerando a situação em questão, verificamos que, no TC, Macabéa, ao ser tratada por “usted”, recebeu um tratamento mais respeitoso do que, ao ser tratada por “você”, no TP. Ao refletirmos sobre a escolha da escritora pelo tratamento informal, compreendemos que é uma forma dela demonstrar a

¹⁴ Segundo Bechara (2000, p. 291), “A nomenclatura Gramatical Brasileira põe os denotadores de inclusão, situação, retificação, designação, realce, etc. à parte, sem rigor incluí-los entre os advérbios, mas constituindo uma classe ou grupo heterogêneo chamado denotadores, que coincide, em parte, com a proposta de José Oiticica das palavras denotativas, muitas das quais têm papel transfrástico e melhor atendem a fatores de função textual estranhos às relações semântico-sintáticas inerentes às orações em que se acham inseridas”.

marginalização da personagem. Quanto ao fato de a tradutora usar “usted”, pensamos que se justifica por uma questão cultural, visto que, tanto no espanhol peninsular quanto no espanhol hispano-americano, essa forma de tratamento é empregada na situação em que Macabéa se encontrava. Segundo Bruno (2004, p. 32-33), “1. En el español hispanoamericano: [...] e) “usted(es) tiene un uso muy amplio en las relaciones formales como”:

- en algunas relaciones profesionales;
- con personas mayores o desconocidas con las que no se establecen relaciones de confianza;
- en relaciones jerarquizadas como de paciente a médico;
- en el trato profesor-alumno (y viceversa);
- en las relaciones con personas que trabajan en servicios públicos como dependientes de tiendas, camareros de bares y restaurantes, taxistas, etc.

2. “En el español peninsular se usa [...] b) usted –ustedes en las relaciones más formales como:”:

- en algunas relaciones profesionales;
- con personas mayores o desconocidas con las que no se establecen relaciones de confianza;
- en relaciones jerarquizadas como de paciente a médico.

Em R3, observamos que Macabéa queria ser como Marylin Monroe, pois a atriz de cinema americano era o ideal de beleza das mulheres que viviam no mundo globalizado de sua época.

HE R3 - [...] **Mas** o que **ela queria** mesmo ser não era a ativa **Greta Garbo** cuja trágica sensualidade estava em pedestal solitário. **O que ela queria, como eu já disse, era parecer com Marylin.** (LISPECTOR, 1998, p.64)

HE R3 - [...] **Pero** lo que **ella quería** ser precisamente no era la ativa **Greta Garbo**, cuya trágica sensualidad estaba en un pedestal solitario. **Lo que ella quería, como ya te he dicho, era parecerse a Marylin.** (LISPECTOR, 2007, p.61)

Neste recorte, o uso do conectivo “mas” articula o efeito de sentido de uma oposição que nos mostra que apesar de Greta Garbo ser uma mulher reconhecida no mundo do cinema, não era com ela que Macabéa queria parecer, mas sim com Marylin Monroe, atriz de cinema que se destacava por sua beleza e sensualidade:

Marylin Monroe personificou o glamour hollywoodiano com incomparável brilho e energia que encantaram o mundo. Apesar de sua beleza deslumbrante, suas curvas e lábios carnudos, Marylin era mais do que um símbolo sexual na década de 50. Sua aparente vulnerabilidade e inocência, junto com sua inata sensualidade, a tornaram

querida no mundo inteiro. Ela dominou a Era das grandes estrelas e, sem dúvida, foi a mulher mais famosa do século 20¹⁵.

Já Greta Garbo não era tão sensual quanto Marilyn Monroe e, além disso, preferia agir com discrição e não gostava de aparecer causando grandes impactos; era uma pessoa mais reservada:

Distante, misteriosa, solitária, bela, mas, sobretudo, divina. Exatos 20 anos após sua morte, o mito de Greta Garbo, forjado em apenas duas décadas de interpretações, continua sendo objeto de admiração e análise. Greta Lovisa Gustafsson morreu no dia 15 de abril de 1990, aos 84 anos. Em 1941, com apenas 36 anos, ela se escondeu em um anonimato que a permitiu descansar do escrutínio público e de ter de ser sempre "**a divina**" Greta Garbo. "**Quero estar só**" foi a única frase que Garbo pronunciou quando surpreendeu o mundo cinematográfico com uma retirada prematura em seu melhor momento - ela era a estrela mais bem paga de Hollywood e, sobretudo, a mais admirada e imitada. Uma admiração baseada no mistério que sempre rodeou a atriz, que o fomentou com um ar frio e distante que a fez ganhar o apelido de "**a que nunca sorri**"¹⁶

Examinando o perfil dessas duas atrizes, observamos que Greta Garbo preferia a solidão, o isolamento e não a atraía ser assediada pelo público. Ao analisarmos a citação sobre Greta Garbo, verificamos um discurso marcado pela heterogeneidade mostrada, representada pelas aspas, nas passagens, “a divina”, “Quero estar só”, “a que nunca sorri”, atravessado por outras vozes que se fazem ouvir e que trazem a opinião popular sobre Greta Garbo, assim como a voz da atriz na passagem “Quero estar só”, que nos conduziu às asserções feitas no início deste parágrafo.

Vale analisar, também, o sintagma “a divina”. Segundo Silveira Bueno (1996, p. 219), “Divino, adj. Sobrenatural; perfeito; encantador; relativo a deuses”. Assim, entendemos que Greta Garbo era admirada pelas pessoas e considerada uma deusa por sua perfeição, apesar de não ser uma pessoa simpática, pois era vista como “a que nunca sorri”; já Marilyn Monroe gostava de brilhar, de se expor, enfim, de receber o assédio do público. Entre suas citações célebres está: “Eu sabia que eu pertencia ao público e ao mundo, não pelo fato de ser talentosa ou até mesmo bonita, mas porque eu nunca pertenci a nada ou a ninguém¹⁷.” Nesse contexto,

¹⁵ Informação disponível em: <<http://www.marilynmonroe.com/international/portuguese/>>. Acesso em: 04 abr. 2010.

¹⁶ Informação disponível em: <<http://www.entretenimento.r7.com/cinema/noticias/greta-garbo-o-mito-permanente-da-divindade-20100415.html>>. Acesso em: 05 jul. 2010.

¹⁷ Informação disponível em: <<http://www.marilynmonroe.com/international/portuguese/>> Acesso em: 04 abr. 2010.

se Macabéa desejava parecer-se com Marilyn Monroe é, em primeiro lugar, porque queria de alguma forma brilhar, ser sensual; e, em segundo lugar, porque se identificava com a atriz pelo fato de também nunca ter pertencido a nada ou a ninguém. Todavia, constatamos em R4 (TP) e (TC) que, ao tentar imitar essa atriz, ela é ridicularizada, pois, ao invés de sensual, fica engraçada.

As passagens do TP e do TC: “O que ela queria, como eu já disse, era parecer com Marilyn” e “Lo que ella quería, como ya te he dicho, era parecerse a Marilyn” reforçam o desejo que Macabéa tinha de ser como a Marilyn, mostrando, assim, o posicionamento ideológico da personagem no que concerne à imagem feminina, ao ícone simbólico transnacional de beleza, que ela procurava para se representar.

É relevante atentar à utilização do verbo querer, “queria”, no Pretérito Imperfeito do Indicativo, que exprime o desejo da protagonista de ser parecida com o ícone cultural da beleza feminina trazido por uma sociedade que já apresentava marcas do que nos anos 1980 seria chamado de globalização. Além disso, quem “queria”, não “quer” mais, eis mais uma marca identitária da personagem, falta-lhe o “querer” no presente e no futuro; falta-lhe também esperança e, principalmente, perseverança.

Ao analisarmos o verbo “querer”, observamos que seu lexema-auxiliar da modalidade desiderativa remete ao desejo¹⁸. O uso do pretérito imperfeito, por sua vez, vincula-se à instância narrativa: o narrador conta fatos já passados ou já mencionados. No momento da enunciação, ela “estava querendo” – aspecto durativo.

Weinrich (1968), “inspirado” em Benveniste (1966), considera que os tempos verbais não estão exatamente ligados ao “chronos”, mas ao sujeito “falante”, cujas “atividades comunicativas” (ou languageiras) distinguem-se conforme sua proximidade (maior ou menor), conforme seu distanciamento em relação aos acontecimentos narrados, ou comentados. O “mundo narrado” compreende acontecimentos distantes do falante e estes, ao passarem pelo filtro do relato perdem sua força, ao passo que o “mundo comentado” é representado por tempos que envolvem situações tensas, marcadas por uma aproximação do falante em relação ao que comenta: o falante compromete-se, pois “comentar é falar comprometidamente” (WEINRINCH, 1968, p. 69)

¹⁸ Observação feita pela professora Marlene Durigan durante o exame de qualificação realizado em 03/09/2010.

Desse modo, para Weinrich (1968, p. 69), no contexto do mundo comentado: “[...] el hablante está en tensión y su discurso es dramático porque se trata de cosas que le afectan directamente¹⁹”.

A presença de tempos do mundo comentado no mundo narrado e vice-versa também é possível, segundo o autor: é o que chama de metáfora temporal. O uso do imperfeito, que pertenceria ao mundo narrado, no mundo comentado constrói sentido de validade limitada, criando um pano de fundo para o que é dito. O efeito de sentido gerado por essa utilização de um tempo verbal do mundo narrado, no caso o imperfeito “queria”, numa situação do mundo comentado, exprime a ideia de validade limitada, ao transmitir, no contexto comentador, uma atitude de relaxamento e de falta de comprometimento característica do mundo narrado.

O mundo de Macabéa é muito diferente do mundo da atriz de cinema tão admirada por ela e que lhe foi apresentada por meio das telas do cinema. O mundo da atriz que lhe fora apresentado constituía um sonho bem distante para ela. Nesse sentido, vamos ao encontro do pensamento de Canclini (2003) a respeito do processo de globalização, ainda embrionário na época em que o livro foi escrito, mas já era perceptível: a globalização multiplica as desigualdades, contrariando o pensamento daqueles que acreditavam que ela somente homogeneizava.

No TP, Lispector utilizou o pretérito perfeito do verbo dizer, “disse”, tempo verbal que expressa uma ação acabada em um momento determinado do passado. Segundo Bechara (2000, p.278), “[...] o pretérito perfeito, pelo contrário, fixa e enquadra a ação dentro de um espaço de tempo determinado”. No TC, por sua vez, a tradutora utilizou o *pretérito perfecto compuesto* desse mesmo verbo, “he dicho”, tempo verbal que expressa uma ação passada, cujo efeito se reflete no momento presente, fazendo que esse tempo já concluído seja subjetivamente prolongado e, assim, demonstrar que o sentimos como algo atual.

De acordo com Fanjul (2005, p. 96), “O uso do Pretérito Perfeito sem marcador temporal expressa que os efeitos do acontecimento passado são perceptíveis ou se manifestam no momento da fala²⁰.” (tradução nossa). Já no TP, a escolha do tempo verbal faz emergir a

¹⁹ “O falante está em constante tensão e seu discurso é dramático porque se trata de coisas que o afetam diretamente” (tradução nossa).

²⁰ El uso del Pretérito Perfecto sin marcador temporal expresa que los efectos del acontecimiento pasado se perciben o se manifiestan en el momento del habla.

ideia de que o que foi dito no passado sobre o fato de Macabéa querer ser Marylin já está totalmente claro e definido desde o momento passado e ponto final.

Para Silva (1995, p. 45),

o pretérito perfeito composto em espanhol indica ações acabadas em um marco temporal ainda aberto. Por isso costuma vir acompanhado de expressões temporais como: hoje, esta semana, este ano, até o momento. Quando este tempo é usado sem referência temporal explícita, entende-se que nos referimos a um marco temporal aberto. [...] Estes tempos podem ser utilizados com valor estilístico. Assim, torna-se possível prolongar subjetivamente um tempo já concluído, para mostrar que o sentimos como atual e que continuamos vivendo a ação nele ocorrida²¹ (tradução nossa).

No tocante à questão das imagens, tanto em R1 quanto em R3, observamos a força que a imagem, seja ela de um produto divulgado no jornal ou de um estereótipo de beleza apresentado nas telas do cinema, exerce sobre o imaginário das pessoas, incitando nelas um desejo incontrollável de consumir e de se identificar, de se assemelhar às celebridades que representam o ideal de beleza propagado pelo cinema. Ao refletirmos sobre a influência que as imagens das propagandas de jornal exerciam sobre Macabéa, vamos ao encontro do pensamento de Charaudeau (2009) que assevera que o espaço midiático configura-se como uma máquina de construir opinião pública e espaço público que resulta do encontro das práticas sociais e das representações.

Em R4, seguimos observando o desejo de Macabéa de parecer Marylin Monroe e de consumir, portanto, continuamos articulando a formação discursiva capitalista, da mídia, que marca o processo identitário. Ademais, vislumbramos ações da personagem que a conduzem cada vez mais para a exclusão social.

HE R4 [...] A **festa** consistiu em comprar **sem necessidade** um batom novo, não cor-de-rosa como o que usava, mas **vermelho vivo** . No banheiro da firma pintou a boca e até fora do contorno para que seus lábios finos tivessem **aquela coisa esquisita** dos lábios de Marylin Monroe. (LISPECTOR, 1998, p.62)

²¹ El pretérito perfecto compuesto indica acciones acabadas en un marco temporal aún abierto. Por eso suele ir acompañado de expresiones temporales como hoy, esta semana, este año, hasta el momento. Cuando se usa este tiempo sin referencia temporal explícita, se entiende que nos referimos a un marco temporal abierto. [...] Estos tiempos se pueden utilizar con valor estilístico. Así se puede prolongar subjetivamente un tiempo objetivamente concluido, para mostrar que lo sentimos como actual y que continuamos viviendo la acción en él ocurrida.

HEL R4 [...] La **fiesta** consistió en comprarse **sin necesidad** una barra de labios nueva, no color rosa como la que usaba, sino **rojo vibrante**. En el servicio de la oficina se pintó la boca y hasta fuera del contorno, para que sus labios finos tuviesen **ese aspecto bonito** de los labios de Marilyn Monroe. (LISPECTOR, 2007, p.59)

Nos recortes R4 (TP) e (TC), os substantivos “festa” e “fiesta”, respectivamente, mobilizam o efeito de sentido de alegria, comemoração pela aquisição do batom, visto que retrata o momento em que Macabéa consome algo propagado na sociedade capitalista. Outro fato que emerge é o uso das preposições “sem” e “sin” utilizadas juntamente com os substantivos “necessidade” e “necesidad” cuja combinação significa uma ação fútil, realizada por impulso, ou seja, Macabéa comprou o batom, embora não estivesse necessitando. A atitude de Macabéa esboça o desejo que ela tinha de se parecer a Marilyn Monroe e ilustra o alcance da cultura feita para as massas.

Da perspectiva dos estudos de Gregolin (2007, p. 23) acerca do discurso da mídia e da produção de identidades, entendemos que no discurso midiático não há somente a reprodução de modelos, pois, segundo a autora, a mídia “também os reconstrói, reformata, propõe novas identidades”. Além disso, há uma relação tensa entre a mídia e seus leitores, dessa forma, para Gregolin (2007, p. 23), “A subjetividade é fabricada e modelada no registro social, mas os indivíduos vivem essa subjetividade tensivamente, reapropriando-se dos componentes fabricados e produzindo a singularização, criando outras maneiras de ser.”

A referência à cor do batom é outro fato que chama atenção, pois era “vermelho vivante”, no TP, e “rojo vibrante”, no TC, como o de Marilyn, atriz cheia de sensualidade. Talvez, para Macabéa, usar esse batom poderia significar a conquista de um pouco do brilho e da sensualidade que a tão reconhecida atriz possuía, porém, com ela, ocorre justamente o contrário, ao invés de ficar sensual, ela fica mais grotesca ainda. Esse desejo da protagonista de se parecer com Marilyn Monroe deve-se também a toda grandeza que a mídia da época atribuía a essa atriz, despertando nas mulheres o desejo de serem como ela. Dessa forma, Macabéa compra o batom igual ao de Marilyn, fato que demonstra o poder de persuasão da mídia. Segundo Coracini (2007, p. 229):

[...] as estratégias de persuasão tão bem utilizadas pela mídia em geral e pela publicidade em particular, tornando natural o que é mera construção, necessidade legítima o que é supérfluo, vendendo, enfim, ilusões juntamente com o objeto muitas vezes transformado em fetiche.

No que concerne à cor do batom, segundo Mateu Gomez (2008)²², durante a ditadura militar a cor vermelha era vista como associação ao comunismo e quem a usasse certamente era reprimido. Quanto à simbologia dessa cor, de maneira geral, simboliza:

paixão, força, energia, amor, velocidade, liderança, masculinidade, alegria (China), perigo, fogo, raiva, revolução, atenção. Esta é uma cor que aumenta a atenção, e é um estimulante. Indicada para uso em anúncios que sugerem calor e energia como esportes, academias, escolas de dança, negócios de bens e imóveis ou para a rede alimentícia como restaurantes, lanchonetes, etc. (GOMEZ, 2008, s/p)

O desejo e o consequente empenho da protagonista em busca de identificação com os ícones da sociedade consumista, perante sua constante exclusão, demonstram seu assujeitamento àqueles e sua resistência ao que é comum. Conforme Pêcheux e Fuchs (1997), os indivíduos são influenciados pela ideologia dominante e assolados por dois tipos de esquecimento: o nº1, que concerne ao fato de o sujeito ter a ilusão de ser fonte absoluta de seu discurso: se tiver que buscar algo a escrever em algum lugar, buscará nele mesmo; o nº2 que diz respeito ao fato de o sujeito acreditar que tudo o que diz será entendido da mesma forma por diferentes receptores. Por meio dos esquecimentos 1 e 2, o sujeito passa a criar uma ilusão discursiva, pois, ao assumir várias posições dentro do discurso, reconhece sua alteridade, ou seja, a influência do outro sobre si mesmo.

Ao examinarmos o emprego do verbo “comprar”, no TP, e “comprarse”, no TC, constatamos que Poljak, assim como no R1, optou, já que poderia ter usado o verbo “comprar” não pronominal, pelo uso do verbo acompanhado da partícula “se”, mobilizando o efeito de sentido de afetividade mais intenso que no TP e marcando o estabelecimento de uma relação de afetividade entre o produto e o sujeito. Contudo, vale mencionar que, tanto no TP quanto no TC, a ação de comprar para a protagonista constitui um grande acontecimento, algo inédito que, para ela, se configura um momento que merece comemoração. Desse modo, na perspectiva dos estudos de Bauman (1998), entendemos que a ação de consumir reconforta o sujeito pós-moderno.

No TP, Lispector mostra sua opinião, por meio da voz do narrador Rodrigo SM, sobre os lábios de Marylin Monroe, que, para ela, tinham um aspecto esquisito, conforme a seguinte passagem: “(...) tivessem aquela coisa esquisita dos lábios de Marylin Monroe”, ao passo que

²² Artigo disponível em: <http://www.girleneportela.com.br/artigo.asp?id=576> . Acesso em: 19 jun. 2010.

a tradutora trocou a palavra “esquisita” pela palavra “bonita”, estabelecendo um efeito de sentido totalmente diferente no TC, visto que “esquisita” e “bonita” pertencem a campos semânticos que se opõem, pois uma qualifica e a outra desvaloriza os lábios da atriz. Em português, segundo Silveira Bueno (1996, p. 267), “esquisito” significa: “adj. Raro, incomum, excêntrico, extravagante”.

Em língua espanhola existe a palavra “exquisita”, semelhante na escrita e na pronúncia à palavra “esquisita” do português, mas com significado diferente, segundo o *Diccionario de la Real Academia Española*²³ (1992, p. 938), “Exquisito, ta (del lat. Exquisitus.) adj. De singular y extraordinária calidad, primor y gusto en su espécie”, esse item lexical é muito usado em língua espanhola para referir-se a comidas. Dessa forma, se a tradutora quisesse aproximar os sentidos, poderia ter usado a palavra “rara” que pertence ao mesmo campo semântico da palavra “esquisita” e, segundo o DRAE (1992, p. 1726), significa: “ (Del lat. rarus.) adj, Extraordinario, poço común o frecuente // 2. Escaso en su clase o espécie. // 3. Insigne, sobresaliente o excelente en su línea. // 4. Extravagante de gênio o de comportamiento y propenso a singularizarse. // 5. Que tiene poca densidad y consistência. [...]”.

Desse modo, parece-nos que emergiram as marcas subjetivas da autora, ao expressar que considerava os lábios da atriz esquisitos, e da tradutora, ao considerá-los bonitos, sendo que, nesse exemplo, a tradutora demonstra desejo de criação. Essa postura da tradutora nos conduz às palavras de Coracini (2007, p. 180):

o tradutor se encontra, pois, entre a ânsia de fidelidade e a impossibilidade de ser fiel; entre a busca das intenções do autor a impossibilidade desse encontro; entre o consciente e o inconsciente; entre a necessidade e a impossibilidade de tradução; entre a reprodução e a criação; entre a ilusão do controle de si, do seu dizer, dos efeitos de sentido de seu dizer e o inefável.

Esse ato tradutório que faz que os efeitos de sentido mobilizados contribuam ora para aproximação ora ao afastamento entre TP e TC, em virtude de algumas escolhas feitas pelo tradutor, nos leva a refletir sobre o papel do tradutor na pós-modernidade e sobretudo a considerar a necessidade urgente, da qual trata Arrojo (1996), de conscientização dos tradutores em relação à responsabilidade autoral que assumem ao traduzir.

²³ Doravante DRAE.

Nesse excerto, examinamos também o uso dos pronomes demonstrativos empregados no TP, “aquela”, e no TC, “ese”. Observamos que o primeiro revela um distanciamento maior da pessoa que fala que o segundo, visto que quando empregamos o demonstrativo “aquela” significa que o assunto ao qual nos referimos ou o objeto está longe de quem fala e de seu interlocutor. Além dessa questão referente à distância, devemos atentar para o fato de que o demonstrativo, segundo Lapa (1998, p. 152), “também exprime outros valores, por vezes afetivos”, dessa forma, no TP, o pronome demonstrativo “aquela”, na passagem: “aquela coisa esquisita,” parece-nos que exprime um valor afetivo e traz um sentido pejorativo, já que os lábios de Marilyn não eram bonitos, eram estranhos. No TC, o emprego do pronome demonstrativo “ese” articula efeito de sentido de aproximação, na passagem “esse aspecto bonito”. Segundo Fanjul (2005), quando utilizamos “ese” queremos demonstrar que o objeto ou tema do qual falamos está perto do interlocutor ou relacionado com ele. Assim, parece-nos que a tradutora deixa escapar a impressão pessoal que tinha sobre os lábios de Marilyn, impressão essa que, diferentemente, do TP não carrega uma carga semântica pejorativa. Dessa forma, há um afastamento entre o TP e o TC.

Passando ao R5 (TP) e (TC), observamos uma vez mais o gosto que Macabéa tinha pelos anúncios, fossem eles de jornal ou de rádio, sendo esse um traço identitário da personagem. Os anúncios surgem como uma forma de ela estar conectada ao mundo permeado pelos ideais capitalistas/consumistas.

HE R5- **Todas as madrugadas** ligava o rádio emprestado por uma colega de moradia, Maria da Penha, ligava bem baixinho para não acordar as outras, ligava invariavelmente para a Rádio Relógio, que dava **“hora certa e cultura”**, e nenhuma música, só pingava em som de gotas que caem- cada gota de minuto que passava. E, sobretudo esse **canal de rádio** aproveitava intervalos entre as tais gotas de minuto para **dar anúncios comerciais** – ela adorava anúncios. **Era rádio perfeita, pois também entre os pingos do tempo dava curtos ensinamentos dos quais talvez algum dia viesse precisar saber.** (LISPECTOR, 1998, p.37)

HEL R5- **Todas las mañanas** encendía la radio que le había prestado una compañera de cuarto, María de la Peña, la ponía bien bajito, para no despertar a las otras, sintonizaba invariablemente Radio Reloj, que daba **“la hora exacta y noticias culturales”**, y nada de música, sólo el tic-tac de gotas que caen: una gota por minuto transcurrido. Sobre todo, **esa emisora** aprovechaba los intervalos entre aquel goteo de minutos para **dar anuncios comerciales**; ella adoraba los anuncios. **Era una radio perfecta porque también entre el gotear del tiempo brindaba lecciones breves de las que tal vez algún día tuviese necesidad.** (LISPECTOR, 2007, p.37)

Na passagem inicial do R5, TP, verificamos que Macabéa acordava de madrugada, assim como diversos trabalhadores o fazem, e, antes de ir trabalhar, tinha o hábito de “Todas madrugadas” ficar ouvindo rádio, enquanto suas companheiras de quarto dormiam. No TP, constatamos que Macabéa não tinha o privilégio de dormir até mais tarde; ao contrário, se quisesse ter alguma diversão, nesse caso, ouvir o rádio-relógio, teria que levantar mais cedo, madrugar, para não perder o horário do trabalho. Notamos que o que chamava a atenção de Macabéa não eram a hora exata, a cultura ou a música, mas sim os anúncios comerciais, pois eles sim traziam algo que ela entendia.

Ela, mesmo sem saber o que significava a palavra cultura, pois em outro trecho do livro ela faz esse questionamento²⁴, continuava ouvindo os anúncios culturais como uma forma de fazer parte mesmo dessa “sociedade toda feita contra ela”, conforme afirma o narrador da história. Essas ações da protagonista conduzem-nos à concepção de Hall (2005, p.13) acerca do sujeito pós-moderno que não é uno, não possui uma identidade fixa e permanente, mas sim,

[...] assume diferentes identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente”. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora narrativa do eu [...].

Isso decorre das formas pelas quais o sujeito é interpelado nos sistemas culturais que o rodeiam. Oliveira²⁵ (s/d, s/p), ao dissertar sobre Macabéa, afirma que “seu despreparo a torna, como aos demais retirantes, presa fácil dos meios de comunicação que disseminam uma cultura voltada para as massas, a indústria cultural que necessita vender seus produtos e manipular hábitos de consumo.”

Macabéa é apresentada como uma moça muito solitária que vivia um vazio existencial, amenizado apenas quando ela interagia com o rádio e com o jornal. Falava muito pouco e, por isso, acabou encontrando no rádio mais uma forma de se conectar ao mundo. No TP, sabemos que o rádio dava “hora certa e cultura”, e, no TC, dava “hora exacta y noticias culturales”. Comparando o vocábulo “cultura” e a construção “noticias culturales”,

²⁴ [...] Que quer dizer cultura? (LISPECTOR, 1998, p.50)

²⁵ Artigo disponível em: [www. Museu-emigrantes.org/seminário –comunicação-Marta-fran.html](http://www.Museu-emigrantes.org/seminário-comunicação-Marta-fran.html)>. Acesso em: 15 jul. 2010.

verificamos que o efeito de sentido expresso no TP difere do efeito de sentido produzido no TC, pois dar cultura consiste em oferecer desenvolvimento intelectual; dar “noticias culturales”, por sua vez, significa informar sobre assuntos diversos que envolvem cultura.

Quanto aos verbos, constatamos, no TP, o uso do verbo “dar” que, segundo Silveira Bueno (1996, p.179), “dar: vt. Oferecer; doar; outorgar; entregar; ceder a outrem o direito de propriedade; conceder”. Já “brindar”, em espanhol usado, no TC, é definido no DRAE (1992, p. 325) como

brindar: (de brindis): Intr. Manifestar, al ir a beber vino u otro licor, el bien que se desea a personas o cosas.//2.Ofreecer voluntariamente a alguien alguna cosa, convidarle con ella. Ú.t.c.tr.//3.fig. Ofreecer una cosa, una oportunidad o provecho. Viajar brinda la ocasión de conocer gente.// 4. Ofreecerse voluntariamente a ejecutar o hacer alguna cosa.

Em virtude dos verbos empregados, o efeito de sentido articulado no TP difere do mobilizado no TC, pois “brindar” não se restringe apenas a dar algo, já que o valor do que é oferecido é intensificado. Dessa forma, no TC parece-nos que o que é transmitido à Macabéa é mais valioso do que o que é transmitido no TP. Entretanto, em ambos, constatamos que Macabéa tinha acesso à cultura, mas constantemente, ao longo da novela, demonstrava não entender o seu significado. Segundo Nolasco (2007, p. 57),

esse “*não saber*” de Macabéa, segundo Rodrigo S.M., “*pode parecer ruim mas não é* (p. 36)”, porque através dele se instaura uma outra forma de pensar, completamente desarticulada da forma instituída. É excusado dizer que a ingenuidade e a ‘ignorância’ de Macabéa articulam-se com a intencionalidade intelectual e crítica dos escritores Rodrigo S.M. e Clarice Lispector.

De qualquer forma, vale ressaltar a relação que Macabéa estabelecia com o que se relacionava à cultura, já que demonstrava curiosidade para saber o que era cultura, mas havia um “não-saber” que fazia parte de sua vida.

Na passagem do TP, “Era rádio perfeita, pois também entre os pingos do tempo dava curtos ensinamentos dos quais talvez algum dia viesse precisar saber”, constatamos a presença da heterogeneidade mostrada, por meio do discurso indireto livre (DIL), visto que essa

opinião sobre a rádio é de Macabéa; é sua voz que ecoa nessa passagem, e não a do narrador Rodrigo S M. Para Maingueneau (1996), quando estamos diante do DIL, observamos os sentimentos ou palavras das personagens, diretamente no texto, sem romper a trama da narrativa.

Vale mencionar que, ao analisarmos R5 (TP) e (TC), concordamos com Bauman (1998) acerca da crescente dificuldade de socialização que assola o mundo globalizado e conduz os indivíduos a uma cultura individualista. Assim, Macabéa, diante de suas escassas possibilidades de socialização, a partir de sua intensa interação com o rádio, nos leva a refletir sobre a relação que o indivíduo pós-moderno estabelece com a mídia. Para Lipovetsky (2004), os meios de comunicação impulsionaram uma mudança no paradigma tradicional de sociabilidade. Dessa forma, para o autor, a televisão, o rádio, entre outros, têm a capacidade de estender a interação que começa no espaço virtual, para o espaço real.

Quanto à atuação da mídia, Charaudeau (2009) assevera que a mídia busca transmitir, ao público, sobretudo, credibilidade. Para tanto, tendo em vista a ótica tradicional de que a mídia detém o saber, a mídia trata os acontecimentos de forma bem peculiar, buscando relatar o que ocorre no espaço público, privilegiando, entre outras coisas, o potencial de sociabilidade do acontecimento.

Em R6, a autora, ao empregar o artigo definido “a”, em “a nordestina”, direciona o foco para os nordestinos que vivem nas grandes capitais.

HE R6 - Como **a nordestina** há milhares de moças espalhadas por **cortiços**, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa. Não notam sequer que são facilmente substituíveis e que **tanto existiriam como não existiriam**. Poucas se queixam e ao que saiba nenhuma reclama por não saber a quem. **Esse quem será que existe?** (LISPECTOR, 1998, p.14)

HEL R6 - Como **la norestina**, hay millares de muchachas diseminadas por **chabolos**, sin cama ni cuarto, trabajando detrás de mostradores hasta la estafa. Ni siquiera ven que son fácilmente sustituibles y que **tanto podrían existir como no**. Pocas se quejan y, que yo sepa, ninguna reclama porque no sabe a quién. **¿Ese quién existirá?** (LISPECTOR, 2007, p.15)

No R6, TP, entendemos que “a nordestina” constitui uma anáfora direta, que retoma sintaticamente Macabéa, no entanto sabemos que, na memória discursiva, o item lexical “nordestina” aparece como sinônimo de pessoa que vem do nordeste do país. Dessa forma, o artigo definido “a” aparece como generalizante. Na concepção de Lapa (1998, p. 102), “[...] podemos de um modo geral dizer que o substantivo precedido do artigo definido se refere à

coisa, ao objeto em si, considerado individualmente ou genericamente, como concreto ou como abstrato”. Nessa situação, Rodrigo S.M, ao se referir a ela, refere-se também a outras nordestinas que, assim como a protagonista, vivem na cidade grande e não percebem que são consideradas como qualquer outro objeto que, quando não serve mais, é facilmente trocado. Nesse contexto, constatamos que Macabéa representa a parcela da população que recebe o mesmo tratamento de uma máquina, pelo simples fato de não refletir sobre sua própria situação e por ser facilmente influenciável.

Macabéa, assim como muitos outros nordestinos, encontra-se em uma posição de subalternidade. Figueiredo (2009, p. 21), ao tratar da condição de subalternidade, com base nos estudos de Spivak, afirma que “o subalterno carece necessariamente de um representante por sua condição de silenciado.” Nesse sentido, o artigo definido em “a nordestina”, mostra esse “poder” de representação.

A situação das nordestinas é tão precária que a voz delas é sufocada; elas não sabem a quem reclamar, de modo que há um silenciamento que parte do próprio sujeito, que, ao enunciar seu discurso, partindo de determinada posição- sujeito, “estará, necessariamente, não dizendo outros sentidos. Isso produz um recorte necessário no sentido. Dizer e silenciar andam juntos” (ORLANDI, 2007b, p. 53). Nessa perspectiva, os silenciamentos também significam, compreendem as determinações de sentido do que não é e não foi dito e, como as palavras, não são transparentes, têm a opacidade característica da linguagem.

Macabéa, em sua posição de subalternidade, não é ouvida. Na concepção de Beverly (2004), o subalterno é silenciado. Segundo o autor (2004, p. 23), com base na formulação de Spivak: “[...] si el subalterno pudiera hablar - esto es, hablar de una forma que realmente nos interpele – entonces no sería subalterno”²⁶.

Parece-nos relevante, nesse contexto, atentar para a escolha do foco narrativo em *A hora da estrela*, já que esse pode nos auxiliar na análise proposta. Rodrigo S.M, o narrador da história, passa-nos a impressão de que sabe tudo sobre a história, sobre as personagens, sobre o que vai acontecer, caracteriza-se também pela intrusão, dessa forma, no tocante à focalização, pensamos que ele seja onisciente intruso, pois demonstra saber tudo sobre a

²⁶ Se o subalterno pudesse falar – isto é, falar de uma maneira que nos interpele de verdade – então não seria subalterno (tradução nossa).

história, as personagens e acerca do que irá acontecer. Quanto ao nível narrativo, Rodrigo S.M configura-se como um narrador homodiegético. Segundo Reis e Lopes (1988, p. 124),

1. De acordo com a terminologia proposta por Genette (1972: 252 et seqs.), narrador homodiegético é a entidade que veicula informações advindas da sua própria experiência diegética; quer isto dizer que, tendo vivido a história como personagem, o narrador retirou daí as informações de que carece para construir seu relato, assim se distinguindo do narrador heterodiegético (v.), na medida em que este último não dispõe de um conhecimento direto. Por outro lado, embora funcionalmente se assemelhe ao narrador autodiegético (v.), o narrador homodiegético difere dele por ter participado na história não como protagonista, mas como figura cujo destaque pode ir da posição de simples testemunha imparcial a personagem secundária estreitamente solidária com a central.

Assim, Rodrigo S. M, narrador homodiegético, é quem narra a história de Macabéa como um conhecedor dos sentimentos, emoções e reações da personagem. Ela, em sua condição subalterna permanece silenciada. Vale atentar para o fato de que além de configurar-se como narrador homodiegético, Rodrigo S. M também era um narrador masculino, fato que nos leva a refletir também sobre a questão do gênero ao longo da história, afinal sabemos que a dominação do gênero masculino atravessa gerações. Na esteira de Spivak (2010, p. 66),

No contexto do itinerário obliterado do sujeito subalterno, o caminho da diferença sexual é duplamente obliterado. A questão não é a da participação feminina na insurgência ou das regras básicas da divisão sexual do trabalho, pois, em ambos os casos, há “evidência”. É mais uma questão de que, apesar de ambos serem objetos da historiografia colonialista e sujeitos da insurgência, a construção ideológica de gênero mantém a dominação masculina. Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade.

Em relação ao afastamento e distanciamento entre o TP e o TC, observados neste estudo, na configuração do processo identitário da personagem feminina nordestina Macabéa, protagonista da novela de Lispector, trazemos as reflexões de Coracini (2007) quando afirma que é preciso questionar essas verdades preestabelecidas que têm estabilizado nossa identidade, sentimento ilusório de unidade, de ser completo, mostrando-se como ela é: fragmentada, constituída pelo outro, que vai nos modificando no percurso da vida. Nessa esteira, pensamos que, na problematização deste discurso literário, outros discursos precisam ser construídos, ou que, pelo menos, se transformem as velhas discursivizações, deslocando,

de forma criativa e sem discriminações, a mentalidade sexista que ainda nos alimenta, para que possamos produzir deslocamentos no bojo da formação discursiva em que estamos imersos.

Prosseguindo o foco analítico deste trabalho, no TP, a moradia das moças nordestinas é chamada de “cortiço” e, no TC, de “chabolas”. Examinando essas palavras, consideramos que viver em um cortiço confere um *status* social mais positivo do que viver em uma “chabola”, ou seja, em uma favela. Dessa forma, no TC, a tradução da palavra “cortiço” por “chabola”, mobilizou uma mudança de sentido, em virtude do significado cristalizado que a palavra “chabola”, para nós, “favela”, possui em nossa sociedade, por isso, no TC, entendemos que Macabéa é posta mais à margem ainda, por viver em um barraco de favela.

Ao refletirmos sobre as mudanças de sentido a que estão suscetíveis as traduções, ressaltamos a importância da tradução cultural, em detrimento de uma tradução vista como transcrição.

Ao compararmos a pergunta que aparece ao final do TP: “Esse quem será que existe?” com a que aparece no TC “¿ Ese quién existirá?”, verificamos que o efeito de sentido de dúvida sobre a existência de um “quem” a quem Macabéa e as outras nordestinas pudessem reclamar é bem mais acentuado no TP, justamente pelo uso do verbo “ser” no futuro, mais o “que”, pois esta combinação carrega uma carga semântica de dúvida que o verbo “existir”, empregado sozinho, não apresenta. O fato de Macabéa e de as outras nordestinas não saberem a quem reclamar vem ressignificar a marginalização extrema, visto que elas estão isoladas, são desinformadas, não são consideradas e, por isso, são facilmente manipuladas, educadas para obedecer.

Uma das marcas identitárias de Macabéa que emerge é sua insignificância, pois não há nela uma característica que a torne insubstituível, que a tire do senso comum. Ela, bem como as outras nordestinas, não têm consciência de sua real situação, pois foram atropeladas por um processo conhecido como “globalização”, que não sabemos exatamente quando começou e não somos capazes de saber ao certo suas consequências, negativas ou positivas.

Nos trechos: “e que tanto existiriam como não existiriam”, TP, e “y que tanto podrían existir como no”, TC, verificamos que, na tradução, o verbo “poder”, empregado no tempo verbal *condicional simple* “(...) expresa acontecimientos no realizados, pero que podrían

realizarse, o que se desea que se realicen²⁷” (FANJUL, 2005, p.166). Desse modo, tanto faz elas existirem ou não, são insignificantes.

A partir da década de 1970, com a ascensão do movimento feminista, as mulheres passaram a se manifestar em diversas questões, que eram visíveis somente na esfera privada e passaram a ter visibilidade também na esfera pública. Nesse contexto, se a nordestina ou as nordestinas não reclamavam é porque de fato viviam marginalizadas.

Em R7, TP, constatamos a formação discursiva da exclusão que emerge do sentido de indefinição mobilizado pelo dêitico “uma” para se referir à moça. Além disso, ao justapor os dêiticos “uma” e “moça”, além desse efeito, é estabelecido um distanciamento entre o referente e o sujeito do discurso.

Constatamos que Macabéa transforma-se ao longo da narrativa: de uma moça para “a nordestina” e para Macabéa.

HE R7- [...] Limito-me a humildemente – mas sem fazer estardalhaço de minha humildade que já não seria humilde –limito-me a contar as fracas aventuras de **uma moça numa cidade toda feita contra ela**. Ela deveria ter ficado no **sertão** de Alagoas com vestido de chita e sem nenhuma datilografia, já que escrevia tão mal, só tinha até o terceiro ano primário. **Por ser ignorante era obrigada na datilografia** a copiar lentamente letra por letra—a tia é que lhe dera um curso ralo de como bater à máquina. **E a moça ganhara uma dignidade: era enfim datilógrafa.** (LISPECTOR, 1998, p.15)

HEL R7- [...] Me limito humildemente- pero sin hacer ostentación de mi humildad, que ya no sería humildad-, me limito a contar las pobres aventuras de **una chica en una ciudad hecha toda contra ella**. Ella, que debería haberse quedado en el **sertão** de Alagoas con su vestido de algodón y sin nada de mecanografía, porque escribía muy mal, que sólo había hecho el tercero de básica. **Por su ignorancia, cuando estudió mecanografía** tenía que copiar, lenta, letra por letra; su tía era quien le había dado un curso escaso de máquina. **Y la muchacha adquirió un título: por fin era mecanógrafa.** (LISPECTOR, 2007, p. 16)

A relação de oposição introduzida pela preposição “contra”, na passagem “numa cidade feita toda contra ela,” possibilita-nos a compreensão de que a cidade grande, capitalista, não acolhe pessoas com o perfil de Macabéa, mas sim as coloca numa diáspora.

Em R7, TP, “Por ser ignorante era obrigada na datilografia a copiar lentamente letra por letra”, e, “Por su ignorancia, cuando estudió mecanografía tenía que copiar, lenta, letra por letra”, do TC, constatamos que “a ignorância” era algo inerente a personagem. Parece-nos

²⁷ Expressa acontecimentos que não foram realizados, mas que poderiam ser realizados, ou que desejamos que se realizem (tradução nossa).

que no TP, o efeito de sentido do adjetivo “ignorante” é mais forte do que o efeito de sentido expresso no TC pelo item lexical “ignorancia”, que aparece nominalizado, pois a nominalização ameniza.

Vale ressaltar que a tradutora não teria a opção de traduzir o verbo “ser”, na passagem “Por ser ignorante”, para o espanhol, mantendo sua forma no infinitivo, já que não é permitido o uso do infinitivo flexionado em língua espanhola, porém ela teria outra opção de tradução que afastaria menos o TC do TP, que seria: *Por el hecho de que era ignorante*.

As formas de tratamento utilizadas no TC, respectivamente “chica” e “muchacha”, fazem-nos refletir sobre a idade de Macabéa: quando chegou à cidade grande era uma “chica”, ou seja, uma jovem e, quando fez datilografia era uma “muchacha”, ou seja, uma criança. No TP, Macabéa é tratada simplesmente por moça. De acordo com o DRAE (1992, p. 1411), Muchacho, cha. (De mochacho) m. y f. Niño o niña que no ha llegado a la adolescencia.//2. Niño o niña que mama. //3. Mozo o moza que sirve de criado. // 4. Fam. Persona que se halla en la mocedad. Ú.t.c.adj.”, ao passo que “Chico” segundo o DRAE (1992, p. 643),

Chico, a. (Del.lat.ciccum, cosa de poquísimos valor.) adj. Pequeño o de poco tamaño.//2. Niño. Ú.t.c.s. // 3. Muchacho. Ú.t.c.s.//4. Dios Chico. //5. Ant. V. merino, zampullín Chico. //6. Fig. Y fam. V. evangelios chicos. // 7. M y f. Hombre o mujer, sin especificar la edad, cuando esta no es muy avanzada.//8. En el lenguaje coloquial, tratamiento de confianza dirigido a personas de la misma edad o más jóvenes.//9. Familiarmente se usa con calificativos ecomiásticos para referirse a personas adultas. //10. M. El lenguaje vulgar, medida de capacidad para el vino, igual a un tercio de cuartillo, o sea 168 mililitros.//11. Muchacho que hace recados y ayuda en trabajos de poca importancia en las oficinas, comercios y otros establecimientos análogos.//12. Criada, empleada que trabaja en los menesteres caseros.//13. En el juego de mus, conjunto de cartas de baja numeración.//como chico de zapatos nuevos. Expr.fig. y fam. Como niño con zapatos nuevos//chica de, o del conjunto. Muchacha que, en las revistas musicales y espectáculos semejantes, forma parte del conjunto que canta y baila. // chico con grande. Expr. Que se usa cuando se trata de ajustar, vender o despachar cosas desiguales en tamaño o calidad. 2. Fig. Sin excluir ni exceptuar cosa alguna.

No TC, quando Poljak opta por traduzir “moça” por “muchacha,” na passagem “Y la muchacha adquirió un título: por fin era mecanógrafa”, articula a ideia de que, no momento em que Macabéa adquiriu uma formação profissional, ainda era uma criança e, por meio do operador argumentativo “por fin”, no TC, e “enfim” no TP, que expressa o término de uma expectativa, constatamos que o caminho percorrido até adquirir esse título foi longo e árduo.

No trecho do TP “E a moça ganhara uma dignidade: era enfim datilógrafa”, vislumbramos a relação interdiscursiva que faz emergir o discurso do filósofo Francis Cirino sobre o trabalho, quando afirma que: “O trabalho dignifica o homem²⁸.” Desse modo, ter uma profissão confere a Macabéa o *status* de uma pessoa digna, respeitável. Nesse contexto, emergem o discurso bíblico e o discurso capitalista.

Em R7, TC, destacamos a impossibilidade da tradução da palavra “sertão”, fato que nos faz refletir sobre o conceito de *double bind*, com base em Paulo Ottoni (2005), que nos conduz à necessidade da tradução diante de sua impossibilidade. Ocorre aqui o que Ottoni (2005, p. 44) denomina “economia de línguas”, que conduz o tradutor ao mesmo tempo a traduzir e não traduzir. Na esteira de Derrida (2006), conforme já comentado no capítulo anterior, o fato de os tradutores sempre estarem entre o intraduzível e a tradução, faz que constantemente enfrentem o *double bind*.

Em R8, Macabéa é posta mais à margem ainda: o narrador demonstra todo seu desprezo pela personagem. Nesse sentido, vários são os recursos linguísticos que concorrem para essa “manifestação”: o articulador consecutivo “tanto que”, a expressão “sua cara de tola”, o “posicionamento” do narrador masculino e o uso dos parênteses.

HE R8 - Faltava-lhe o jeito de se **ajeitar**. Tanto que (explosão) nada argumentou em seu próprio favor quando o chefe da firma de representante de roldanas avisou-lhe com brutalidade (brutalidade essa que ela parecia provocar com sua cara de tola, rosto que **pedia tapa**), com brutalidade que só ia manter no emprego Glória, sua colega, porque quanto a ela, **errava** demais na datilografia, além de **sujar** invariavelmente o papel. Isso disse ele. Quanto à moça, achou que se deve por respeito responder alguma coisa e falou cerimoniosa **a seu escondidamente amado chefe: - Me desculpe o aborrecimento.** (LISPECTOR, 1998, p.25)

HEL R8 - Le faltaba la habilidad de ser **hábil**. Tanto que (explosión) no argumentó nada en su propio favor cuando el jefe de la firma de representación de poleas le avisó con brutalidad (brutalidad que ella parecía provocar con su cara de tonta, un rostro que pedía **una bofetada**), con brutalidad, que sólo iba a mantener en su puesto Gloria, su compañera, porque ella **se equivocaba** demasiado al escribir a máquina, además de **manchar** siempre el papel. Eso dijo él. En cuanto a muchacha, pensó que por respeto se debe responder algo y habló ceremoniosa a su jefe, **que era su amor oculto: - discúlpeme por la molestia.** (LISPECTOR, 2007, p. 25)

Quanto ao fato de seu rosto “pedir tapa”, no TP e no TC “pedía una bofetada” é mais uma marca da exclusão do grupo social do qual ela tentava fazer parte. A culpa pela exclusão é atribuída à protagonista, pois ela era incompetente, já que o chefe a estava dispensando justamente porque ela “errava” muito e “sujava” o papel. O fato de sujar o papel revela-nos

²⁸ Expressão disponível em: www.pensador.info > autores. Acesso em: 14 jul. 2010.

que ela não era uma pessoa de bons hábitos higiênicos, no entanto importa notar que, no TC, essa característica de Macabéa é realçada como um traço mais negativo do que no TP, já que ela não só sujava, ela “manchaba.” Nossa asserção se deve ao fato de que algo que é sujo pode tornar-se limpo, mas o que é manchado dificilmente possui solução; é algo que fica marcado. Observa-se aqui que a sociedade capitalista buscava a inclusão ou a exclusão do indivíduo por seus próprios méritos, deixando para o outro a culpa por não se encaixar em seus padrões. O fato de ser despedida por sua falta de qualificação ressignifica que Macabéa pertence ao grupo dos excluídos que sempre estão na fronteira do desemprego e do subemprego.

Na passagem inicial do TC, Poljak preferiu traduzir o termo “ajeitar” pelo adjetivo “hábil” que significa, segundo o DRAE (1992, p.1080), “(Del lat.habilitasa, átis) f. Capaz y dispuesto para cualquier ejercicio, oficio y ministerio.// 2. términos hábiles.// 3. Der. Apto para una cosa. Hábil para contratar; tiempo Hábil. // 4. Der v. dia hábil”.

O verbo “ajeitar”, por sua vez, segundo Silveira Bueno (1996, p.34), significa: “ajeitar: v.t. Acomodar; arrumar; adaptar”. O efeito de sentido mobilizado no TC, em virtude de a tradutora ter escolhido o adjetivo “hábil”, é o de marcar a incompetência de Macabéa, ao passo que, no TP, o uso do verbo “ajeitar” faz que a carga semântica seja amenizada em relação ao uso o adjetivo “hábil”, porque o primeiro ainda deixa a personagem respirar: é como se ela ainda tivesse alguma chance de melhorar, visto que lhe faltava o modo de se ajeitar, o que significa que ela era desajeitada e não inábil.

Ao analisarmos as passagens, “- Me desculpe o aborrecimento” e “- discúlpeme por la molestia,” do TP e do TC respectivamente, vislumbramos a humildade de Macabéa em face da superioridade do chefe, já que “pedir perdão”, “desculpa”, inscreve-se em determinadas convenções culturais e sociais, configurando, no caso da protagonista a “docilidade”, a subalternidade e até mesmo uma estratégia (de poder) para ser ouvida. A docilidade remete-nos aos preceitos da sociedade disciplinar da qual falava Foucault (1977) e na qual imperava um tipo de poder que perduraria até os dias atuais e que tinha a preocupação com o vigiar e disciplinar, tornar corpo e mente dóceis, com base nos preceitos do direito penal. Nesse sentido, Macabéa não havia feito nada que pudesse ser considerado um erro grave, digno de pedir perdão, porém ela o faz.

O narrador, Rodrigo SM, transmite a resposta de Macabéa ao chefe por meio do DI introduzido pelos verbos “falar” e “hablar”, realizando, assim, uma transmissão analítica do discurso da personagem. Esse fato de a voz da protagonista ser intermediada pela voz de outrem nos leva à afirmação de Spivak (2010, p. 14) de que “o subalterno não pode falar”, porém é preciso ter cuidado com a forma de interpretar essa afirmação, já que:

Tal afirmação tem sido interpretada erroneamente e de forma simplista como se Spivak estivesse afirmando categoricamente que o subalterno ou os grupos marginalizados e oprimidos não pudesse falar ou que tivesse que recorrer ao discurso hegemônico para fazê-lo. Aqui Spivak refere-se ao fato de a fala do subalterno e do colonizado ser sempre intermediada pela voz de outrem, que se coloca em posição de reivindicar algo em nome de um (a) outro(a). Esse argumento destaca, acima de tudo, a ilusão e a cumplicidade do intelectual que crê poder falar por esse outro (a)

Prosseguindo, ao final do TP e do TC, temos as seguintes passagens “falou cerimoniosa a seu escondidamente amado chefe” e “habló cerimoniosa a su jefe, que era su amor oculto”, cujo efeito de sentido articulado no TP revela que o chefe de Macabéa era uma pessoa amada, desejada por ela, porém ela não demonstrava abertamente seus sentimentos; agia discretamente. No TC, por sua vez, o efeito de sentido é de amor de uma mulher por um homem, diferentemente do discurso contido no TP, que não explicita se era um amor de amigo ou de homem-mulher. No TC, ao afirmar “que era su amor oculto”, entendemos que ela amava seu chefe como homem, mas este era um sentimento não revelado às outras pessoas e muito menos ao chefe.

Na passagem transcrita em R9 (TP) e (TC), atentamos para o sentido de “representar” que aparece nas passagens: “[...] passava o resto do dia **representando** com obediência o papel de ser” e “[...] pasaba el resto del día **representando** com obediencia el papel de ser”.

HE R9- E quando acordava? Quando acordava não sabia mais quem era. Só depois é que pensava com satisfação: **sou datilógrafa e virgem, e gosto de coca-cola. Só então vestia-se de si mesma, passava o resto do dia representando com obediência o papel de ser.** (LISPECTOR, 1998, p.36)

HEL R9- ¿Y cuando se despertaba? Cuando se despertaba ya no sabía quién era. Un poco más tarde pensaba con satisfacción: **soy mecanógrafa y virgen, me gusta la coca-cola. En ese momento se vestía de sí misma, pasaba el resto del día representando con obediencia el papel de ser.** (LISPECTOR, 2007, p. 36)

Na verdade, depois de acordar, ela buscava ocupar um lugar na sociedade, vestia-se de si mesma, ou seja, incorporava o papel que lhe cabia representar. Nesse contexto, lembrava-se das coisas que lhe davam algum prestígio social, era datilógrafa e virgem, além disso, bebia coca-cola, o refrigerante da moda. Macabéa buscava, nos termos de Bauman (2008), capturar uma identidade em pleno voo, usando seus próprios meios, visto que, no mundo contemporâneo, as identidades se tornaram móveis. Eis a crise de identidade, anunciada por Hall (2000), que nos diz que as formas como representamos nós mesmos ou outros papéis na sociedade têm sofrido mudanças e acarretado a crise de identidade.

O discurso sobre a virgindade de Macabéa, uma das marcas identitárias das quais ela mesma se orgulha muito, constitui, para ela, uma forma de poder/ via resistência à sociedade constituída dessa época. Segundo Foucault (1988), a resistência caminha ao lado do poder, pois onde há poder há resistência, que pode aparecer em centros de resistência distribuídos no tempo e no espaço que, algumas vezes, mobilizam indivíduos ou grupos de pessoas que passam a exaltar certos pontos do corpo, do comportamento, entre outros.

Castells (2000), ao problematizar a questão da identidade, atenta para a necessidade de compreender a diferença entre papéis e identidades. Os papéis representam as funções que os indivíduos representam na sociedade como, por exemplo, ser pai, ser trabalhador, entre outros, e são delineados pelas instituições; já as identidades compõem fontes de significados para os próprios indivíduos, chamados, por ele, de atores sociais. A construção dessas fontes de significados envolve um processo de individuação, de autodefinição. No caso de Macabéa, “ser datilógrafa” é uma de suas autodefinições mais importantes; nesse caso, a autodefinição coincide com um dos papéis sociais da protagonista. Nesse sentido, ressaltamos que, para Macabéa, o fato de “ser datilógrafa” significava conquistar dignidade.

Salientamos também que o fato de a mulher, no caso Macabéa, dar importância ao papel social por ela representado, no âmbito profissional, estabelece uma estreita relação com o momento histórico vivido, pois foi na década de 1970, época em que a novela *A hora da estrela* foi escrita, que as mulheres obtiveram diversas conquistas tanto na esfera pública quanto na privada; nesse período ocorreram mudanças na relação homem-mulher em decorrência do reconhecimento dos papéis e direitos da mulher na sociedade. Shaffer (2010) chama esse movimento de “neofeminismo” e assevera que ele não visava à igualdade entre os gêneros, mas sim à oposição, ao enfrentamento entre os tradicionais papéis desempenhados por “macho” e “fêmea”.

Em R9, TC, o advérbio de tempo “ya” enfatiza a ação momentânea de estranhamento da protagonista consigo mesma, afinal, ela precisava de um tempo para se autoafirmar, para se reconhecer enquanto ser, enfim, para se localizar no mundo. Destacam-se em sua identificação, como marcas subjetivas no discurso, a virgindade, a profissão de datilógrafa, a insignificância, a ignorância e “la coca –cola” que, no TC, aparece como elemento determinado, estabelecendo uma aproximação maior entre o sujeito e o objeto estimado.

No excerto 10, tanto no TC quanto no TP, constatamos que o narrador, ao usar o dêitico “ela”, retira totalmente a voz de Macabéa, silenciando-a e excluindo-a, por vê-la como uma pessoa alienada que se guia somente por si mesma e não atenta para o que está a sua volta:

HE R10- Quero neste instante falar da nordestina. É o seguinte: ela como uma **cadela vadia** era teleguiada exclusivamente por si mesma. Pois reduzira-se a si. Também eu, de fracasso em fracasso, me reduzi a mim, **mas pelo menos quero encontrar o mundo e seu Deus**. (LISPECTOR, 1998, p. 18)

HEL R10- En este momento quiero hablar de la norestina. Es esto: ella como una **zorra vagabunda**, era teleguiada sólo por sí misma. Porque se había reducido a sí misma. También **yo**, de fracaso, me reduje a mí mismo, pero **por lo menos quiero encontrar el mundo y su Dios**. (LISPECTOR, 2007, p. 19)

Nesse recorte, o narrador, para falar de Macabéa, compara-a a uma “cadela vadia.” Sabemos que essa palavra, como substantivo feminino, significa: “Cadela²⁹: s. f. fêmea do cão. Pop. Mulher de mau comportamento. Prostituta”. Em nossa memória discursiva, esse vocábulo aparece como sinônimo de mulher vadia, sem princípios. Assim, verificamos que o discurso do narrador encontra-se em uma formação discursiva que desvaloriza o caráter da personagem. Além disso, outra possibilidade de análise se deve ao fato de que, na memória discursiva, “cadela vadia” também significa não ter dono, casa, e Macabéa não tinha família, vivia solitária, por isso tomava suas decisões sozinha, sem uma estrutura familiar que a auxiliasse.

Chama-nos atenção, no TC, a tradução que Poljak fez da expressão “cadela vadia” por “zorra vagabunda”, buscando, nessa tradução, uma aproximação semântica desses termos. No DRAE (1992, p.2130) “zorra” significa:

²⁹ Disponível em: www.dicionarioweb.com.br/cadela.html . Acesso em: 05 jul. 2010.

f. Mamífero cánido de menos de un metro de longitud incluida la cola, hocico alargado y orejas empinadas; el pelaje es de color pardo rojizo y muy espeso, especialmente en la cola, de punta blanca. Es de costumbres crepusculares y nocturnas; abunda en España y caza con gran astucia toda clase de animales, incluso de corral. // 2. Hembra de esta especie.//3. V. cola, rabo de zorra. 4. Fig. Y fam. Persona astuta y solapada// 5. Prostituta, mujer pública”. [...]

Em nossa opinião, ela conseguiu tal aproximação, já que, ao considerar o significado cultural da palavra “cadela”, ela encontrou a palavra “zorra”, cujo sentido vai ao encontro do sentido da palavra “cadela”, que representa o “objeto” na cultura da tradutora, visto que se fizesse uma tradução literal de “cadela vadia” para “perra vagabunda”, outras questões viriam à tona.

Desse modo, a tradutora demonstra desejo de fidelidade em relação ao sentido do texto, pois buscou em sua cultura itens lexicais que apresentassem um efeito de sentido bem próximo ao do texto original. Segundo Coracini (2007, p. 179), o tradutor localiza-se sempre “entre”, entre o desejo de fidelidade e o desejo de criação, dessa forma:

[...] ao mesmo tempo em que defende a tradução como criação, o tradutor ou o autor do texto traduzido afirma se ater a cada palavra na preocupação com o sentido do texto; deseja fiel, mas depara com a infidelidade; pretende-se conhecedor profundo das línguas em questão, mas enfrenta situações em que lhe é impossibilitada a expressão, em que os sentidos e palavras lhe escapam e isso nas duas línguas (ainda que uma delas seja o que se denomina sua língua materna); imagina controlar os sentidos, a ponto de aproximá-los o mais possível daqueles que supõe estarem impressos no texto de partida, mas vê-se na contingência de enfrentar críticas à sua tradução[...]

Passamos aos recortes R11 (TP) e R11 (TC) destacando seu caráter heterogêneo, marcado pelo discurso direto que dá voz a Macabéa e a Glória. Essa é uma das poucas cenas nas quais a protagonista fala e reflete sobre alguma coisa que lhe perguntam.

HE R11-

[...] - **Sou moça virgem!** Não sou mulher de soldado e marinheiro.

- Me desculpe eu perguntar: **ser feia dói?**

- Eu nunca pensei nisso, **acho que dói um pouquinho.**

- Mas eu lhe pergunto se você que é feia sente dor. (LISPECTOR, 1998, p. 62)

HEL R11-

[...] - ¡**yo soy virgen!** No soy mujer de soldado ni de marinero.

- Perdona que te lo pregunte: ¿Ser fea sabe mal?
- Nunca lo he pensado, **me parece que cae un poquitín mal?**
- Pero yo te pregunto si a ti que eres fea te sabe mal. (LISPECTOR, 2007, p.59-60)

O discurso sobre a virgindade aparece, nesse recorte, como uma simulação da realidade, buscando restaurar as palavras de Macabéa, que é o enunciador citado por Rodrigo S.M. De acordo com Fiorin (2008), é característica do DD mobilizar o efeito de sentido de realidade, dando a impressão de que o narrador apenas repete o que disse o interlocutor. Para Maingueneau (2001), o uso que fazemos do DD cria funções distintas. Dessa forma, no excerto em questão, pensamos que a função seja a de criar um efeito de autenticidade.

Em R11, o vocábulo “virgem” inscreve-se na formação discursiva da sexualidade e traz a posição ideológica de Macabéa em relação às questões masculinas e femininas. Posicionamento que vai ao encontro da ideia de que a força das mulheres está no plano moral. Nesse contexto, é relevante atentar para uma noção de poder que não se confunde com a de poder estatal. Nesse sentido, Guerra (2008, p.50) assevera que:

o trabalho de Foucault (1985) provocou o *descentramento* da identidade e do sujeito graças à noção de *poder disciplinar*, noção essa que não pode ser confundida com opressão ou poder estatal. Trata-se de um poder preocupado, em primeiro lugar, com a regulação do indivíduo e do corpo: disciplinar o corpo para disciplinar a mente; afinal a corpo dócil corresponde mente dócil [...]

Desse modo, por considerarmos o discurso como difusor e produtor de poder, compreendemos que o enunciado “Sou moça virgem” articula efeitos de poder que mobilizam práticas sociais de dominação e de submissão, relativas ao papel da mulher em uma sociedade na qual ainda predomina a ideologia machista, que atribui à virgindade, associada à moral e aos bons costumes, um valor imenso.

Na sequência, em R11, TC, é relevante analisar o verbo “saber”, presente no enunciado “¿Ser fea sabe mal?”, em virtude da escolha da tradutora, por esse verbo, em vez do verbo “doler”, cujo significado seria mais próximo ao do verbo “doer” do idioma português.

No dicionário, buscamos os significados de “doler”, “saber” e “doer”, a fim de comprovar nossa asserção: “doler. (del lat. dolere). v.int. 1. Padecer, doler en una parte del

cuerpo, mediante causa interior o exterior. Doler la cabeza, los ojos, las manos. 2. Causar pesar o aversión una cosa. Le dolió la incomprensión de la gente... [...]” (DRAE, 1992, p.772); já “saber” vem significar, de acordo com o DRAE (1992, p.1822),

1.Sabiduría, conocimiento profundo de alguna materia, ciencia o facultad. 2. conocer una cosa, tener noticia de ella, ser docto en ella. [...] 11. Fig.con advs. bien, y especialmente, mal, o con advs, o expresiones adverbiales equivalentes agradar o desagradar algo. Ej. Me supo mal que no vinieras.

E, para “doer” temos: “v.int. 1. causar dor, pena, sofrimento, pesar, arrepender-se de, pesar-se de. [...] ” (SILVEIRA BUENO, 1996, p.220). Constatamos que usar o verbo “saber” faz que, no TC, a carga semântica seja mais amena, visto que “doer” fere mais que “desagradar”, ideia transmitida pelo verbo “saber”, em espanhol.

De qualquer forma, o aspecto físico, a feiúra, de Macabéa faz que ela seja excluída, visto que, na sociedade contemporânea, a beleza constitui um dos atributos favoráveis à aceitação do indivíduo na sociedade, sendo uma forma de poder feminino. Nessa perspectiva, Franco (2010, p.123), em seu estudo sobre o discurso do leitor da revista *Playboy*, revela que, na concepção discursiva do homem contemporâneo, a beleza é vista como uma forma de poder. Dessa forma, a protagonista, que não é bela, é marginalizada; não possui uma imagem positiva, valorizada entre os homens. O efeito de sentido mobilizado nos enunciados do TP e do TC, respectivamente, “Acho que dói um pouquinho” e “me parece que cae un poquitín mal” é perpassado pelo sofrimento.

Da análise, emerge a reflexão a respeito do papel do tradutor, que também é responsável pela construção de sentidos, já que ele exerce as funções de leitor e de locutor, que o fazem assumir a posição de autor, ao se dirigir ao público de língua e cultura diferentes da sua.

Além disso, foi possível vislumbrar um discurso heterogêneo, um mosaico de vozes outras, no qual as marcas de heterogeneidade, guiaram-nos para a compreensão dos interdiscursos, das formações discursivas e nos mostraram, na esteira de Authier-Revuz (1990), que não há um discurso isento do “já dito.”

Em R12 (TP) e (TC) a desvalorização de Macabéa no trabalho provoca-lhe um grande desequilíbrio, pois, conforme comentamos em R9 (TP) e (TC), “ser datilógrafa” constituía

uma das autodefinições mais importantes para a personagem e coincidia com um dos papéis sociais desempenhados por ela.

HE 12 - Depois de receber o **aviso** foi ao banheiro para ficar sozinha porque estava toda atordoada. Olhou-se **maquinalmente** ao espelho que encimava a **pia imunda e rachada, cheia de cabelos, o que tanto combinava com sua vida**. Parece-lhe que o espelho baço e escurecido não refletia imagem alguma. Sumira por acaso a sua existência física? Logo depois passou a ilusão e **enxergou a cara toda deformada** pelo espelho ordinário, **o nariz tornado enorme como o de um palhaço de nariz de papelão. Olhou-se levemente e pensou tão jovem e já com ferrugem**. (LISPECTOR, 1998, p. 25)

HEL 12 - Después de recibir el **aviso**, fue al servicio, para estar sola porque se sentía toda aturdida. Se miró **maquinalmente** en el espejo que colgaba sobre el **lavabo sucio y desconchado, lleno de pelos, algo concordante con su vida**. Le pareció que el espejo opaco y oscurecido no reflejaba ninguna imagen. ¿Acaso se habría esfumado su existencia física? Pero esa ilusión óptica se desvaneció y **entrevió la cara deformada** por el espejo ordinario, **la nariz que parecía enorme, como la nariz de cartón de un payaso. Se miró y pensó al pasar: tan joven y ya oxidada**. (LISPECTOR, 2007, p. 25-26)

A partir do acontecimento discursivo “aviso”, o papel social³⁰ de Macabéa sofre uma desconstrução, fato que conduz a uma crise da imagem que ela tem de si, de sua própria identidade, articulando uma crise de identidade. Na esteira de Hall (2005, p. 9):

Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento-descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo. Como observa o crítico cultural Kobena Mercer, “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”.

A crise de identidade se reflete também no fato de Macabéa, já desequilibrada por causa do aviso, não conseguir ver sua imagem claramente no espelho. Nesse contexto, examinamos os verbos “enxergar” no TP e “entrevier” no TC, nas seguintes passagens: “[...] enxergou a cara toda deformada pelo espelho ordinário [...]” e “[...] entrevió la cara deformada por el espejo ordinario [...]”. O primeiro articula o efeito de sentido de que o que Macabéa está vendo, ou seja, sua imagem, surge de forma clara; já o segundo articula o efeito de sentido de algo que se vê de forma enviesada, confusa. De acordo com o DRAE (1992, p.

³⁰ Consideramos as definições de papel social e autodefinição de Castells (2008)

854), “entrever. tr. Ver confusamente una cosa.// 2. Conjeturar algo, sospecharlo, adivinarlo”; E, no TP, “enxergar”, segundo Silveira Bueno (1996, p. 250), “v.t. Ver, divisar, descortinar”. Constatamos que no TC o efeito desagradável que a imagem deformada causou em Macabéa foi amenizado pelo fato de a personagem não conseguir ver claramente sua imagem. De qualquer forma, o efeito de sentido da “imagem deformada” reforça o quanto ser datilógrafa era significativo para a personagem e o quanto perder essa identificação /representação constituiria algo negativo.

A desvalorização da imagem da personagem segue nas seguintes passagens do TP e do TC: “pia imunda e rachada, cheia de cabelos, o que tanto combinava com sua vida” e “lavabo sucio y desconchado, lleno de pelos, algo concordante con su vida”, nas quais o narrador deixa transparecer a ideia de que a vida de Macabéa é desagradável, revelando sua percepção em relação ao cotidiano deprimente.

Salientamos em nossa análise os vocábulos “ferrugem” e “oxidada” que também concorrem para a desvalorização da personagem. Isso porque na memória discursiva eles aparecem como termos usados para referir-se a objetos ou máquinas de metal que, quando enferrujam, são inutilizados.

Chama-nos a atenção a discursividade do TP e do TC, “Olhou-se levemente e pensou: tão jovem e já com ferrugem” e “Se Miró y pensó al pasar: tan joven y ya oxidada”, cujos termos “oxidada” e “ferrugem” foram empregados para se referirem a Macabéa. De acordo com o DRAE (1992, p. 1495), “oxidada” significa: “(De óxido) tr. Transformar un cuerpo por la acción del oxígeno o de un oxidante. Ú.t.c. prnl”. Quanto ao vocábulo “ferrugem”, para Silveira Bueno (1996, 293), “s.f. Resíduo que se forma à superfície de ferro exposto à umidade; doença criptogâmica das gramíneas, especialmente do trigo”.

Tendo em vista a representação desses termos na memória discursiva e seus significados no dicionário, vislumbramos a representação social de Macabéa ligada a uma máquina que quando enferruja já não serve mais. Nesse sentido, há uma intensificação da ideia de exclusão, de insignificância já que o fato de estar “com ferrugem” ou estar “oxidada” mobiliza um efeito de sentido de desprezo pela personagem, de desvalorização e de exclusão social que marcam suas identidades.

Na memória discursiva, os vocábulos “ferrugem” e “oxidada”, conforme comentamos, remetem a objetos que se desgastam com o passar do tempo, como as máquinas, assim, ao

utilizá-los para caracterizar a personagem, entendemos que Lispector talvez quisesse empreender uma crítica à forma como os trabalhadores são tratados nos grandes centros urbanos. Ou seja, os empregados são considerados como máquinas e não como pessoas; quando não servem mais, na visão dos detentores do poder, podem ser facilmente descartados.

Nesse excerto é relevante analisar também a ironia contida na imagem de Macabéa com o nariz semelhante ao de um palhaço, momento no qual ela, como representante de toda uma classe de nordestinas, espelha a visão que possivelmente os detentores do poder têm das trabalhadoras nordestinas que, além de serem facilmente descartadas quando não servem mais, também desempenham papel de palhaço, sendo submissas àqueles que possuem o poder. Nessa direção, refletimos sobre aspectos do trabalho feminino que, a partir da década de 70, levaram as mulheres a ingressarem de forma mais intensa no mercado de trabalho. Segundo Fausto (2004, p. 546-547):

O ingresso das mulheres no mercado de trabalho resultou de vários fatores. Dentre eles, devemos destacar o grande crescimento econômico que resultou a maior oferta de empregos- acompanhado do incentivo ao consumo e aumento das desigualdades sociais. Muitas mulheres passaram a buscar trabalho fora de casa, visando a suplementar o orçamento familiar e a ampliar o consumo de bens.

Nos trechos “olhou-se maquinalmente” e “se miró maquinalmente”, parece-nos relevante atentar para a origem do item lexical “maquinalmente”, tanto em língua portuguesa quanto em língua espanhola. Na primeira, essa palavra provém de “maquinal” que, segundo Silveira Bueno (1996, p. 415), significa: “adj. Que diz respeito a máquina; (fig) inconsciente, automático”. Em espanhol, no DRAE (1992, p. 1319), encontramos “maquinal” assim definido: “(Del lat. machinālis) adj. Perteneciente a los movimientos y efectos de la máquina. // 2. Fig. Aplícase a los actos y movimientos ejecutados sin deliberación”. Observamos que Macabéa reage de certa forma como uma máquina. A definição do item lexical “maquinalmente” em português e em espanhol corrobora a representação do ser humano, trabalhador, como máquina e essa, ao contrário do homem, não tem sentimentos, pode enferrujar e ser facilmente trocada, segundo os procedimentos adotados na sociedade capitalista, que conduzem à exclusão social. Logo, vislumbramos uma crítica à forma de tratamento do ser humano na sociedade da década de 1970.

Em R13 TP e TC a origem de Macabéa nos auxilia a entender sua constituição identitária.

HE R13 - Nascera inteiramente **raqúitica**, **herança** do **sertão**- os maus antecedentes de que falei. Aos dois anos de idade lhe haviam morrido os pais de febres ruins no **sertão de Alagoas, lá onde o diabo perdera as botas**. (LISPECTOR,1998, p. 28)

HEL R13 - Había nacido **raqúitica** por completo, **herencia** del **sertão**, los malos precedentes de que hablé. Cuando tenía dos años de edad se le habían muerto los padres de unas fiebres malignas en el **sertão de Alagoas, allá donde Dios perdió la gorra**. (LISPECTOR, 2007, p. 28)

Os itens lexicais “raqúitica” e “sertão” ativam na memória discursiva do leitor o estereótipo do nordestino em meio a intensa miséria e pobreza que assolam o nordeste do Brasil. Nesse contexto, sobressaem como marcas identitárias do nordestino, a simplicidade, a humildade, a subalternidade. O discurso sobre a vida no nordeste apresenta as condições precárias nas quais muitos brasileiros vivem nessa região do Brasil e faz emergir uma das razões que levam os nordestinos a buscarem uma vida melhor em outras regiões do país. Vale mencionar que Clarice Lispector veio para a região nordeste do Brasil com sua família quando era muito pequena, passou por diversas dificuldades nesse lugar e a vida nessa região do país não foi fácil, pois sua família também enfrentou uma situação de grande pobreza. Segundo Gotlib (2009, p. 59),

A doença da mãe e a pobreza foram, pois, fatos marcantes. Clarice afirma: “nós éramos bastante pobres e ainda havia doença em casa. E eu era tão alegre que escondia a dor de ver aquilo tudo”, mas sente-se despreocupada, “apesar de toda dor que via”. Estava delineado um perfil de comportamento da criança: de um lado, a tristeza, a dor, o sofrimento; de outro a alegria e a despreocupação que levavam a mascarar os sentimentos tristes. “Olha, eu não tinha consciência, eu era tão alegre que eu escondia de mim a dor de ver minha mãe assim: Eu...eu...eu era tão...tão viva”.

O discurso sobre a origem de Macabéa é perpassado por ironias e por uma caracterização negativa do lugar de origem da personagem que é visto como muito distante do centro urbano, cheio de pessoas que vivem na miséria, passam fome e que morrem de febres ruins. Tais fatos demonstram a desvalorização da região nordeste do país. Desse modo, os que provêm desse lugar trazem marcas identitárias da exclusão, da miséria, entre outras.

Ressaltamos em nossa análise o vocábulo “sertão” que permaneceu inalterado no TC, fato que demonstra que, frente ao *double bind* que todo tradutor enfrenta, Poljak preferiu manter a palavra “sertão” em português, provavelmente por saber que essa palavra é bastante

característica da cultura brasileira e que constitui uma forma de representação da região nordeste do Brasil. Segundo Silveira Bueno (1996, p.603), “sertão, s.m. Lugar inculto, distante de povoações; floresta no interior de um continente ou longe da costa; zona do interior”.

Reafirmamos que em língua espanhola, a tradutora poderia ter usado a palavra “campo” que significa, de acordo com o DRAE (1992, p. 380), “campo (Del lat. campus, terreno llano, campo de batalla). m. Terreno extenso fuera de poblado.//2. Tierra laborable.//3. En contraposición a sierra o monte, campiña [...]”. No entanto, conforme comentamos, Poljak optou pela não tradução da palavra “sertão”, cuja atitude nos faz refletir sobre a questão da “economia da língua”, com base no exemplo de Ottoni (2005, p. 144) que, ao apresentar o exemplo de Graham, um dos tradutores da obra de Derrida, assevera que o tradutor optou por não traduzir o título do livro do francês para o inglês porque objetivava manter os vários sentidos em francês. Essa atitude, segundo Ottoni, caracteriza o que chamamos de “economia da língua” e conduz à “tradução recíproca”, isto é, estar entre duas línguas, entre dois sistemas linguísticos e no meio de várias línguas que compõem as duas línguas. Assim, segundo o autor, o tradutor deve ao mesmo tempo traduzir e não traduzir.

Nessa perspectiva, se a tradutora tivesse optado por traduzir a palavra “sertão” poderia ter diminuído ou até mesmo eliminado o poder de representação que essa palavra tem dentro da cultura brasileira.

Com base no conceito de desconstrução de Derrida (2006), entendemos que a tarefa do tradutor sempre se caracterizará por estar “endividada” com o texto original. O conhecimento de mundo, da cultura do outro, bem como o conhecimento que o tradutor tem de sua língua e da língua do outro sempre interferirá na transferência de significados de uma língua para outra.

Nas passagens do TP e do TC, respectivamente: “Os maus antecedentes de que falei” e “Los malos precedentes de qué hablé”, estabelece-se uma relação interdiscursiva com o discurso da lei, no qual as ações passadas negativas das pessoas influenciam em seu julgamento, afinal aquele que tiver “maus antecedentes”, ou seja, aquele que tiver cometido qualquer crime não é considerado uma pessoa digna aos olhos da sociedade. Segundo Pechêux (2002, p. 68), “é o interdiscurso que especifica as condições nas quais um acontecimento histórico (elemento histórico, descontínuo e exterior) é suscetível de vir a

inscrever-se na continuidade interna, no espaço potencial de coerência próprio a uma memória”.

Quanto ao discurso sobre a herança do sertão, esse nos faz refletir sobre o posicionamento do narrador e sobre a representação estereotipada que já está cristalizada na memória coletiva e que faz que os nordestinos sejam vítimas de diversos preconceitos, quando migram de uma região a outra do país, e acabam por ressignificar que o fato de ser nordestino seja “um mau antecedente” para eles mesmos.

Analisando o significado dos vocábulos “antecedentes” e “precedentes” vemos que ambos podem ser entendidos como uma ação anterior que poderá servir para julgar fatos posteriores. De acordo com o DRAE (1992, p. 1652-1653), “precedente (Del lat. praecedens, -entis) p.a de proceder. Que procede o es anterior y primero en el orden de la colocación o de los tiempos.// 2. M. antecedente, acción o circunstancia anterior que sirve para juzgar hechos posteriores”. E “antecedente”, segundo Silveira Bueno (1996, p. 55), “adj. Precedente; s.m. (Gram) palavra ou oração a que se refere o pronome relativo [...]”.

Considerar o fato de ser nordestino “um mau antecedente”, “un malo precedente” constitui uma forma de violência. Para Peixoto (2004, p. 191),

Numa ficção que tem lugar dentro da ficção, o narrador de *A hora da estrela*, um escritor, discute seu trabalho de criação de uma protagonista. Essa moça, uma vítima da injustiça social, é natural do nordeste, região que, com sua paisagem torturada e sua realidade áspera de secas e males econômicos severos, atraiu a imaginação de tantos escritores brasileiros. A protagonista, recém-chegada ao Rio, marginalizada, deslocada, representa outros na mesma situação, sendo assim um fragmento de uma vasta realidade social.

Ainda em R13, as referências espaciais marcadas pelos dêiticos “do sertão de Alagoas” e “lá onde o diabo perdera as botas” articulam um distanciamento do sujeito que fala, ao mesmo tempo em que trazem um efeito de sentido de desprezo pelo lugar do qual se fala. Além disso, o narrador fala de um “cá”, o Rio de Janeiro, que se distingue do “lá” do qual fala não só pela distância mas também pelas condições socioeconômicas. “Lá” é considerado um lugar assolado pela miséria e pela pobreza, onde as pessoas nascem raquíticas e muitos morrem de febres ruins típicas do lugar.

A distância entre o referente e o sujeito da enunciação é gradativa, primeiro se diz “no sertão de Alagoas” e depois “onde o diabo perdera as botas”; essa última, conforme comentamos, expressa uma distância imensa. Os dêiticos espaciais carregam, nesse contexto, uma carga semântica negativa, pois auxiliam na desvalorização do lugar de onde veio Macabéa, na visão do enunciador.

Ao final de R13 (TP) e R13 (TC), chama-nos atenção a passagem final de ambos: “lá onde o diabo perdera as botas” e “allá donde Dios perdió la gorra”. O efeito de sentido articulado por essas expressões idiomáticas, cujos significados estão cristalizados na memória coletiva, é o de que o sertão é de fato um lugar muito distante da cidade. Assim o “lá” sertão se diferencia do “cá” Rio de Janeiro. Vale mencionar que tanto em língua portuguesa quanto em língua espanhola é comum ouvirmos outras expressões semelhantes a essas, tais como: “viver ou morar onde os Judas perdeu as botas”; “vivir donde cristo perdió el gorro”; “estar o vivir en el quinto pino”.

Nesse excerto, notamos uma aproximação entre o TP e o TC, revelando uma preocupação com o aspecto cultural, - tanto no momento em que a tradutora manteve a palavra “sertão” no TC quanto no momento em que buscou em sua língua uma expressão que transmitisse a ideia de distância expressa no TP -, momento em que escolhe uma expressão cujo significado provoque a aproximação e não afastamento entre ambos.

Em R14(TP) e (TC) segue o discurso sobre a desvalorização e a exclusão de Macabéa.

HE R14 - Nada nela era **iridescente** embora a pele do rosto entre as manchas tivesse um leve brilho de **opala**. Mas não importava. **Ninguém olhava para ela na rua, ela era café frio**. (LISPECTOR,1998, p. 27)

HEL R14 - Nada en ella era **iridiscente**, aun cuando la piel de su cara tuviese entre las manchas un ligero brillo **ópalo**. Pero no importaba. **Nadie la miraba en la calle, ella era café frío**. (LISPECTOR, 2007, p. 27)

Em R14 (TP) e (TC) o discurso sobre a insignificância de Macabéa reforça sua condição de excluída e a insignificância de sua existência, constatações que imprimem em sua constituição identitária marcas da subalternidade e da exclusão.

No TP temos “Nada nela era iridescente” e no TC “Nada em ella era iridiscente”. O item lexical “iridescente”, segundo Silveira Bueno (1996, p. 375): “adj, Que mostra as cores do arco-iris”; já em espanhol, de acordo com o DRAE (1992, p. 1189), “iridiscente (del lat. Iris.// 2. Por ext., dicese de lo que brilla o produce destellos”. Os adjetivos “iridescente” em português e “iridiscente” em espanhol, precedidos do pronome indefinido “nada”, carregam uma carga semântica negativa que contribui para intensificar a desvalorização e a marginalização de Macabéa, visto que entendemos que ela era “apagada”, não tinha um colorido, um brilho que a fizesse se destacar, ter encanto.

É relevante ainda buscar o efeito de sentido de concessão veiculado pelo conectivo “embora”, nesse excerto. De acordo com Bechara (2000, p. 327), a conjunção concessiva “quando inicia oração que exprime que um obstáculo- real ou suposto – não impedirá ou modificará a declaração da oração principal”. Desse modo, entendemos que o conectivo “embora” contribui para a desvalorização da “beleza” da personagem porque acaba reforçando que o brilho que tinha no rosto era tão pequeno que ficava apagado perante a grandeza de sua total falta de brilho, já que a cor de referência é “opala” no TP e “ópalo” no TC.

O item lexical “opala”, segundo Silveira Bueno (1996, p. 468), significa: “s.f. Variedade amorfa de sílica, de cor leitosa e azulada; espécie de tecido de algodão”. Em espanhol, “ópalo” significa, de acordo com o DRAE (1992, p. 1479):

(Del lat. opālus.) m. mineral silíceo con algo de agua, lustre resinoso, translúcido u opaco, duro, por quebradizo y de colores diversos.// de fuego. El de color rojo muy encendido, brillante, translúcido, que suele encontrarse en Méjico. // girasol. El que amarillea y no destella sino algunos de los colores del arco iris. // noble. El que casi transparente, con juego interior de variados reflejos y bellísimos colores.

Em R14, nas passagens “Ela era café frio”, TP, e “Ella era café frío”, TC, a representação que se impõe a Macabéa é a de uma pessoa tão indesejável quanto o café frio. Por meio de uma metáfora, Lispector demonstra o quanto a personagem é marginalizada, pois faz parte da cultura brasileira tomar e apreciar o café quente e não frio, assim, segundo Losada- Soler (1994, p. 7), “Para un brasileño esta es la imagen que nadie quiere³¹”. Ademais a marca identitária da exclusão é salientada pelo fato de as pessoas a ignorarem na rua, fato que marca a insignificância de sua existência.

³¹ Para um brasileiro essa é a imagem que ninguém quer (tradução nossa).

Ao confrontarmos os sentidos que perpassam o TP e o TC vemos que prevalece uma aproximação entre eles, inclusive na escolha das conjunções e/ou locuções conjuntivas nos trechos. “[...] embora a pele do rosto entre as manchas tivesse um leve brilho de opala [...]” e “[...] Aun cuando la piel de su cara tuviese entre las manchas un ligero brillo de ópalo [...]”]. No TP foi usada uma conjunção concessiva “embora”, ao passo que no TC a tradutora optou pelo uso de uma locução concessiva “aun cuando”, e ambas contribuem para a compreensão de que ela não era atraente, pois a “opala”, no TP, e “ópalo”, no TC, tampouco tem brilho, pois o tom que possui é apagado, leitoso, azulado.

Em R15 (TP) e (TC) vemos a identificação entre Macabéa e Olímpico ao se reconhecerem como nordestinos, figuras estereotipadas.

HE R15- [...] no meio da **chuva abundante** encontrou (explosão) a primeira espécie de namorado de sua vida, o coração batendo como se ela tivesse englutido um passarinho esvoaçante e preso. O rapaz e ela se olharam por entre a chuva e **se reconheceram como dois nordestinos, bichos da mesma espécie que se farejam** [...]. (LISPECTOR, 1998, p. 42-43)

HEL R15- [...] en medio de un gran **aguacero** encontró (explosión) la primera clase de novio de su vida, mientras el corazón le latía como si hubiera tragado un pajarito que revoloteara prisionero. El muchacho y ella se miraron en medio de la lluvia y **se reconocieron como dos norestinos, animales de la misma especie que se adivinan**. (LISPECTOR, 2007, p. 42)

Olímpico e Macabéa se re(conhecem) em meio a uma “chuva abundante”. No TC, Poljak traduziu o item lexical “chuva” por “aguacero”, palavra que além de significar chuva, também pode se referir às diversas desgraças que recaem sobre uma pessoa. Segundo DRAE (1992, p. 64), “aguacero (De aguaza) m. Lluvia repentina, abundante, impetuosa y de poca duración. // fig. Sucesos y cosas molestas, como golpes, improperios, etc., que en gran cantidad caen sobre una persona”. Dessa forma, no TC o efeito de sentido pode ser o de que conhecer Olímpico, para ela, seria mais uma infelicidade em sua vida. Tal análise é possibilitada pela própria significação da palavra.

Em R15 (TP), parece-nos que Lispector, ao colocar na boca de Rodrigo SM o vocábulo “bichos” para se referir a Olímpico e à Macabéa está fazendo uma crítica tanto à visão que se tinha do nordestino, como ser inferior, marginalizado, quanto à forma de tratamento que lhe é dada na sociedade. Pelo viés da referência, os itens lexicais “bichos” no TP e “animales” no TC retomam por anáfora “nordestinos” que, por sua vez, também por anáfora, retomam “ela” (Macabéa) e “o rapaz” (Olímpico). Vemos que são taxados como

“bichos”, “animales” e não seres humanos. Assim, a retomada de “nordestinos” por “bichos” no TP e “animales” no TC constitui um caso especial de anáfora que não se restringe a uma retomada textual, mas sim discursiva dos já ditos que sustentam o discurso. Nesse contexto, a situação de miséria e de exclusão do povo nordestino faz que eles vivam em condições subumanas, como bichos e não como seres humanos, trazendo como marcas identitárias a marginalização, a exclusão da sociedade civilizada.

Essa forma de tratar o nordestino como bicho vem marcada também pelo uso do verbo “farejar”, no TP, muito empregado para descrever ações de animais irracionais. O emprego desse verbo faz que Olímpico e Macabéa sejam postos mais a margem ainda, pois gera o efeito de sentido de que eles agiam como bichos, caracterizando-se como pessoas sem classe; já no TC a carga semântica negativa foi amenizada pelo emprego do verbo “adivinar” que significa, de acordo com o DRAE (1992, p. 43),

(Del lat. *addvināre*) tr. Predecir lo futuro o descubrir las cosas ocultas, por medio de agüeros o sortilegios. // 2. Descubrir por conjeturas alguna cosa oculta o ignorada. // 3, Tratándose de un enigma, acertar lo que quiere decir. //4. Acertar algo por azar. // 5. Vislumbrar, distinguir. A lo lejos Adivinó la silueta del castillo. Ú.T.c. prnl.

Em R15 (TP) e (TC) é perceptível a visão preconceituosa que se tem do povo nordestino, a partir da imagem inferior e de segunda classe que a novela mobiliza.

Em R16 (TP) e (TC) observamos mais uma vez a identificação de Macabéa com um bicho, já que se afirma que ela tinha “aparência assexuada”, além disso, nesse excerto, chamamos atenção o discurso sobre sexo e sobre culpa.

HE R16- Quando dormia quase que sonhava que a tia lhe batia na cabeça. Ou **sonhava estranhamente em sexo, ela que de aparência era assexuada**. Quando acordava se sentia culpada sem saber por quê, talvez **porque o que é bom devia ser proibido**. **Culpada** e contente. Por via de dúvidas se sentia de propósito culpada e rezava mecanicamente três ave-marias, amém, amém, amém. Rezava mas sem Deus, ela não sabia quem era Ele e portanto Ele não existia. (LISPECTOR, 1998, p. 34)

HEL R16 - Cuando dormía, casi soñaba que la tía le daba golpes en la cabeza. O de modo extraño **soñaba cosas de sexo, ella, que tenía una apariencia asexuada**. Al despertar se sentía culpable sin saber por qué, tal vez porque lo que es bueno debe estar prohibido. Culpable y contenta. Por si acaso se sentía culpable aposta y rezaba mecánicamente tres avemarias, amén, amén, amén, amén. Rezaba pero sin Dios, no sabía quien era Él y por lo tanto Él no existía. (LISPECTOR, 2007, p. 34)

Em R16 (TP) e (TC), o discurso sobre a culpa, associado à prática ou ao pensamento sobre sexo, nos conduz às considerações feitas por Foucault (1977) acerca das técnicas para o bom adestramento que levavam a docilização de corpos e mentes. Na sociedade conservadora falar ou pensar em sexo, sobretudo quando se tratava de uma mulher, era algo visto como um pecado, e essa ideia já estava cristalizada na memória coletiva. Para a remissão dos pecados era necessário cumprir determinadas penitências. Essa discursivização sobre a culpa e sobre a oração se inscreve numa formação discursiva religiosa.

Na época em que a obra foi escrita, década de 1970, ainda havia um forte conservadorismo em relação às práticas sociais. A questão do pecado e da proibição/repressão que está normalizada na sociedade conservadora, se manifesta nas passagens do TP e do TC: “[...] porque o que é bom devia ser proibido” e “porque lo que es bueno debe estar prohibido”. O verbo “devia”, usado no Pretérito Imperfeito do Indicativo, segundo Terra (1996, p. 145), “exprime um processo anterior ao momento em que se fala, mas não o toma como concluído, acabado, revelando-o em seu curso, em sua duração”. Além disso, vale mencionar que Macabéa se sentia culpada por sonhar com sexo e para se redimir rezava mecanicamente. Foucault (1988, p. 139), em relação ao discurso da culpa e da sexualidade, asseverava que isso era um “conjunto dos efeitos produzidos nos corpos, nos comportamentos, nas relações sociais, por um certo dispositivo pertencente a uma tecnologia política complexa [...]”. Essa definição de Foucault é pertinente à análise e compreensão desse excerto porque nos auxilia a entender os mecanismos de controle utilizados na sociedade e amplamente exemplificado nos estudos desse filósofo-historiador.

No TC, por sua vez, a tradutora empregou o verbo “deber” no Presente do indicativo, aparecendo com força de afirmação, certeza, já que em espanhol a construção “deber de” é que expressaria suposição. Segundo Fanjul (2005, p. 160), o emprego do verbo “deber” mais outro verbo no infinitivo expressa: “Obligación o recomendación de manera personal (alguien “debe” o “tiene que” hacer algo)³². Já no TP, conforme comentamos, o verbo aparece no Pretérito imperfeito expressando continuidade, frequência.

Nesse contexto, a configuração ideológica de Macabéa sobre o pecado e o proibido que permeia sua prática discursiva faz que apareça entre suas identidades a imagem de uma mulher conservadora. Vale ressaltar que ainda que não se apresentem de forma explícita, as formações ideológicas se manifestam nessa discursividade, já que, de acordo com Pêcheux

³²“Obrigação ou recomendação de maneira pessoal (alguém deve ou tem que fazer algo)” (tradução nossa).

(1988, p. 144), “[...] as ideologias não são feitas de ‘idéias’ mas de práticas”. Foucault (1977), ao realizar um estudo sobre os contornos do direito penal, aborda também as estratégias para o bom adestramento e a “vigilância hierárquica” que consistem em procedimentos que levavam além da “vigilância hierárquica”, “a sanção normalizadora” e ao exame, tudo visando a tornar corpos e mentes dóceis. Esses procedimentos, dos quais Foucault tratava, configuram sobretudo a ideologia preconizada na sociedade conservadora, cujas práticas e ideologia cristalizadas nessa sociedade permanecem até os dias atuais.

Na passagem inicial de R16 (TP) e de R16 (TC) respectivamente: “Quando dormia quase que sonhava que a tia lhe batia na cabeça” e “Cuando dormía, casi soñaba que la tía le daba golpes en la cabeza”, os verbos “sonhar” e “dormir” , em português, e “soñar” e “dormir”, em espanhol, aparecem no Pretérito imperfeito do indicativo dando a ideia de continuidade, frequência (“sonhava”, “dormia”). A violência que Macabéa sofria da tia marcou sua vida para sempre e, nem mesmo durante o sono, ela podia descansar tranquila pois o trauma a perseguia. Nesse contexto, segundo Peixoto (2004, p. 192),

[...] com a franqueza rude da caricatura, Lispector deixa claro que Macabéa é vitimada por tudo e por todos: a tia bruta vergou-lhe a espinha, a pobreza lhe debilita o corpo, o namorado a insulta; ao mesmo tempo o patriarcado lhe neutraliza a sensualidade e estereótipos estrangeiros de beleza a induzem como a outras, a desprezar a própria aparência. Macabéa é violentada não por um homem, mas por uma multidão de forças sociais e culturais que conspiram para usá-la cruelmente em benefício de outros.

Assim, mais uma vez o sofrimento, a exclusão, a opressão marcam o processo identitário de Macabéa.

Nos excertos R17 (TP) e (TC), temos um outro exemplo da relação que Macabéa estabelecia com as ofertas do mundo capitalista.

HE R17- **E tinha um luxo**, além de **uma vez por mês ir ao cinema**: pintava de **vermelho grosseiramente escarlata** as unhas das mãos, mas como **as roia quase até o sabugo o vermelho berrante** era logo **desgastado** e via-se o **sujo preto** por baixo. (LISPECTOR, 1998, p. 36)

HEL R17- **Se permitía un lujo**, además de **ir al cine una vez al mes**: se pintaba de un **rojo escarlata grosero** las uñas. pero como **se las comía casi hasta la raíz, el rojo chillón** desaparecía en seguida y empezaba a verse **la línea negra** que había debajo. (LISPECTOR, 2007, p. 35)

Tanto em R17 (TP) quanto em R17 (TC), constatamos que Macabéa não era uma pessoa alienada à cultura, pois ia ao cinema e foi, por meio das telas do cinema, que conheceu

as atrizes Marilyn Monroe e Greta Garbo. Como já mencionamos, nessa interação com o cinema, ela construiu o sonho de ser parecida com Marilyn. Isso porque tinha o prazer de ir ao cinema pelo menos uma vez ao mês, gostava de “cinema poeira” e admirava as artistas hollywoodianas que a conectavam de certa forma a um mundo que não o seu. Segundo Nolasco (2007, p. 93), “um outro mundo que ela jamais poderia possuir a não ser através do seu desejo de consumo”.

Lembramos que a cor de esmalte usada por Macabéa era a vermelha, assim como a usada por Marilyn Monroe, que era a fonte de inspiração da protagonista. No entanto, os hábitos higiênicos precários da protagonista são, especialmente, postos em destaque ao longo da novela, e aparecem nas passagens transcritas de R17 (TP) e (TC). Nessa relação, chamamos atenção os itens lexicais “sujo preto” e “línea negra”, a saber: “[...] mas como as roía até o sabugo o vermelho berrante era logo desgastado e via-se o sujo preto por baixo” e “[...] pero como se las comía casi hasta la raíz, el rojo chillón desaparecía en seguida y empezaba a verse la línea negra que había por debajo”. Observamos que o vocábulo “sujo” foi traduzido por “línea negra” e não por “sucio”, “mugriento” que seriam outras possibilidades, fato que faz que a carga semântica negativa seja mais intensa no TP.

Vale mencionar os operadores argumentativos usados no TP e no TC, “mas” e “pero”, classificados respectivamente como: conjunção coordenativa adversativa, cuja função é estabelecer oposição, contraste, e *coordinante de oposición*, cuja função o próprio nome já diz. Assim, apesar de Macabéa pintar as unhas de vermelho, na tentativa de imitar Marilyn Monroe, o esmalte não durava muito em suas unhas, pois além de tudo ela as roía. No TP temos: “o vermelho berrante era logo desgastado”; e no TC “el rojo chillón desaparecía en seguida” Segundo Silveira Bueno (1996, p. 201), “desgastar. v.t. gastar; consumir; incomodar; chatear”; Já o vocábulo “desaparecer”, de acordo com o DRAE (1992, p. 692), (De des y aparecer.) tr. Ocultar, quitar de la vista con presteza una persona o cosa. Ú.t.c. prnl. Y. c. intr. // 2. Dejar de existir personas o cosas”. Assim, o efeito de sentido articulado no TP nos faz compreender que o esmalte em suas mãos se desgastava, perdia o brilho; já no TC, ele sumia mesmo. O “roer as unhas” torna-se significativo para nossa análise, pois a protagonista muitas vezes passava fome e podemos pensar que em momentos de bastante fome roía as unhas, num gesto de angústia e/ou de ansiedade diante da miséria.

Ao analisarmos a parte inicial do TP e do TC, verificamos que há um afastamento entre eles, já que o primeiro começa com uma conjunção coordenativa aditiva “e”, “E tinha um luxo”. Segundo Bechara (2000, p. 320),

A aditiva apenas indica que as unidades que une (palavras, grupos de palavras e orações) estão marcadas por uma relação de adição. Temos dois conectores aditivos: e (para a adição das unidades positivas) [...]. Algumas vezes “e” aparece depois de pausa, introduzindo grupos unitários e orações, são unidades enfáticas com função textual que extrapolam as relações internas da oração e constituem unidades textuais de situação.

Consideramos que o “e” em questão se enquadre nesse segundo uso da conjunção. Ao passo que, no TC, a tradutora utilizou o verbo “permitir” em sua forma pronominal “permitirse”. Segundo o DRAE (1992, p. 1579), “(Del lat. *permittere*) [...] 6. Prnl. Tener los medios o tomarse una persona la libertad de hacer o decir algo”. O efeito de sentido articulado no TC afasta-se do exposto no TP, pois na versão em espanhol o fato de Macabéa tomar a liberdade de fazer algo faz que sua representação social seja, nesse caso, a da mulher moderna. Tanto no TP quanto no TC, os verbos “ter” e “permitirse” foram utilizados no Pretérito imperfeito do indicativo, tempo verbal que, de acordo com Lapa (1998, p.189), é o tempo da simpatia:

Foram os escritores modernos que descobriram os recursos expressivos desta forma verbal, tão própria para o descritivo e para a narração. Os poetas e romancistas não são como os historiadores: encaram o passado como se fosse presente e tendem a viver nele com as forças da imaginação e do sentimento. Não são obrigados a uma rigorosa objetividade. De aí, a predileção pelo “eterno imperfeito”, como lhe chamaram. Dir-se-á: se usar o imperfeito é viver no passado, por um esforço de simpatia, pode substituir-se naturalmente pelo presente histórico, ao qual está reservado o mesmo papel.

A discursividade sobre as atitudes de Macabéa, de trabalhar, ir ao cinema e pintar as unhas de vermelho como as atrizes famosas, traz para sua constituição identitária a imagem da mulher moderna em oposição aos traços identitários da mulher conservadora que ora perpassam sua constituição identitária como, por exemplo, quando ela faz questão de (re)afirmar sua virgindade. O perfil da mulher moderna remete ao movimento feminista que, na década de setenta, período em que a novela foi escrita, era alardeado. Shaffer (2010, p. 6)

assevera que esse movimento se intensificava cada vez mais e intensificava também a redefinição do gênero feminino em oposição ao sistema patriarcal.

Chama-nos atenção também o uso, no TP, do advérbio de modo “grosseiramente” para demonstrar que o esmalte vermelho de Macabéa não era o refinado usado pelas grandes atrizes. No TC, também, há esse mesmo efeito de sentido mobilizado pelo emprego do adjetivo “grosero”. A deselegância e os modos rudes constituem outros traços identitários da personagem.

Em R18 (TP) e (TC), constatamos que Macabéa, acostumada à fome, à pobreza pelas quais passam os retirantes nordestinos, se chocou ao ver tanta fartura na mesa de Glória, já que para ela “isso era coisa de gente rica”:

HE R18- E - **Iá** (pequena explosão) Macabéa arregalou os olhos. É que na suja desordem de uma terceira classe de burguesia havia no entanto o morno conforto de quem gasta todo o dinheiro em comida, no subúrbio comia-se muito[...] Isto é, **um farto copo de grosso chocolate de verdade misturado com leite e muitas espécies de roscas açucaradas**, sem falar num **pequeno bolo**. Macabéa enquanto Glória saía da sala **roubou escondido um biscoito. Depois pediu perdão ao Ser abstrato que dava e tirava. Sentiu-se perdoada. O Ser perdoava tudo.** (LISPECTOR, 1998, p. 66)

HEL R18- **Allí** (pequeña explosión) a Macabéa le estallaron los ojos. Porque en el desorden sucio de una clase media de tercera, con todos, se advertía el bienestar opaco de quien gasta todo el dinero en comida, en el suburbio se comía mucho [...]. Que eran **una gran taza de chocolate de verdad, espeso, mezclado con leche y muchas clases distintas de rosquillas azucaradas**, sin hablar de **una pequeña torta**. Macabéa, mientras Gloria salía del salón, **se guardó a escondidas una galleta. Después pidió perdón al SER abstrato que daba y quitaba. Se sintió perdonada. El Ser le perdonaba todo.** (LISPECTOR, 2007, p. 63)

Nos excertos R18 (TP) e (TC), atentamos, primeiramente, para a tradução do item lexical “copo” por “taza”, em que a tradutora, ao invés de usar o vocábulo “vaso” para traduzir copo, preferiu usar o vocábulo “taza” que em português significa “xícara”. Pensamos que isso se deva a uma questão de diferença de costumes, pois, no Brasil, é mais comum, entre as pessoas simples, tomar leite em copo, ao passo que em outros países é mais usual tomar leite em xícara.

Tanto no TP quanto no TC é perceptível a fascinação de Macabéa perante tanta fartura; esse “choque” que a protagonista sente ao ver o contraste entre sua situação de miséria e a situação de fartura na casa da amiga, a conduz mais uma vez para a margem, para a exclusão do grupo chamado por ela de “burguês”.

Vale atentar também para os verbos “roubar” no TP e “guardar” no TC que provocam efeitos de sentido diferentes, já que o primeiro possui uma carga semântica negativa. Segundo Silveira Bueno (1996, p. 584), “roubar .v.t. Despojar de dinheiro ou valores; furtar, apropriar-se fraudulentamente, raptar; assaltar; trapacear; tomar furtivamente ou por violência. Int. praticar roubos; proceder como ladrão”; já “guardar” de acordo com o DRAE (1992, p. 1067),

(De guarda.) Tr. Tener cuidado de una cosa , vigilarla y defenderla. Guardar un campo, una viña, ganado, un rebaño. // 2. Poner una cosa donde esté segura. Guardar dinero, joyas, vestidos, etc. // 3. Observar o cumplir aquello a lo que está obligado. Guardar la ley, la palabra, el secreto.// 4. Conservar o retener una cosa. // 5. No gastar, ser tacaño. // 6. Preservar una cosa del daño que Le puede sobrevenir. // 7. Ant. Dar, esperar.// 8. ant. Impedir, evitar.// 9. ant. Atender o mirar lo que otro hace. //10.ant. Acatar, respetar, tener miramiento. //11. Fig. Mantener, observar. Guardar silencio [...].

Dessa forma, no TC o efeito de sentido negativo em relação à ação de Macabéa é amenizado em decorrência do emprego do verbo “guardar”, pois, no TP, “roubar” configura a ação de uma pessoa que rouba e age de má fé.

Nas passagens finais do TP, “Depois pediu perdão ao Ser abstrato que dava e tirava. Sentiu-se perdoada. O Ser perdoava tudo”, e do TC “Después pidió perdón al SER abstracto que daba y quitaba. Se sintió perdonada. El Ser le perdonaba todo”, identificamos o discurso sobre o perdão divino que se inscreve em uma formação discursiva religiosa. Além disso, há a questão do arrependimento que conduz Macabéa a pedir perdão a Deus e que lhe confere como marca identitária o conservadorismo que era imposto às mulheres pelos preceitos da sociedade patriarcal, que pregava junto à igreja a necessidade de remissão dos pecados.

O tipo de comportamento e postura que eram impostos e que condenavam de certa forma aquelas mulheres que não se enquadravam nesses padrões, nos remetem mais uma vez ao pensamento de Foucault (1977) sobre as ações de vigiar e punir, bem como as técnicas para o bom adestramento que configuram mentes e corpos dóceis, obedientes, como dispositivos de controle e disciplina.

Em R19 (TP) e (TC), vislumbramos a carência da protagonista que quando recebia um tratamento carinhoso demonstrava certo estranhamento ao gesto de afeto.

HE R19 - Macabéa sentou-se um pouco assustada porque **faltavam-lhe antecedentes de tanto carinho**. E bebeu, **com cuidado pela própria frágil vida**, o café frio e quase sem açúcar. Enquanto

isso olhava com admiração e respeito a sala onde estava. **Lá tudo era de luxo.** Matéria plástica amarela nas poltronas e sofás. E até flores de plástico. **Plástico era o máximo.** Estava boquiaberta. (LISPECTOR, 1998, p. 72)

HEL R19 - Macabéa se sentó un poco asustada porque **no tenía costumbre de recibir tanto cariño.** Y bebió, **con cuidado de su propia vida frágil,** el café frío y casi sin azúcar. Mientras tanto, miraba con admiración y respeto la sala en que se encontraba. **Allí todo era de lujo.** Plástico amarillo en las butacas y sofás. Y también flores de plástico. **El plástico era lo máximo.** Estaba boquiabierta. (LISPECTOR, 2007, p. 68)

Em R19 constatamos, na passagem inicial, um afastamento entre o TP e o TC provocado pelo efeito de sentido articulado nos trechos “faltavam-lhe antecedentes de tanto carinho” e “no tenía costumbre de recibir tanto cariño”. O item lexical “antecedentes” revela que Macabéa não tinha recordações de ter recebido carinho alguma vez na vida; no TC, o vocábulo “costumbre” revela que a protagonista demonstrou estranhamento porque receber carinho não era algo habitual em sua vida. De qualquer forma, o fato de ser carente de afeto marca as identidades de Macabéa.

Também os advérbios de lugar são marcadores da situação de exclusão em que se encontrava Macabéa. Os advérbios “Lá” e “Allí” marcam o lugar em que a protagonista se encontra, opondo-o a seu lugar de origem, afinal o “lá” difere do “cá”, pois engendra uma sofisticação que não existe nem no sertão, nem na casa onde ela vivia no Rio de Janeiro.

Vale analisar, também, as passagens do TP e do TC, em que temos: “Plástico era o máximo” e “El Plástico era lo máximo”, nas quais vislumbramos o DIL, assinalando a concepção que Macabéa tinha das coisas de plástico que, para ela, tinham grande valor. Constatamos que, no TP, o item lexical “plástico” não vem antecedido do artigo masculino determinado como ocorre no TC. Nesse contexto, segundo Lapa (1998, p. 102-103),

[...] podemos de um modo geral dizer que o substantivo precedido do artigo definido se refere à coisa, ao objeto em si, considerado individualmente ou genericamente, como concreto ou como abstrato. Sem artigo, alude antes a idéia que formamos do objeto, à qualidade que lhe atribuímos.

Dado o exposto, no TC, em decorrência do uso do artigo, o valor atribuído ao plástico por Macabéa aparece reforçado em relação ao TP.

Ainda, no TP e no TC chamam-nos atenção as passagens: “com cuidado pela própria frágil vida” e “con cuidado de su propia vida frágil”. O discurso sobre a fragilidade de

Macabéa nos faz refletir sobre a origem da protagonista, o sertão nordestino, lugar no qual muitas pessoas vivem na miséria e por isso têm a saúde muito frágil. Assim, a fragilidade física constitui mais uma marca identitária da protagonista.

Em R20 (TP) e (TC), observamos que Macabéa é estimulada a pensar sobre seu futuro e a ter esperança.

HE R20 - Macabéa ficou um pouco aturdida sem saber se atravessaria a rua, pois sua vida já estava mudada. **E mudada por palavras- desde Moisés se sabe que a palavra é divina.** Até para atravessar a rua ela já era outra pessoa. **Uma pessoa grávida de futuro [...] Se ela não era mais ela mesma, isso significava uma perda que valia por um ganho.** Assim como havia sentença de morte, a cartomante lhe decretara **sentença de vida.** (LISPECTOR, 1998, p. 79)

HEL R 20 - Macabéa permaneció quieta y aturdida, sin saber si atravesaría la calle, pues su vida ya había cambiado. **Y había cambiado por las palabras: desde los tiempos de Moisés se sabe que la palabra es divina.** Aun para atravesar la calle era ya otra persona. **Una persona grávida de futuro [...] Si ella ya no era ella misma, eso constituía una pérdida que era una ganancia.** Así como existía la sentencia de muerte, la cartomante le había dictado **sentencia de vida.** (LISPECTOR, 2007, p. 74-75)

Em R20 (TP) e (TC), nos trechos: “E mudada por palavras - desde Moisés se sabe que a palavra é divina” e “Y había cambiado por las palabras: desde los tiempos de Moisés se sabe que la palabra es divina”, estabelece-se uma relação interdiscursiva com o discurso religioso acerca da palavra que “não parece ser tão divina assim”. Para nós, há certa ironia nessa passagem, já que, segundo Fiorin (2008, p. 43), “Não é à toa que o criador desconfiava da palavra, como demonstrou no episódio da torre de Babel, pois com ela os homens o desafiariam, seriam tão poderosos quanto ele”. De fato, para Macabéa a palavra foi enganosa, já que nada do que foi previsto pela cartomante aconteceu. Dessa forma, retomamos o discurso cristão que apregoa que nenhum homem deve hostilizar ou querer ser superior ao criador, o que nos leva a “desconfiar da palavra”.

É relevante no TP e no TC analisarmos o item lexical “grávida” que se relaciona ao campo semântico de vida e é significativo para nossa análise pelo fato de assinalar um momento da vida da protagonista no qual há uma mudança de perspectiva, pois ela, que antes não demonstrava ter esperança, agora se comparava a uma mulher grávida, esperando não um bebê, mas sim um futuro promissor que lhe ofereceria vida nova.

Essa vida nova traria mudanças inclusive no seu modo de ser. Tal questão é pertinente a partir da veiculação da ironia nas passagens do TP e do TC “Se ela não era mais ela mesma,

isso significava uma perda que valia por um ganho” e “Si ella ya no era ella misma, eso constituía una pérdida que era una ganancia” que intensificam a desvalorização da personagem, já que nos parece que Macabéa era tão insignificante que deixar de ser ela mesma, mudar, constituía algo vantajoso em sua vida. A respeito da ironia, Maingueneau (1997, p.98) afirma que “a ironia subverte a fronteira entre o que é assumido e o que não é pelo locutor. Enquanto a negação pura e simplesmente rejeita um enunciado, utilizando um operador explícito, a ironia possui a propriedade de poder rejeitar, sem passar por um operador desta natureza”.

Vale dizer aqui que esse último recorte analisado é muito significativo para o fechamento da análise proposta nesta dissertação, pois ilustra um posicionamento diferente da protagonista que, antes de passar pela experiência de ir a uma cartomante, não demonstrava interesse pelo futuro, mas que agora se tornara uma “pessoa grávida de futuro”. Nesse excerto merece reflexão o fato de a cartomante emitir uma “sentença de vida”, no TP, na passagem, “Assim como havia sentença de morte, a cartomante lhe decretara sentença de vida” e “sentencia de vida”, no TC, na passagem: “Así como existía la sentencia de muerte, la cartomante le había dictado sentencia de vida”, que traz à memória o discurso cristalizado de que somente Deus tem o poder de dar e de tirar a vida. Nesse sentido, há uma interdiscursividade com a Bíblia, pois a cartomante aparece ocupando o lugar que teoricamente pertenceria a Deus, da onipresença e da onisciência. Essa inversão de papéis assinala uma carnavalização. Guerra (2008, p.21), com base nos estudos de Bakhtin (1987), assevera que a carnavalização é “aquilo que se inverte, que desloca e que provoca tensão entre os mundos oficial e popular”. Ao considerarmos que somente Deus, segundo as convenções religiosas, pode dar sentença de vida ou de morte, a atitude da cartomante é caracterizada por uma inversão de valores e papéis que configuram a carnavalização e que marcam esse discurso cultural por uma forte presença da formação discursiva judia.

Segundo Nolasco (2006, p. 119), a travessia da emigrante -retirante Macabéa marca a travessia bíblica dos Macabeus (judeus). Para nós, essa marca identitária de nômade e retirante vem corroborar a imagem sincrética de Macabéa e da mulher nordestina, que emergem desse discurso literário. Isso porque as culturas nacional e estrangeira, os diálogos com o texto bíblico, as crenças, a cultura de massa, configuram a cultura desse país multiétnico e multicultural que é o Brasil, flagrado no universo clariciano (p. 129).

Diante do analisado, podemos afirmar que se manifesta, na interpretação que se faz tradução – seja ela escrita ou oral, pensada, refletida, trabalhada, ou espontânea, simultânea, consecutiva – a marca igualmente identitária de uma constituição híbrida, cultural e linguística, porque, inevitavelmente, o tradutor se encontra entre-línguas-culturas, como afirmam Derrida (1998) e Coracini (2007). Assim, traduzir e/ou falar-compreender mais de uma língua não significa simplesmente ora estar numa ora estar noutra língua, transpor o texto de uma língua para outra como se, estando numa das margens de um rio (ou de uma ponte), pudéssemos simplesmente atravessá-lo e fincar-nos do outro lado (onde se encontraria a outra língua), segundo Arrojo (1996). Não há como separar uma língua de chegada e outra de partida como pólos opostos e estanques, pois traduzir é, de certa forma, acolher o outro em sua própria língua e, nesse contato, naturalmente, dá-se a contaminação: nenhuma das línguas pode escapar imaculada.

Terminamos este capítulo na convicção de que o foco deste estudo não contemplou uma análise exaustiva dos dados e tampouco esgotou as possibilidades de interpretação - tradução das discursividades investigadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como objetivo estudar, por meio de alguns recortes, o discurso literário de Clarice Lispector em *A hora da estrela* e em *La hora de la estrella*, esta investigação nos levou, entre outras coisas, a problematizar a constituição identitária de Macabéa, protagonista da novela. Para tanto, recorreremos a algumas noções advindas dos Estudos Culturais e dos Estudos da Tradução, bem como aos pressupostos teóricos da Análise do Discurso de origem francesa.

Percorremos o caminho traçado pela autora, desde sua infância até sua morte e buscamos entender as características do contexto sócio-histórico-ideológico no qual a novela foi escrita, a fim de compreender suas Condições de Produção. Sabemos que assim como a protagonista Macabéa, Clarice Lispector também viveu no nordeste do país, enfrentou a pobreza e mudou para a cidade do Rio de Janeiro. Lispector fala de um lugar que lhe dá autoridade para pronunciar-se, para questionar, pois ela não fala do desconhecido, fala do vivido, por isso, parece-nos que os traços biográficos de Lispector, a partir de Rodrigo, narrador criado pela escritora que, curiosamente, era nordestino também, e de Macabéa se entrecruzam. Conforme Nolasco (2007), a biografia da autora vai tecendo as biografias de Rodrigo S.M e de Macabéa, ao longo da história. Muitas são as “coincidências”: os três moraram no nordeste e mudaram para a cidade grande; Lispector e Rodrigo captaram o olhar perdido do nordestino numa rua do Rio de Janeiro.

No tocante à área da tradução, ao analisarmos os recortes do TP e do TC, constatamos aspectos de afastamento e de aproximação que nos auxiliaram a analisar a constituição identitária da personagem, sempre considerando os aspectos de subjetivação mobilizados nos dois textos, as relações de poder que perpassam o mundo que já via os reflexos do processo de globalização, do qual a sociedade capitalista da década de 1970 fazia parte. Nessa perspectiva, na análise da construção identitária de Macabéa, pudemos observar, pela ótica discursiva e culturalista, que se apoia numa teoria de produção de identidade e diferença, as relações de poder e a exclusão que perpassam o discurso da personagem e da autora, por meio da voz masculina de Rodrigo S. M., na busca de marcas ideológicas.

Vale refletir aqui que, enquanto, em alguns casos, a tradução ajuda a projetar uma literatura que, aos poucos, porém solidamente, vai se estruturando, como foi / é o caso da

literatura feminina contemporânea clariciana, a tradução contribui, também, de forma marcante para, uma mais rápida revisão do cânone no país de origem das autoras. Este trabalho busca contribuir com este tipo de abordagem para ampliar a discussão de temas cada vez mais recorrentes na cultura e na literatura. O que fica, portanto, é a noção de que parece ser necessário colocar em pauta, a perspectiva de tradução, não como um recurso didático retrógrado e prejudicial, como ainda querem alguns, mas, sim, mostrar que o que está ultrapassado, na verdade, é o próprio conceito de tradução, a fim de que ela possa vir a ocupar o espaço de importância irrefutável que lhe vem sendo reivindicado, no atual momento histórico do ensino-aprendizagem de línguas, por vários outros estudiosos. A partir dos resultados desta pesquisa pudemos ainda perceber a importância da tradução como uma atividade benéfica ao seu aprendizado da língua-alvo e que a ela recorrem como uma estratégia de compreensão e apreensão dessa língua.

Dentro do mundo globalizado, a velocidade de chegada e o volume de troca de informações que ocorrem a cada dia fazem que as redes de informação transnacionais e a circulação mundial de informações, em um nível jamais visto anteriormente na História, sejam traços constituintes da pós-modernidade global. Estratégias discursivas que enfatizam a velocidade da comunicação são hoje lugares-comuns, no entanto elas tendem a tornar obscuras e mascarar as reais relações de produção e de comunicação da informação. Cabe sempre lembrar que a informação global se dá em um mundo que é caracterizado pela diversidade social linguística. A tradução, neste ponto, é um fator crucial, que age como pré-condição para a circulação transnacional de textos e ainda para a formação da natureza da comunicação intercultural. Com a consolidação das redes de informação globais, a importância e o significado da tradução aumentaram significativamente, no entanto, seu papel tem sido bastante negligenciado, assim como a negociação da diferença linguística ignorada.

Este estudo nos levou a refletir sobre a importância de uma tradução cultural que possibilite uma comunicação intercultural. Observamos que Poljak demonstrou preocupação com a questão cultural tanto nos momentos em que manteve determinados itens lexicais em português quanto nos momentos em que buscou em língua espanhola uma palavra ou expressão que promovesse a aproximação entre TP e TC. Pareceu-nos que quando ocorreu o afastamento entre o TP e o TC, emergiram marcas subjetivas da tradutora, entre as quais a que mais nos chamou atenção apareceu no excerto R4, no qual a autora considerava os lábios de Marylin “esquisitos” e a tradutora os considerava “bonitos”.

Constatamos que não é fácil delimitar o conceito de tradução, já que cada vez que se articula um discurso, uma nova enunciação se forma. Assim, o texto traduzido res(significa). Quanto à tarefa do tradutor, certamente é difícil, sobretudo quando se trata de um texto como o de Clarice Lispector no qual ela, autora mulher, considerando as ideologias que perpassavam a sociedade patriarcal, conservadora da década de 1970, passa a palavra a um narrador masculino e surpreende a todos que não acreditavam na capacidade feminina de empreender uma crítica de forma rígida sem se lastimar pelos acontecimentos desagradáveis.

Na análise das representações, observamos como a exclusão e as relações de poder perpassam os discursos da/sobre a personagem Macabéa, considerando que o viés seguido pela AD francesa é o de uma teoria sobre a produção de identidade e da diferença marcadas pela busca das marcas ideológicas. Esta pesquisa nos leva a pensar sobre essas questões, sobre o papel da tradução como estratégia primária da representação cultural no mundo globalizado de hoje, abordando, a partir daí, questões como a imagem do outro, por meio dos Estudos da Tradução e dos Estudos Culturais; a hegemonia cultural e a globalização; a tradução e a perda ou a emergência de cânones literários; a diversidade cultural e as ditas minorias. Hoje, no caso das narrativas claricianas, diferentes pontos de reflexão se apresentam, seja pela interseção, seja pelo distanciamento.

Vale mencionar que na época em que a novela foi escrita, década de 70, o feminismo estava em ascensão, porém, apesar dos esforços feministas, mulheres como Macabéa, subalternas, não se manifestavam, careciam de um representante. No caso de Macabéa era Rodrigo S.M.

Na análise empreendida, pudemos identificar as representações de Macabéa, as FDs que perpassam o discurso de/sobre Macabéa e a imagens da personagem. Em todos os recortes analisados emerge a imagem de Macabéa ligada à exclusão social, como marginalizada e subalterna. Nos recortes 1, 13, 17 e 18, o interdiscurso da fome, da seca, da exclusão fez emergir a representação do nordestino/Macabéa como miserável, subalterno, excluído. Já nos recortes 2, 3, 4, 5 e 17, as FDs da mídia e a capitalista marcaram o processo identitário de Macabéa demonstrando a influência da moda disseminada na sociedade consumista da época. Essas FDs nos auxiliaram a visualizar a “anticondição social” de Macabéa.

Nos recortes 9, 10, 11 e 16, o discurso sobre a virgindade confere a Macabéa uma imagem de mulher conservadora. Também há marcas da exclusão, sobretudo no que concerne à questão da beleza, pois a feiúra de Macabéa faz que ela não se enquadre nos padrões de beleza da sociedade capitalista. Vale mencionar, também, a insignificância de Macabéa que é destacada nos recortes 6 e 12. Nessa materialidade linguística, ressaltamos as marcas da subalternidade, da exclusão social e da forma de tratamento que Macabéa recebia, semelhante ao de uma máquina.

Nos recortes 7 e 8, ressaltamos as FDs do trabalho e a imagem identitária da personagem como incompetente, humilde, suja, excluída, subalterna e marginalizada. Já no recorte 19, destacamos a carência da personagem que constitui um de seus traços mais acentuados, assim como sua fragilidade física. No recorte 20, ressaltamos a FD judia, a insignificância da personagem e sua mudança de perspectiva: embora continue retirante e viva na diáspora, porque não pertence àquele mundo, ela consegue ter esperança.

Da análise realizada, verificamos que, na identificação de Macabéa, destacam-se como marcas subjetivas no discurso a questão da virgindade, a profissão de datilógrafa, a ignorância e a insignificância aos olhos da sociedade da época. Além disso, a busca de identificação com os ícones simbólicos transnacionais como, por exemplo, a Coca-Cola, o McDonald e Marilyn Monroe também constituem traços identitários da personagem.

Além disso, conforme propusemos no início deste estudo, ao refletirmos sobre o papel do intelectual, constatamos a importância que esse estudioso tem para a nossa compreensão da sociedade. Analisando a postura de Clarice Lispector, vemos que ela surpreende por expor sem disfarces um panorama da sociedade da década de 1970, focalizando a situação do migrante nordestino na cidade grande, tendo como foco Macabéa, representante de tantas outras mulheres nordestinas que têm suas identidades marcadas pela exclusão, subalternidade, miséria, imposição machista, conservadorismo, marginalização, entre outras.

Vimos que Lispector conseguiu demonstrar um olhar bastante detalhado do percurso de vida de Macabéa. Isso pode estar relacionado ao fato de ela já ter vivido algum tempo no nordeste do Brasil e, assim como a protagonista, também ter enfrentado a miséria e ter se mudado para o Rio de Janeiro. Quando Lispector expõe a vida e o sofrimento de Macabéa, está concomitantemente expondo a trajetória de humilhação de outros nordestinos que, em

busca de uma vida melhor, migram para as grandes capitais e sofrem em decorrência do preconceito e da humilhação recorrentes.

Confirmamos, assim, nossa hipótese de pesquisa de que o discurso de Lispector é polêmico, já que pudemos verificar que, em uma época em que a sociedade ainda sofria sob o agravante da ditadura e demonstrava ser fortemente influenciada por uma visão machista que almejava manter as mulheres submissas ao comportamento considerado adequado pela sociedade patriarcal, Lispector, ao longo dessa novela, não se intimida perante essa situação e, de forma irônica, põe na boca de seu narrador masculino (que lhe serviu como uma máscara perante a sociedade) toda crítica engendrada pela intelectual mulher. Essa atitude que conseguiu chocar a todos, especialmente a partir da apresentação de Macabéa (a retirante nordestina) serviu como forma de representação de tantos outros nordestinos em situação semelhante a sua. Sua crítica expõe, assim, a situação do nordestino, ora valendo-se de um discurso sem nenhum enfeite, ora valendo-se de um discurso irônico, mas sobretudo polêmico, por entender que por trás de todo discurso sobre Macabéa havia, na verdade, outra mulher que não poupou palavras rigorosas ao longo da novela.

Vale dizer que a escritura polêmica de uma autora mulher na boca de um narrador masculino ironiza, zomba da sociedade, que ainda era fortemente machista nos anos de 1970, ao apresentar Macabéa, a protagonista, sem “embelezar” os acontecimentos, demonstrando uma criticidade feminina em relação à situação precária da mulher nordestina na cidade grande que, assim como o tradutor, se encontra entre-línguas e entre-culturas, lugares onde as marcas do estrangeiro e do outro (que nos constituem) emergem. Para Coracini, “o que somos e o que pensamos ver estão carregados do dizer alheio, dizer que nos precede ou que precede nossa consciência e que herdamos, [...] de nossos antepassados ou daqueles que parecem não deixar rastros” (2007, p. 59). Portanto, o que somos e o que vemos está carregado do que ficou silenciado, abafado na memória discursiva, como um saber anônimo, esquecido, perpassado pelo olhar do outro.

Nessa perspectiva, a literatura contemporânea, em especial a produzida por minorias, necessita ser analisada e traduzida por meio de novos olhares, já atentos às questões que as entremeiam e com conhecimento suficiente para entender o contexto social, cultural e político que envolve a produção de cada uma delas. Por fim, esperamos que as interseções existentes entre essas áreas sejam consideradas e que os Estudos de Tradução, discursivos e culturais

possam unir seus conhecimentos a fim de alcançar trabalhos consistentes para que essas obras possam obter o reconhecimento, a análise e as traduções que elas merecem.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, M. A. *O público e o privado em Hannah Arendt*. Disponível em: <www.bocc.pt>. Acesso em: 10 Jun. 2009.
- ARENDT, Hanna. As esferas pública e privada. 10.ed. Trad. Roberto Raposo. In _____. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008, p. 59-82.
- ARROJO, Rosemary. A tradução passada a limpo e a visibilidade do tradutor. In: _____. *Tradução, desconstrução, psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1993, p.71-89.
- _____. Os estudos da Tradução na Pós-modernidade, o Reconhecimento da Diferença e a Perda da inocência. *Cadernos de Tradução I* (Florianópolis), 1996, p. 53-65.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa (s). Trad. Celene M. Cruz e João W. Geraldi. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, n.19, Campinas: Editora da UNICAMP, 1990, p. 25-42.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 9.ed. São Paulo, Martins Fontes, 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. A cultura como consumidor cooperativo. In: _____. *O mal-estar da pós modernidade*. Trad. Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.160-176.
- _____. *Identidade. Entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000.
- BENITES, Flávio Roberto Gomes. A inscrição do sujeito na linguagem: Um contraponto entre Benveniste e Lacan. *Revista Ecos: Instituto de linguagem*. Cáceres: Editora da Unemat, s/d.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral II*. Trad. Eduardo Guimarães *et al.* Campinas: Pontes, 1989.
- _____. *Problemas de lingüística geral I*. 4.ed. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luiza Neri. Campinas: Editora da Unicamp/Pontes, 1995.
- BEVERLEY, John. Introducción. In: _____. *Subalternidad y representación: debates en teoría cultural*. Trad. Marylene Beiza y Sergio Villalobos-Ruminott. Madrid: Iberoamericana, 2004.
- BRANDÃO, H.H.N. *Introdução à análise do discurso*. 2. ed. rev. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.
- _____. Subjetividade, representação e sentido. In BRANDÃO, H. N. *Subjetividade, argumentação, polifonia*. A propaganda da Petrobrás. São Paulo: Editora da Unesp, 1998, p. 33-45.

BRIGGS, Asa. Multimídia. In: BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet*. 2. ed. Trad. Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 312-328.

BRUNO, F. C.; MENDOZA, M, A, C, L. *Hacia el Español – Curso de Lengua y Cultura Hispánica*. (nível avançado) São Paulo: Saraiva, 2000.

BRUNO, F. C.; MENDOZA, M, A, C, L. *Hacia el Español. – Curso de Lengua y Cultura Hispánica*. 6. ed. reform, São Paulo: Saraiva, 2004. V.1.

CANCLINI, Nestor G. A Globalização: objeto cultural não-identificado. In: _____. *A globalização imaginada*. Trad. Sérgio Molina. São Paulo: Iluminuras, 2003, p. 41-68.

CARDOSO, Silvia Helena B. Linguagem, língua, fala e discurso. In: *Discurso e ensino*. Belo Horizonte: Autêntica (FALE), 1999, p.15-48.

_____. *A questão da referência: das teorias clássicas à dispersão de discursos*. Campinas: Autores Associados, 2003.

CARVALHO, J. G. H. de. *Teoria da linguagem: natureza do fenômeno linguístico e a análise das línguas*. Tomo II. Coimbra: Atlântida, 1973.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Trad. Klauss Brandini Gerhardt. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 530p

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. Trad. Angela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2009.

CIRINO, Francis. *Frases e pensamentos*. Disponível em: www.pensador.info > autores. Acesso em: 14 jul. 2010.

CORACINI, Maria José R. F. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução*. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

_____. Transdisciplinaridade e Análise do Discurso: migrantes em situação de rua. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, 11 (1), Thesaurus/UnB, 2010, p. 91-112.

DERRIDA, Jacques. Carta a um amigo japonês. Trad. Érica Lima. In: OTTONI, Paulo (org.). *Tradução: a prática da diferença*. 2. ed. rev. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

_____. *A farmácia de Platão*. Trad. Rogério da Costa. 3.ed. São Paulo: Iluminuras, 2005.

_____. *Torres de Babel*. Trad. Jones Barreto. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

DICCIONÁRIO de *La Real Academia Española*. Tomo I. 21.ed. Madrid: 1992.

DICCIONÁRIO de *La Real Academia Española*. Tomo II. 21. ed. Madrid: 1992.

DICIONÁRIO WEB *online*. Disponível em: <www.dicionarioweb.com.br/html>. Acesso em: 05 jul. 2010.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.) *O que é, afinal, Estudos Culturais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 135-166.

FANJUL, Adrián. *Gramática de español paso a paso*. São Paulo: Moderna: 2005.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 13.ed. São Paulo. Edusp, 2004.

FIGUEIREDO, Carlos Vinicius da *S.O direito ao grito: a hora do intelectual subalterno em Clarice Lispector*. Três Lagoas: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2009.110 f. (Dissertação de Mestrado)

FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação*. As categorias de pessoa, espaço e tempo. 2. ed. 5 reimp. São Paulo: Ática, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. 14. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

_____. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. *A ordem do discurso*. 12. ed. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

_____. *A arqueologia do saber*. 7 ed. 3 reimp. Trad. Luiz F. B. Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. 236 p.

FRANCO, Glauciane H. F; GUERRA, V.M.L. Cultura e relações de poder: um estudo do discurso do leitor da revista *Playboy*. In: NOLASCO, E. C e GUERRA, V.M.L. (Orgs). *Culturas do contemporâneo*. projetos locais/leituras globais. Campo Grande: Editora da UFMS, 2010.

GIDDENS, A. Admirável mundo novo. O novo contexto da política. In: MILBAND, D (Org). *Reinventando a esquerda*. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Editora da UNESP, 1997, p. 37-57.

GÓMEZ, Mateu. O estudo das cores e suas estratégias na propaganda. *online*. Bahia, dez. 2008. Seção Ponto de Vista. Disponível em: <http://www.girleneportela.com.br/artigo.asp?id=576>. Acesso em: 19 jun.2010.

GOTLIB, Nádía B. A literatura feita por mulheres no Brasil. In: _____. BRANDÃO, I., MUZART, Z. L. (org.) *Refazendo nós: ensaios sobre mulher e literatura*. Florianópolis: Mulheres, Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 2003, p.19-72.

_____. *Clarice: uma vida que se conta*. 6. ed.rev e aum. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

GREGOLIN, Maria do R. Análise do discurso e mídia: a (re) produção de identidades. In: *Comunicação, mídia e consumo*. São Paulo. Vol. 4. N.11, p. 11-25. Nov. 2007.

GRETA, Garbo. O mito permanente da divindade. Disponível em: <http://entretenimento.r7.com/cinema/noticias/greta-garbo-o-mito-permanente-da-divindade-20100415.html>. Acesso em: 05 jul. 2010.

GUERRA, Vânia M. L. *Práticas discursivas: crenças, estratégias e estilos*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2000, p.103-131.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10 ed. Rio de Janeiro: São Paulo: DP & A, 2005.

JAGUARIBE, V. M. F. Os caprichos e as condescendências do discurso literário. In: CAVALCANTI, M. M. et al.(orgs). *Texto e Discurso sob Múltiplos Olhares: referenciação e outros domínios discursivos*. vol. 2. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.p. 221-249.

JAMESON, Frederic. O pós-modernismo e a sociedade de consumo. In: _____. *O mal-estar no pós-modernismo*. Trad. Vinícius Dantas. São Paulo: Novos Estudos CEBRAP. nº 12, p. 16-26, jun. 1985.

_____. *A cultura do dinheiro*. Ensaio sobre a globalização. Trad. Maria Elisa Cevasco e Marcos C. P. Soares. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. A lógica cultural do capitalismo tardio. In: _____. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. Trad. Maria Elisa Cevasco. São Paulo: Ática, 2004, p. 27-79.

KOCH, Ingedore.G.V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, I. G.V.; MARCUSCHI, L. A. Processos de referenciação na produção discursiva. *D.E.L.T.A.* n.14, 1998, 169-190.

LAPA, Manuel Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*.4.ed.São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LIMA, E; SISCAR, M. O décalogo da desconstrução: tradução e desconstrução na obra de Jacques Derrida. In: *ALFA: Revista de Linguística*. São Paulo: Editora da Unesp, 2000, v. 44, p. 99-112.

LIPOVETSKY, Gilles. Morte da moral ou ressurreição dos valores: que ética para hoje? In: _____. *Metamorfoses da cultura liberal: ética, mídia e empresa*. Trad. Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2004, p. 23-40

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. *La hora de la estrella*. Trad. Ana Poljak. Madrid: Ediciones Siruela, 2007.

LOSADA-SOLER, E. La Palabra Rigurosa. In: _____. *Mujeres y literatura*. Barcelona: Ángeles Caribí y Marta Segarra ediciones, 1994, p. 123-136.

MAINGUENEAU, D. *Elementos de lingüística para o texto literário*. Trad. Maria Augusta Matos. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. *Termos chave da Análise do Discurso*. Trad. Márcio V. Barbosa e M.E.T Lima. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

_____. *Análise de textos de comunicação*. Trad. de Cecília P. de Souza e Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *Discurso literário*. Trad. Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.

MANINI, D. A crítica feminista À modernidade e o projeto feminista no Brasil dos anos 70 e 80. *Cadernos AEL*, n.3/4, 1995/1996, p. 45-66.

MARCUSCHI, Luiz A. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, Ingedore Villaça. MORATO, Edwiges Maria. BENTES, Anna Christina (orgs). *Referenciação e discurso*. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2005, p.53-101.

MARILYN, Monroe. *online*. Disponível em: <<http://www.marilynmonroe.com/international/portuguese/>>. Acesso em: 04 abr. 2010.

MORIN, E. *Cultura de massas no século XX*. O espírito do tempo.- 2 Necrose. Trad. Agenor Soares Santos. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.

NASCIMENTO, Celina. A. G. S. *Processos de referenciação discursiva na redação de vestibulandos da UFMS*. Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, 2003. 220 f. (Tese de doutoramento)

NOLASCO, Edgar Cezar. A travessia cultural de Macabéa. In: OLIVEIRA, Dercir Pedro de. (org.). *O livro da concentração: o linguístico e o literário*. Campo Grande-MS: Ed. UFMS, 2006. p. 119-129.

_____. *Caldo de cultura: A hora da estrela e a vez de Clarice Lispector*. Campo Grande: Editora da UFMS, 2007. 139p.

NUNES, Maria Aparecida. *Clarice Lispector jornalista: páginas femininas & outras páginas*. São Paulo: SENAC, 2006.

OLIVEIRA, Marta.F. A Migração nordestina e a construção da identidade cultural: uma análise da realidade coxinense à base de A hora da estrela, de Clarice Lispector. *online.s/d*. Disponível em: <[www. Museu-emigrantes.org/seminário – comunicação - Marta-fran.html](http://www.Museu-emigrantes.org/seminário-comunicação-Marta-fran.html)>. Acesso em: 15 jul. 2010.

ORLANDI, Eni. P. *Discurso e leitura*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 3 ed. São Paulo: Pontes, 2007a.

_____. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2007b. 181 p.

OTTONI, Paulo. *Tradução manifesta: Double bind & acontecimento*. Campinas: Editora da UNICAMP; São Paulo: EDUSP, 2005.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. (1975). In GADET, F.; HAK, T. (orgs) *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Péricles Cunha. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni P. Orlandi. 3.ed. Campinas: Pontes, 2002.

PEIXOTO, M. *Ficções apaixonadas: gênero, narrativa e violência em Clarice Lispector*. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2004.

POSSENTI, Sírio. Dez observações sobre a questão do sujeito. In: *Questões para analistas do discurso*. São Paulo: Parábola, 2009.

RODRIGUES, Cristina C. *Tradução e diferença*. São Paulo: Editora da UNESP, 2000a.

_____. *Tradução: a questão da equivalência*. In: *ALFA: Revista de Linguística*. São Paulo, Editora da Unesp, 2000b, v. 44, p. 89-98.

SANTOS SILVA, Augusto. Podemos dispensar os intelectuais? In: MARGATO, Izabel; GOMES, Renato Cordeiro. (orgs.). *O papel do intelectual hoje*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004, p. 39-67.

SHAFFER, Ana Maria de Moura. *Caminhos e descaminhos da crítica feminista: olhares e reflexões*. Campinas: Unicamp, Instituto de Estudos da Linguagem, 2010. (Tese de doutorado.)

SILVA, Cecília Fonseca da. *Formas y usos del verbo en español*. Prácticas de conjugación para lusohablantes. Madrid: La Factoría de Ediciones, 1995.

SILVEIRA BUENO, Francisco da. *Minidicionário da língua portuguesa*. ed rev e atual por PEREIRA, E. B. C. et al. São Paulo: FTD: LISA, 1996.

SPIVAK, Gayatri, C. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TERRA, Ernani. *Curso Prático de Gramática*. ed. rev e ampliada. São Paulo: scipione, 1996.

WELLEK, R; WARREN, A. *A teoria da literatura*. Trad. José Palla e Carmo. 5.ed. Publicações Europa- América, s/d.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2000, p.7-72.

ANEXO

1 Memorial descritivo

Nasci em Birigui (SP), em 1979, e me orgulho por ser desta terra que é conhecida como a Capital Nacional do Calçado Infantil. Pertencço a uma família humilde, minha mãe estudou somente até a 3ª série do Ensino Primário e meu pai se formou no curso de Técnico em Contabilidade, mas nunca exerceu essa profissão. Sou filha única, nasci depois de um tratamento de sete anos que minha mãe fez para engravidar. Após o parto, ela entrou em coma e, quando voltou, soube que não poderia mais ter filhos.

Durante minha trajetória escolar, sempre estudei em escolas públicas e admirei a profissão de professora, porém minha mãe sempre sonhou ter uma filha que fosse dentista, por isso, quando terminei o terceiro ano do Ensino Médio, fui estudar em um cursinho particular a fim de prestar o vestibular para Odontologia, no final de 1998. Porém, esse não era meu sonho, então, conversei muito com minha mãe e ela entendeu que o importante era eu cursar uma faculdade que me agradasse. Prestei o vestibular na Unesp de Assis para o curso de Letras e fui aprovada. Só me dei conta de todas as mudanças, pelas quais minha vida tão tranquila iria passar, na primeira semana de aula, quando meus pais me deixaram em Assis e vieram embora. O primeiro ano foi o pior, depois fui me adaptando à nova rotina.

Tenho uma relação muito bonita com meus pais, sempre estivemos juntos. Só me separei deles durante os quatro anos de faculdade, período em que me apaixonei pela língua espanhola e foi esse o motivo que me manteve firme longe de minha amada família e de meu amado namorado que hoje é meu esposo. Durante os anos de faculdade, tive a oportunidade de viajar duas vezes ao Uruguai para fazer cursos. O primeiro, meu pai pagou com muito sacrifício e o segundo tive a honra de ser selecionada, no último ano de faculdade, para um curso de intercâmbio promovido pela Universidade em parceria com o Centro de Estudos de Línguas da cidade de Montevideu (Uruguai). A vivência que tive no exterior, ainda que tenha sido por pouco tempo, foi de fundamental importância para minha formação.

Após o término da faculdade, em dezembro de 2002, regressei feliz para minha casa em Birigui. Em 2003, comecei a dar aula no CEL - Centro de Estudos de Línguas de duas cidades vizinhas e cursei, como aluna especial do Programa de Mestrado da Unesp de São José do Rio Preto, a disciplina “Abordagens de Ensino de Línguas”, ministrada pela professora Dra. Maria Helena Vieira Abrahão. Ao final de 2003, tentei ingressar no Mestrado nessa Universidade, mas não obtive êxito.

Durante o ano de 2004, consegui ingressar como professora do Ensino Superior na Uniesp de Birigui, a disciplina ministrada era “Espanhol Instrumental” para o curso de Contabilidade. Permaneci nessa instituição até Dezembro de 2008.

Em 2005, fiz uma especialização em Estudos Linguísticos na Unesp de Assis e comecei a dar aula também no CCAA em Birigui.

No ano de 2007, prestei as provas do Processo Seletivo de Mestrado da UFMS, *Campus* de Três Lagoas, mas não consegui ingressar, reprovei na entrevista e reconheço que meu projeto realmente estava muito superficial. Nesse mesmo ano, realizei um grande sonho, comecei a dar aula de Língua Espanhola para o curso de Letras na Faculdade de Ciências e Tecnologia de Birigui, onde permaneço até hoje.

Em 2008, no primeiro semestre, fiz minha inscrição como aluna especial e cursei a disciplina “Linguística Textual”, ministrada pela professora Dra. Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento, no Programa de Mestrado em Letras da UFMS, *Campus* de Três Lagoas. No segundo semestre, eu, muito insistente, prestei novamente o Processo Seletivo da UFMS, *campus* de Três Lagoas e, dessa vez, fui aprovada. A área escolhida foi a de Estudos Linguísticos e a linha de pesquisa *Fundamentos de compreensão e produção do discurso escrito*. Tive a honra e a sorte de ser escolhida pela professora Dra. Vânia Maria Lescano Guerra para ser uma de suas orientandas. E foi justamente ela que, com toda sua paciência e sabedoria, me ajudou a moldar meu projeto inicial e a obter mais conhecimentos sobre a Análise do Discurso, pois confesso que, quando ingressei, tinha pouca leitura nessa área. Desse modo, logo no início, percebi que teria e que tenho ainda um grande desafio pela frente.

Os créditos de disciplinas foram cumpridos no ano de 2009. Aproveitei também os créditos da disciplina cursada em 2008. No primeiro semestre, sob orientação da professora Vânia, matriculei-me em duas em disciplinas: Seminários de Dissertação e Análise do discurso. Na primeira, ministrada pela professora Dra. Vânia Maria Lescano Guerra com a colaboração dos professores Dr. Marlon Leal Rodrigues e Dra. Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento, realizei diversas leituras relacionadas ao tema de minha pesquisa, à metodologia, à análise, bem como recebi diversas orientações a fim de aprimorar meu projeto e começar a esboçar minha dissertação. A segunda, também ministrada pela professora Dra. Vânia Maria Lescano Guerra com a colaboração do professor Dr. Marlon Leal Rodrigues, foi de fundamental importância para o desenvolvimento de minha dissertação, pois nela estudei as relações entre as teorias linguísticas e as concepções de história que estão atreladas aos

pressupostos teóricos da Análise do Discurso de Linha Francesa (AD). Nessa disciplina, estudei a AD desde seu surgimento, na década de 60, até os dias atuais, analisando seus conceitos-chave, sobretudo, na concepção de Michel Pêcheux, Michel Foucault e Mikhail Bakhtin.

No segundo semestre de 2009, também sob orientação da professora Vânia, cursei as disciplinas “Críticas Contemporâneas: Teoria Pós-Moderna e Crítica Cultural, ministrada pelo professor Dr. Wagner Corsino Enedino, “Análise do Discurso - Os discursos da informação, ministrada pela professora Dra. Vânia Maria Lescano Guerra e a disciplina Leitura Orientada, também ministrada pela professora Dra. Vânia Maria Lescano Guerra.

Em “Críticas Contemporâneas: Teoria Pós-Moderna e Crítica Cultural”, tive contato com os pressupostos teóricos de grandes estudiosos dos Estudos Culturais, como Hall, Bauman, Jameson, entre outros, bem como conheci as novas vertentes da teoria e da crítica contemporânea, sobretudo, as teorias pós-modernas e a discussão acerca das relações entre cultura, globalização, consumo, literatura, entre outras, no mundo contemporâneo. Vale mencionar que, ao longo dessa disciplina, muito se discutiu sobre o papel do intelectual nos dias atuais.

Nos estudos da disciplina “Análise do Discurso - Os discursos da informação”, ministrada pela professora Dra. Vânia Maria Lescano Guerra, pude ter outra visão da mídia, que só os estudos da Análise do Discurso poderiam proporcionar, por meio de todo um referencial linguístico-discursivo a esse respeito. Consegui, por meio dos estudos de Charaudeau, Gregolin, entre outros, enxergar o funcionamento do aparelho midiático de forma detalhada, bem como aprendi a fazer questionamentos sobre o poder de manipulação da mídia e sua responsabilidade ao veicular determinadas informações transmitidas.

Por fim, na disciplina “Leitura Orientada”, li diversos textos relevantes ao meu trabalho, apresentei seminários aos meus colegas e foram realizadas diversas discussões de muita importância para o desenvolvimento de minha pesquisa.

O ano de 2009 foi bastante produtivo, ao final tinha três artigos escritos, sendo dois fruto da disciplina “Análise do Discurso”. O primeiro foi intitulado “A Pessoa de Rodrigo S.M” e o segundo “Análise de Expressões Idiomáticas”, este último bastante elogiado pelo professor Dr. Marlon Leal Rodrigues, que inclusive me convidou para publicá-lo na revista

on-line da UEMS. Ainda não fiz os ajustes que ele pediu, por isso não o publiquei , mas pretendo publicá-lo posteriormente.

Em outubro de 2009, apresentei a comunicação intitulada “Um estudo da constituição do sujeito em Rodrigo S.M de Clarice Lispector”, no V Seminário de Estudos da Linguagem, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, do *Campus* de Três Lagoas. Nesse mesmo congresso fiz o minicurso “Michel Foucault e seu Método arqueo-genealógico”, ministrado pelo professor Flávio Roberto Gomes Benites e com a participação especial da professora Dra. Vânia Maria Lescano Guerra.

O ano de 2010 começou com minha inscrição na disciplina “Escrevendo Dissertação”, cujo objetivo o próprio nome já diz. Em maio de 2010, apresentei a comunicação intitulada “A construção da identidade de Macabéa em A hora da estrela”, no II Colóquio de Pós-Graduação em Letras: “Literatura e Vida Social”, realizado na Unesp de Assis.

Muitas foram e são as dificuldades que têm me acompanhado neste ano que é definitivo para a conclusão do mestrado. Tive que parar de escrever minha dissertação várias vezes em virtude de alguns problemas de saúde de meus pais, pois minha mãe tem um problema nos ossos que se agravou, fato que dificulta os movimentos de sua perna esquerda e meu pai teve uma hemorragia digestiva e ficou internado por semanas. Esses fatos, que fazem parte de nossa trajetória e que são inevitáveis, às vezes acabam nos impedindo de fazer o que havíamos planejado, assim tive muita dificuldade para escrever os capítulos de minha dissertação. Apesar de tudo, em momento algum, pensei em abandonar meus pais ou em desistir do mestrado. A única coisa da qual abri mão, este ano, foi de algumas aulas, justamente para poder ter mais tempo para escrever.

A minha dissertação, especificamente, cujo título é TRADUÇÃO E IDENTIDADE: UMA ABORDAGEM DISCURSIVA DE “A HORA DA ESTRELA”, DE CLARICE LISPECTOR, assim como os caminhos seguidos, ao longo dos capítulos escritos, foram fruto de um intenso trabalho de escrita em meio a diversos percalços, mas, por outro lado, um trabalho fortificado por uma orientação precisa e segura da professora Vânia, a quem serei eternamente grata pela honra de ser sua orientanda e pela generosidade ao compartilhar o imenso conhecimento e experiência que ela possui.

Por fim, ressaltamos o quanto esta pesquisa é relevante para nosso crescimento intelectual.